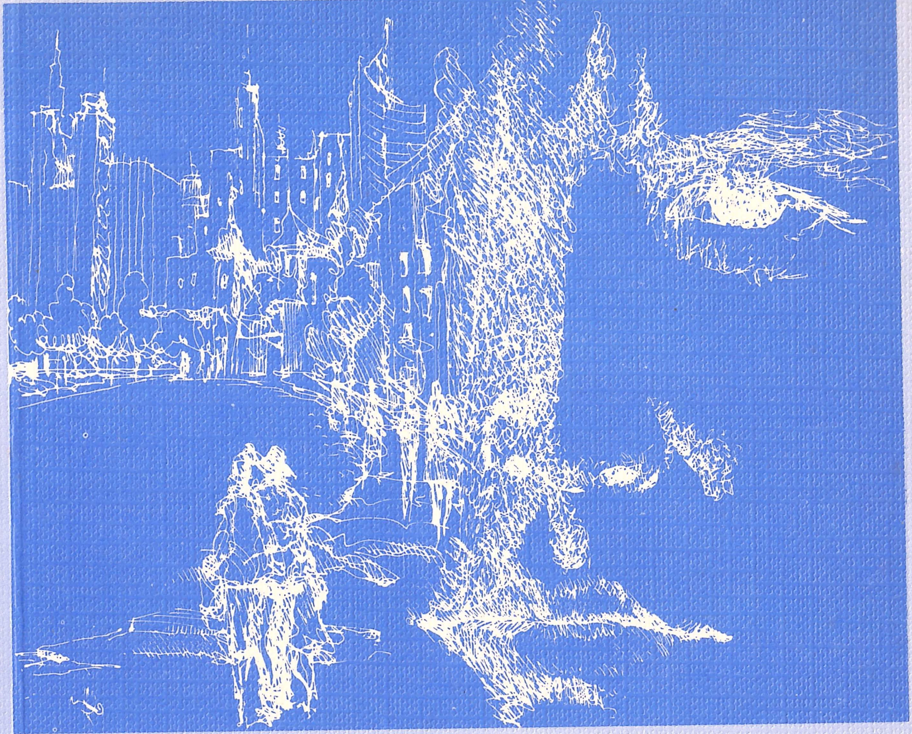

MEMÓRIAS DE UMA ALMA

JOSÉ SURIÑACH

Memórias de uma Alma

JOSÉ SURIÑACH

Memórias de uma Alma

Romance real
de
ADRIANO DE MENDOZA

psicografado no
CENTRO ESPÍRITA "CRISTÃO"

☆

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17
20941 — Rio-RJ — Brasil
e
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F
70830 — Brasília-DF — Brasil

5ª edição

Do 21.º ao 25.º milheiro

Capa de CECCONI

NRBN

73-AA; 001.5-O; 5/1984

Copyright 1935 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Casa-Máter do Espiritismo)
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F
70830 — Brasília-DF — Brasil

Reprodução fotomecânica e impressão offset *das Oficinas do Departamento Gráfico da FEB*
Rua Souza Valente, 17
20941 — Rio, RJ — Brasil
C.G.C. n.º 33.644.857/0002-84 *I.E. n.º 81.600.503*

Impresso no Brasil
PRESITA EN BRAZILO

Reminiscências

Ao pairar na atmosfera radiosa, flutuando nas ondas do éter, a medir, de relance, os páramos do Infinito, sinto-me tão pequenino qual ínfimo grão de areia perdido no oceano, e, possuído de santo respeito, exclamo entusiasmado:

— Meu Deus, como sois grande!

Contemplando os jogos de luz que em apoteose excelsa se desprendem artìsticamente da imensa catarata de mundos, rápidos a evolucionarem na imensidade do espaço e envolvendo-me na filigrana de um íris de indefinível policromia, deslumbrado, por completo, digo:

— Meu Deus, como sois belo!

Ponderando a perfeita harmonia das leis sábias, a que obedecem todas as forças do Universo, cujos efeitos se manifestam na fúlgida maravilha da Obra da Criação, curvo a fronte perante a vossa onipotência e, admirando a vossa ciência, repito:

— Meu Deus, como sois sábio!

Que seria de nós sem o divino impulso da vossa vontade soberana?!

Não existiríamos, simplesmente!

Se hoje, pequenino, já posso conceber-vos e imaginar o foco da vossa pura luz, que não será no dia em que, no templo da ciência, puder admirar vossa excelsa irradiação!

Onde assentará o imaculado Oceano, no qual

vai confundir-se a acidentada correnteza das nossas múltiplas existências?

Arcano misterioso! Anacronismo do porvir! Podereis ser, jamais, desvendado por nossas pobres almas, que não têm um momento de repouso, ávidas de pesquisar o vosso princípio e fim, coisas ambas que permanecem envolvidas no denso véu de um mistério impenetrável?!

Vejo-me rodeado de um formigueiro de mundos que atentamente contemplo e... todos habitados!

Compreendo, Santo Deus, que à alma lhe são necessários esses mundos transitórios, pontos de apoio no espaço, onde pode desviar, embora por um instante, o seu olhar do Infinito, cuja eterna contemplação chegaria a embotar-lhe os sentidos, pois a coisa que mais esmaga é a monotonia do incompreensível.

Assim, nas diversas moradas espalhadas na imensidade, a alma vai aumentando o cabedal de conhecimentos que, cada vez mais, alargam o voo das suas percepções.

Ao relembrar meu passado e dirigir retrospectivo olhar ao ponto mais afastado das minhas recordações, ó Santo Deus, que vejo?

Um poético recanto, oásis encantador, que à minha vista se oferece qual miragem deliciosa de sonho paradisíaco.

Uma relva abrilhantada pelos raios do sol nascente, onde as aves mais formosas fazem ouvir as cadências dos seus trinos e gorjeios.

Árvores seculares ostentam, altivamente, ramagens frondosas revestidas de folhas verdes.

Eu... sinto-me pregado ao solo, num tapete esmeraldino, matizado de florzinhas em cujas pétalas perfumadas perlífero orvalho cintila. A meus

pés, alegremente, brinca cristalino manancial cujo burburinho suave acompanha o cântico das aves.

As flores vizinhas comprazem-se, vaidosas, contemplando a própria imagem no límpido espelho das águas.

Sentindo também veemente desejo de contemplar-me, inclino-me, instintivamente sobre a relva da margem.

Olho e... oh! assombro! Desenhada na pura linfa vejo a plástica delicada de uma suave flor de lindo aspecto e alvinitente cor, que, impelida brandamente pela brisa matutina, suavemente balança no hastil alongado.

Diante de tão belo espetáculo, sinto no meu íntimo algo de inexplicável, que não posso exprimir, mas que manifesta a harmoniosa unidade da corrente misteriosa que, suspensa na imensidade, se perde no Infinito.

Do átomo à molécula, do grão de areia ao rochedo, da flor à ave ligeira, do reptil ao quadrúpede, vai o princípio anímico, de evolução em evolução, sofrendo transformações, ganhando faculdades, até ser digno de entrar na própria Humanidade e, dela sem parar um instante, sempre em voo ascendente, desprendendo-se mais e mais das suas imperfeições, atravessando atmosferas, cruzando novos espaços, percorrendo vastos horizontes, entrando a fazer parte das humanidades que se agitam em belas e radiosas esferas até, finalmente, chegar vitorioso, cheio de glória, ao ponto culminante da obra da Criação, templo sacrossanto da ciência e da Perfeição, éden sublimado no qual a alma se identifica com Deus.

Corria o mês de Dezembro de 1670. Acabavam de bater sete horas no relógio colocado na elevada

torre da Giralda (catedral), célebre relíquia arquitetônica erigida na Praça maior de Sevilha, formosa cidade de Espanha, que naquela hora matutina aparecia adormecida sob um manto de puro arminho.

Quase fronteiro à Giralda, ostentava-se o antigo castelo do Barão de Calatrava, nobre cavalheiro possuidor de avultada fortuna.

D. Armando, homem dos seus quarenta e cinco anos, era o protótipo da bondade. A uma alma humilde e bondosa conjugava-se o coração magnânimo, generoso, verdadeiro coração de ouro.

Sentia intensa devoção pelas letras, porém, sua paixão favorita era o estudo das ciências naturais, às quais dedicava grande parte do seu tempo.

Isto não o impedia de adorar a estremecida esposa, com a qual se casara havia alguns anos.

Homem de costumes sóbrios, suspirava constantemente pelo nascimento de um filho, que viesse perpetuar o nome preclaro dos seus antepassados.

Após quinze anos de perspectivas esperançosas, engastadas no céu da sua felicidade, e quando já principiava a declinar ao amargor da realidade, Deus favoreceu-o com a realização de suas douradas ilusões.

D. Marta acabava de completar trinta e dois anos. Dama formosíssima e virtuosa, que amava o marido, dedicava-se inteiramente a proporcionar-lhe uma existência feliz e venturosa.

Vivia retirada, recebendo poucas visitas e saindo apenas para encaminhar-se ao templo, a cumprir os preceitos que lhe impunha a religião católica, que, desde criança, professava; ou, então, para transportar-se a algumas das míseras choupanas dos arrabaldes afastados, onde deixava o seu óbolo em benefício daquelas pobres criaturas que, ao se

despedir, lhe inundavam as mãos com o benéfico orvalho do reconhecimento.

A baronesa regressava ao solar, sensibilizada com as manifestações de alegria daquelas almas simples, algumas das quais, deitadas em miseráveis enxergas, pareciam ter nascido para sofrer toda a sorte de privações e beber, a grandes sorvos, a taça amarga da dor.

Logo se dedicava às ocupações próprias de seu sexo, elevando uma prece ao Criador, prece que condensava a ideal aspiração de toda mulher que penetra nos domínios de Himeneu: — ter um filho no qual pudesse concentrar toda a meiguice da sua alma delicada, comunicando-lhe toda a vida, todo o calor do seu coração maternal.

Possuir um ser, carne da sua carne, sangue do seu sangue e alma da sua alma! Um ser que lhe roubasse todo o seu tempo, ao qual pudesse apertar nos braços, beijar a seu bel-prazer e secretamente confiar-lhe suas dores, alegrias, desânimos e ilusões...

Essa, toda a sua aspiração!

Belo ideal que dignifica a mulher, colocando-a no ponto mais elevado das posições sociais.

Belo ideal, que transforma a mulher, para convertê-la em mulher-mãe.

Mãe! Que é mãe? É um ser todo-amor, todo ternura, todo meiguice, todo suavidade. Um ser que não tem vida própria, pois a sua vida é a do filho. Um ser que reúne todos os amores da Terra. Um ser que, qual divina vestal, sabe sustentar sempre vivo o fogo sagrado do amor.

Haverá amor mais nobre, mais sublime, mais puro e santo que o materno?

Não! Jamais!

Depois do amor de Deus, o amor materno é

o que mais sobreleva a todos os amores. E a mulher que em seu coração o sente, sob o influxo poderoso dessa divina vibração, deixa de ser mulher para transformar-se em anjo.

Chegará, pois, o instante desejado e ao mesmo tempo temido de toda mulher. O instante em que, finalmente, se quebraria o dique que continha a impetuosa corrente dos arroubos do seu coração, para que a corrente se precipitasse em ondas harmoniosas do mais puro dos amores — o maternal.

Armando de Calatrava passara toda a noite na antecâmara, sentado numa poltrona e com um livro na mão, livro que nem sequer via, apesar de fitá-lo com os olhos fatigados, pois sua atenção estava toda concentrada na alcova da baronesa, assistida pela parteira e pelo médico da família.

De repente, o barão levantou-se, abandonando o livro.

Acabava de surgir o doutor, que vinha felicitá-lo pelo feliz nascimento do seu primogênito.

— Meu amigo, disse o doutor, dignai-vos receber meus parabéns. Que o vosso lar seja envolvido numa atmosfera de felicidade com a vinda desse anjinho.

— Mas... doutor, interrompeu o barão... Marta?

— Está livre de perigo. Agora, só depende do trabalho da parteira.

O doutor saiu.

No mesmo instante em que o eco da última badalada das sete horas se perdia no espaço, a porta que comunicava com a alcova da baronesa se abria, aparecendo no limiar a austera figura da dama de companhia, a sustentar uma almofada de veludo escarlate, sobre a qual se debatia um robusto menino de fresca e rosada carnadura.

— Senhor barão, disse a dama, eis aqui o vosso nobre rebento.

Nuvens róseas em alvos horizontes

Armando precipitou-se para o recém-nascido, cobrindo-o de apaixonados e repetidos beijos, que muito bem demonstravam o entusiasmo do seu coração.

— Meu filho, exclamava — meu tesouro, quero que perpetues o meu nome: por conseguinte, chamar-te-ás — Armando de Calatrava.

E, louco de alegria, entrou no dormitório, correndo, para depositar a criança no leito, junto da baronesa, que, embora palidíssima pelo transe perigoso por que passava, dirigiu ao inocentinho um olhar de infinito amor.

— Não é verdade, minha Marta, que se parece contigo?

— Não sei.

— Sim! Ouve-me: gostas que se perpetue o meu nome?

— Sim. Para mim qualquer nome satisfaz.

— Neste caso, ajuntou o barão com ênfase, chamar-se-á Armando de Calatrava.

Passaram-se quinze dias.

Marta quis, ela mesma, amamentar o filho; dizia que ela própria lhe dera a vida, por isso não consentia que outra lhe desse o leite, máxime estando ela forte e robusta.

O barão, sempre condescendente, acedeu.

Dois meses depois, a criança era batizada na capela do Castelo, seguindo-se pequena festa para a qual o barão convidara as mais íntimas pessoas de suas relações.

No decorrer da festa, chegou um mensageiro com uma carta.

Rasgando-lhe o envelope e, lendo o conteúdo, o barão empalideceu, embora a seu pesar.

Marta, que estava perto dele, reparando na sua comoção, perguntou:

— Armando, de quem é essa carta?

— De quem há-de ser? — De Carlos.

A baronesa experimentou um rude choque.

— Dele? E que te diz nessa carta?

— Toma-a e verás, respondeu o barão, entregando-lha.

Ela pegou o papel e leu:

"Querido irmão. Acho-me em situação bastante precária.

"Se tu e Marta acreditassem no meu arrependimento, eu pediria para ser admitido novamente junto de ambos.

"Ousarias negar-te, meu irmão, agora que o céu enriqueceu o teu lar com a vinda do teu primogênito?

"Espero ansiosamente a tua resposta.

"Carlos de Calatrava".

Terminando a leitura, Marta fechou os olhos e permaneceu muda, como se estivesse concentrada nalguma dolorosa lembrança.

Armando, que a contemplava ansioso, atreveu-se a perguntar, embora tìmidamente:

— Que pensas, querida?

Ela abriu os olhos, sobressaltada, e olhando em volta de si, como a certificar-se de que não eram observados, respondeu com esta pergunta:

— E tu?

— Não me atrevo a dizê-lo.

— Porquê?

— Temo contrariar-te.

— Não, meu Armando, jamais me contrarias. Conheço muito bem a nobreza da tua alma e a generosidade do teu coração sempre disposto a perdoar; mas acho, meu amigo, que não deves ser tão condescendente com ele, pois meu coração me diz que acabará sendo o instrumento da tua perdição!

— Não te atemorizes, Marta! São apreensões vãs. Eu bem sei que devia mostrar-me severo para com ele, mas... é o único irmão e não posso deixá-lo abandonado de todo. Nossa mãe pediu-me, no seu leito de morte, que jamais o abandonasse e que procurasse guiar-lhe os passos pela senda difícil do bem. Jurei obedecer e devo fazê-lo.

— Sim, respondeu prontamente a baronesa, mas ele sempre ouve os teus conselhos como quem ouve chover, e obedece às tuas ajuizadas instruções semeando o mal por toda a parte, destruindo tudo quanto toca...

— Mas, se o deixo sem proteção, fará pior ainda; demais, é ainda novo. Quando adquirir mais idade e possuir mais experiência da vida, estou certo de que tomará juízo.

— Não esperes por isso, Armando; aí, o que há é que ele é a antítese da tua alma. Tu, todo amor, todo bondade; ele, todo perversidade, nem parece que o mesmo sangue corre nas veias de ambos.

— Bem, querida Marta, concluiu o barão humildemente. Jamais me permitiria desgostar-te, máxime, podendo socorrê-lo sem necessidade de o termos junto de nós.

— Isso não, exclamou ela abraçando-o. Se o teu gosto é que ele venha, seja benvindo! Perdoar-lhe, porém, ajuntou com firmeza, não posso; sinto

que jamais o poderei, enquanto não se me apagar da mente a triste lembrança da pobre Helena. Sua sombra querida se interporá, sempre, entre nós dois.

— Isso agora, enquanto o ato é recente... Mais tarde conseguirás esquecer... principalmente se chegares a convencer-te de que todos estamos sujeitos à lei da fatalidade e...

— Nunca! Jamais me convencerei da realidade dessa tua teoria, meu Armando. Como? Então haverá almas condenadas a serem o ludíbrio, o escárnio das outras almas suas semelhantes?! Como explicar, assim, a lei da igualdade que deve ser perfeita em todos os seus pontos, para que reine a harmonia na obra universal?

— Sim, minha bela; todos, ao nascermos, já trazemos nosso destino assinado. Nossa trajetória pelo planeta já está preparada de antemão. Muitas vezes, somos nós próprios que traçamos o percurso a fazer; e, todavia, a lei de igualdade não deixa de ser feita em todos os seus pontos. Marta, não há efeito sem causa; por conseguinte, não deixa de ser a consequência, isto é, a resultante duma existência anterior. Helena, flor delicada, toda sentimento e poesia, quem sabe se não precisava passar pelos sofrimentos por que passou na sua breve encarnação? Quem sabe, também, se alguma falta por ela cometida, em alguma existência passada, maculava a sua alma? Certo é que, só no cadinho da dor, as almas se libertam das suas imperfeições.

— Mas, se assim é, ela teria falido...

— Certamente, pois matou-se, quando devia respeitar o dom da sua existência material.

Marta exclamou:

— Infeliz! Faltou-lhe a coragem para afrontar o opróbrio da sociedade perversa, que ao invés de estender mãos amigas, ajudando a se levantarem as pobres almas caídas, procura mais afundá-las, encerrando-as no círculo indigno da mais cruel maledicência. E para aquele que precipita uma alma cândida e pura no lamaçal da ignomínia não haverá castigo?

— Coitado, respondeu o barão, esperam-no inúmeras existências de dores e sofrimentos, e os remorsos mais pungentes o acompanharão por muitos séculos.

A baronesa enxugou duas lágrimas, arrancadas à lembrança de Helena.

Porque, Marta, alma tão delicada, tão sensível, tão amorosa, nutria o sentimento de ódio ao cunhado, a ponto de não poder perdoar-lhe?

E' o que vou explicar. Para isso, precisamos retroceder ao ano anterior àquele no qual começam estas memórias.

Helena

Era um anjo de beleza, de asas imaculadas, uma dessas flores que estèticamente se ostentam na borda esmeraldina dos lagos límpidos, cristalinos e que, ao contacto profano da mísera mão humana, caem desfeitas em chuveiro de pétalas odorantes.

Como era bela!

Em seu rosto de perfil grego, de alabastrina epiderme, destacavam-se belos olhos rasgados, de azul-celeste. Moldurava-lhe a fronte abundante cabeleira de bela cor bronzeada, que, exposta aos raios do Sol, despendia reflexos áureos. Alta, maneiras distintas, seu porte elegante não podia ser mais atraente.

Filha única do administrador da *Vila das Andorinhas*, bela propriedade que a baronesa possuía

nos arrabaldes de Sevilha, e que majestosamente se ostentava à margem fertilíssima do Guadalquivir.

Desde a mais tenra idade, ficara órfã de mãe e a baronesa encarregara-se de custear-lhe os estudos, internando-a no convento das monjas da Ordem de Maria Auxiliadora.

Ali permaneceu ela até completar vinte anos. A baronesa amava-a muito, não só pela educação que recebera, como também pela bondade da sua alma, e, por isso mesmo, tomou-a como dama de companhia.

Helena, desde criança, reconhecendo-se alvo do afeto de Marta, acostumou-se a ver nesta mais do que uma protetora, isto é, uma verdadeira mãe, e assim a tratava por este doce nome.

Quando saiu do convento e entrou ao serviço da baronesa, Carlos, o irmão do barão, estava em Madrid, Capital de Espanha.

Dois meses depois, chegava ele precisamente no dia em que o irmão dava, no castelo, um "baile", elegante, festejando, conforme fazia todos os anos, o aniversário natalício de Marta.

Naquela noite, a baronesa, radiante de beleza, ostentava na fronte a sua coroa heráldica cravejada de gemas que, à luz dos candelabros de prata, despendiam cintilas resplandecentes. E multiplicava-se, recebendo no salão principal os inúmeros convidados.

A seu lado, a gentil Helena vestindo elegante, vaporosa e branca túnica, ornada de rendas de Bruxelas, era o alvo dos olhares de quantos iam entrando, sem saberem o que mais admirar na jovem — se a sua rara formosura, se as suas maneiras delicadas...

A festa corria animada...

Helena sentou-se ao cravo e tocou uma valsa

arrebatadora. Irrequietos pares começaram a voltear pelo salão.

Terminada a valsa, quando os cavalheiros acompanhavam as damas aos seus lugares, apareceu um pagem à porta principal do salão, anunciando:

— D. Carlos de Calatrava!

Houve um movimento geral de curiosidade por parte das damas, e de estupor e espanto entre alguns cavalheiros.

Marta empalideceu instintivamente, levantou-se atravessando o salão e juntou-se a Helena, que se dispunha a abandonar o instrumento.

O pagem retirou-se e surgiu elegante mancebo, ao encontro do qual foi Armando.

Era ele, Carlos...

Já é tempo de falarmos um pouco a respeito desta personalidade.

Como muito bem dizia Marta, Carlos e Armando eram duas almas opostas.

Ainda novos, ficaram órfãos. Ao morrer, a mãe recomendou Carlos a Armando, não sòmente por ser aquele ainda criança, como também por causa das más inclinações que demonstrava.

Armando internou-o num colégio, do qual saiu aos vinte anos.

Desenvolvido, intelectualmente, o seu moral deixava, entretanto, muito a desejar.

Possuindo finas maneiras, trato afável e insinuante, conquistava logo a simpatia de quantos o conheciam.

Belo sem efeminação, elegante, não era de todo perverso; mas as suas ideias materialistas afogavam-lhe no coração os sentidos dignos que porventura ali se pudessem albergar.

Ele não compreendia a vida senão pelos gozos

materiais, aos quais sacrificava tudo: — ouro, dignidade, honra...

Para ele o amor não passava de um sentimento puramente material, ao qual dava satisfação, sem que se alterasse uma só das fibras do seu coração.

Ver, era desejar, e não media sacrifício algum para conseguir o que desejava.

Quantas infelizes não caíram em seu poder, para serem logo afastadas com aviltante desprezo!

Aos vinte e cinco anos, acabara totalmente com a herança materna, ficando à mercê de Armando, que não cessava um instante de lhe dar os melhores conselhos, para que pusesse termo àquela vida de escândalos.

Prometia emendar-se, mas não cumpria as promessas.

Convencido de que nascera apenas para viver e gozar, entregava-se, por inteiro, às paixões materiais, que mais e mais o afundavam no pego da iniquidade.

Seu último escândalo fora em Madrid, onde passava o verão, tirando do lar conjugal uma pobre criatura inocente, cujo marido, não podendo suportar a afronta à sua honra, foi encontrado, certa manhã, estendido num dos bancos do *Passeio de Castelhana,* com o coração varado por uma bala. Infeliz!

Quanto a ela, pouco depois abandonada pelo sedutor, que remédio lhe restava senão acabar por descer a escada lamacenta da ignomínia?

Em Sevilha, onde ocorrera a maior parte das suas escandalosas aventuras, Carlos era quase temido pelos cavalheiros, cujas esposas fôssem mais ou menos belas e atraentes. Tal era, moralmente, o nosso homem.

Armando disse-lhe severamente, em surdina:

— Como! Estarás tu louco para praticar assim tanta estroinice?

— Ah! Tu sabes?

— Quem haverá ainda que ignore as tuas proezas? E' preciso acabar com essa vida.

Carlos, cortando a conversa que começava a desgostá-lo, disse:

— Sabia que hoje celebras o aniversário de Marta e... aqui estou. E... Marta?

Enquanto assim falava, o seu olhar percorria o vastíssimo salão, e, deparando-se-lhe esplêndido grupo formado pelas mais belas criaturas, para ali se encaminhou.

Coração ferido

Carlos inclinou-se respeitoso e, beijando galantemente a acetinada mão da cunhada, indagou:

— Como vai passando a fada gentil deste paraíso encantado?

Ligeiro tremor de lábios e a baronesa respondeu:

— Bem, obrigada... Mas... dizei-me, cavalheiro, que nova conquista vos impeliu a deixar os vossos afastados domínios para vir perturbar a harmonia reinante no encantado paraíso?

— Cara Marta... Eu... perturbador?

— Sim! Acaso não estais vendo os olhares desconfiados com que vos estão mimoseando todos esses convidados? E esse ar amedrontado das minhas amigas queridas?

— Neste caso, respondeu o mancebo com tal ou qual despeito, não sei porque será...

— Ah! Não o sabeis? Pois bem, eu vo-lo direi. Deveis saber que até este paraíso encantado chegou o eco das vossas proezas. Aqui, ninguém

ignora as aventuras não santas em que se acha envolvido o nome de Carlos de Calatrava...

O rosto do mancebo tingiu-se de escarlate.

Parecia envolvida nas palavras de Marta uma acerba censura à sua escandalosa conduta.

Humilhando-se, murmurou a meia voz:

— Sinto, cara Marta, que minha presença venha perturbar a harmonia do vosso ninho paradisíaco, mas, podeis ter certeza de que Carlos de Calatrava saberá sempre respeitar a fada formosa que aqui reside.

— Assim o espero, concluiu Marta. Depois, tomando a mão de Helena, apresentou-a, dizendo:

— Helena Mendosa, minha filha adotiva; e dirigindo-se a esta:

— Meu cunhado, Carlos de Calatrava.

Ele inclinou-se profundamente, beijando a mão que Helena ingênuamente lhe estendia, enquanto que nos seus lábios floreava gracioso sorriso.

Naquele mesmo instante, ecoavam no salão os acordes melodiosos de uma valsa lenta.

Carlos ofereceu o braço a Helena, convidando-a a valsar.

Aceitou, e, apoiada ao braço do cavalheiro, vaporosa e gentil, qual náiade delicada, avançou até o centro do salão, ambos se confundindo logo na onda irrequieta dos amadores de Terpsícore.

A baronesa não os perdia de vista, presa de tristes pressentimentos que a seu pesar envolviam sua bela alma num véu de intensa melancolia.

Tirou-a da sua contemplação a presença de um nobre cavalheiro que a convidou para dançar.

Aceitou e, logo que a valsa terminou, o cavalheiro acompanhou-a até ao sofá, onde ambos, devidamente sentados, entabularam uma destas conversas triviais, próprias da alta sociedade.

De repente, Marta notou a falta de Helena e teve um sobressalto. Percorreu com a vista o salão e não a viu em parte alguma.

Pedindo desculpas ao cavalheiro, afastou-se disposta a procurá--la até encontrá-la.

Como que guiada por força invisível, aproximou-se de um gabinete que dava acesso ao grande salão por uma porta encimada de um cortinado de veludo roxo com franjas de ouro.

Quando ia levantar o cortinado, teve uma ideia... Afastou-o um pouco e espreitou pela fincha aberta entre o cortinado e o vão da porta.

O coração oprimiu-se-lhe dolorosamente e, afastando-se daquele lugar, procurava afetar indiferença, porém, sentindo, no mais recôndito dalma, mortal angústia pelo que acabava de ver.

Helena estava sentada numa poltrona, de cabeça baixa, parecendo atenta em contar as varetas do seu leque de penas, mas, realmente, para ocultar o rubor que lhe incendia o belo rosto, provocado, certamente, pelas apaixonadas confidências de Carlos, ajoelhado a seus pés.

Terminada a festa, quando os convidados se retiraram, Marta estava convencida de que Carlos causara profunda impressão a Helena, que se mostrava como que concentrada num único e constante pensamento.

Carlos recolheu-se, também, aos aposentos que lhe eram destinados.

As luzes foram-se apagando, e, no Castelo, reinou profundo silêncio.

Marta e Helena conversavam, ambas sentadas num poltrona, na própria antecâmara da baronesa. Esta, fitando atentamente a pupila, como se pretendesse ler-lhe nos olhos o que se passava no íntimo da sua alma, perguntou-lhe:

— Helena, que te pareceu a nossa festa?

— Oh! mamãe, esplêndida! Jamais me esquecerei desta noite.

— Quanto entusiasmo! Dize-me, filha, que foi que mais atraiu hoje a tua atenção?

Helena perturbou-se. Tal perturbação não passou despercebida à baronesa, que a observava atentamente.

— Não sei, mamãe... Tudo... Tudo... Tudo foi para mim motivo de satisfação e alegria.

A amabilidade daquelas damas pertencentes à alta sociedade, que, esquecendo a minha humilde condição, me trataram como se eu pertencesse à alta classe, despertou no fundo do meu coração um tal sentimento, que jamais deixarei de manifestar-lhes a minha gratidão.

— Sim, ajuntou a baronesa, especialmente as atenções de Carlos...

Nova perturbação da donzela, que respondeu grandemente confusa :

— Pois é... Também a ele devo agradecer.

Marta, cingindo a formosa cabeça de Helena e afagando-a como se fôsse uma criança, exclamou:

— Vamos, minha Helena, confessa que Carlos te causou profundíssima impressão...

Como única resposta, ocultou o lindo rosto no peito da baronesa e desatou em pranto.

Marta sentiu uma angústia indescritível.

— Conta, minha Helena, conta-me as tuas impressões.

A jovem, erguendo o rosto e fitando serenamente a baronesa, disse:

— Pois bem!... As suas palavras despertaram no meu coração um sentimento novo, completamente desconhecido para mim, até hoje, e que

atribuo seja amor. Sinto que o amo, embora seja indigna do seu amor, dada a minha condição.

— Indigna! Jamais — replicou a baronesa prontamente. Tu, minha Helena, és digna de ser amada por um príncipe. O único inconveniente que há é que foste muito depressa abrir teu coração à esperança, deixando embalar tua alma com palavras rodeadas de falsa paixão...

— Oh! Que dizeis, minha mãe? Será possível proferir palavras representando uma paixão que não é sentida?

— Infelizmente assim é... Carlos não te ama; estou disso convencida. Ele não procura em ti outra coisa além de uma nova vítima para juntar ao rol das suas conquistas galantes.

— Santo Deus! exclamou Helena, de cujos olhos começou a desprender-se um manancial de lágrimas, ao mesmo tempo que dizia: — Será possível? Será o amor, que me confessou, um falso amor? Sim, eu devo crê-lo, pois quando a senhora o diz, razão terá para falar assim.

— Esquece-o, minha Helena, enquanto é tempo. Ele não pode fazer-te feliz; é indigno de ti. Ouve e segue meus conselhos, que são de uma mãe que te adora e deseja ùnicamente a tua felicidade.

— Pois bem, concluiu a pobre moça enxugando as lágrimas. Procurarei fazê-lo; mas, para isso, também será preciso deixar sua companhia e ocultar-me nalgum lugar onde não possa mais vê-lo.

— Sim, minha querida filha, vai reunir-te a teu pai, lá na *Vila das Andorinhas*.

A Vila das Andorinhas

Era um formoso edifício apresentando a forma de castelo feudal, e que, já o dissemos, se elevava ele-

gantemente à margem do Guadalquivir, que ali adquiria profundidade bastante considerável.

A porta principal abria para o lado do rio e estava colocada ao alto da marmórea escadaria, cujos primeiros degraus eram lambidos por águas tranquilas e tão límpidas que deixavam ver o fundo do leito arenoso.

Quinze dias havia que a bela Helena habitava a Vila, na companhia do pai que ela muito adorava.

Ernesto Mendoza era, desde a sua mocidade, o administrador da Vila.

Ele idolatrava Marta e tinha razão para dedicar-lhe tão intensa devoção.

A baronesa passou noites a fio velando à cabeceira do leito de sua defunta mulher, que veio a falecer-lhe nos braços.

Foi ela quem cuidou da educação de Helena. Ela, finalmente, quem o confortava nos momentos em que a dor o afligia, a verdadeira dor produzida pela perda da querida companheira.

Quando Helena veio reunir-se a Ernesto, contava este já quarenta e cinco anos de idade, embora parecesse ter muito mais.

A tristeza que invariàvelmente o dominava, pela ausência daquela que sempre fora fiel companheira, ia minando a sua constituição outrora tão robusta.

Homem de vastos conhecimentos, possuía igualmente acrisolados dotes morais.

Sua crença em Deus e na emancipação das almas, fazia-lhe desprezar as falsas glórias deste mundo e dava-lhe forças para aguardar o momento, tão ansiado, de reunir-se aos seus entes queridos, na Pátria Celestial, onde as almas vão descansar depois da fadigosa existência, e onde os que

muito sofreram vão gozar a recompensa de uma bem-aventurança eterna.

A chegada da filha reanimou-o bastante.

Marta, para não afligir mais aquele coração já tão ferido, não lhe revelou a verdadeira causa da remessa de Helena para junto dele e... fêz mal, pois o pobre pai, para não contrariá-la, deixava-a agir com toda a liberdade.

Helena, que também nada lhe revelou, passou os primeiros quinze dias triste e melancólica, pois não podia afastar da mente a imagem de Carlos, cujas apaixonadas palavras pareciam vibrar ainda aos seus ouvidos, repercutindo suavemente no mais íntimo do coração.

Amiudadas vezes, lembrava-se das ternas palavras da sua nobre protetora: — "Esquece-o, minha filha, pois ele não pode fazer-te feliz". E, oprimindo o coração com ambas as mãos, fechava os olhos para afastar a imagem de Carlos, murmurando quedamente: — Sim, quero esquecê-lo, pois ela mo disse e devo obedecer-lhe. Aquela alma boa e gentil não pode enganar-se nem enganar-me.

E procurava desviar o pensamento daquela noite formosa, em que pela primeira vez lhe ecoaram nos ouvidos as palavras apaixonadas de um galã.

Pobre Helena! Pobre flor destinada a fenecer tristemente, vítima do seu primeiro amor.

Pensava esquecê-lo! Infeliz! Não sabia que, ao penetrar num coração, a aguçada flecha de Anteros eleva-se qual fúlgida chama, que eternamente rebrilha, sem que os tempos nem as distâncias a consigam jamais extinguir!

A poucos passos da Vila e à sombra de frondosas árvores, havia uma antiga fonte que se ele-

vava poèticamente, qual artística recordação de tempos memoráveis.

Numa tarde aprazível, Helena, tomando de uma ânfora, encaminhou-se lesta até à histórica fonte. Ali chegada, depositou a vasilha e, qual etérea ninfa de algum mitológico éden, esperou que transbordasse o cristalino elemento.

De repente... passou um mancebo que parou extasiado ante a oriental beleza daquele quadro poético.

Helena, que contemplava o movimento da ninfa a cair na concha da fonte desfazendo-se em semicírculos, em ouvindo rumor de passos, levantou o formoso rosto, para abaixá-lo no mesmo instante, ruborizado.

— Helena! exclamou o mancebo, sois vós? Oh! instante venturoso que me permite novamente encontrar a deusa do meu coração.

A donzela, procurando conter os impulsos desordenados do coração, tomou a ânfora e, inclinando-se, disse com voz incerta:

— Boa tarde, D. Carlos... Queira desculpar... mas... estou com pressa.

E deu dois passos, procurando afastar-se.

O mancebo, rápido, cortou-lhe a retirada, exclamando apaixonadamente:

— Não, Helena, não vos afastareis sem antes saber que vos amo... Que por vós arde-me no peito uma chama que jamais se extinguirá. Podereis ficar indiferente, sabendo que dos vossos olhos desprendeu-se a faísca que havia de comunicar o fogo que arde constantemente no santuário do meu coração?

Ela, procurando desprender a mão que o mancebo arrebatara, cobrindo-a de beijos, disse com espanto:

— Cavalheiro, por Deus, soltai-me! Eu... agradeço sumamente o sentimento que nutris por mim, porém... não posso... jamais corresponder ao vosso amor.

Carlos empalideceu horrìvelmente e perguntou:

— Será que já entregastes o coração a outrem?

— Não, respondeu Helena, perturbando-se.

Ele calou-se, olhando-a atentamente. Não podia compreender aquela perturbação, nem aquele ar esquivo, tão diverso dos modos atraentes com que o tratara naquela noite inesquecível.

De repente, acudiu-lhe a lembrança da conversa que tivera com a cunhada, na mesma noite, e achou a explicação da estranha conduta de Helena.

No pressuposto de Marta o ter difamado perante a donzela, seu coração encheu-se de rancor pela baronesa e jurou vingar-se, caso viessem a fracassar os seus perversos planos.

Realmente, não amava aquela criatura. Apenas cativava-o a sua excepcional beleza e obedecia ao costume habitual de cortejar todas as damas que lhe pareciam belas.

Vendo que ela se preparava novamente para partir, disse com simulada tristeza:

— Ah! Já sei... Difamaram-me, não é assim?... E eu que vos amo, como jamais criatura humana poderá ser amada, terei de afastar-me com o coração traspassado e tristemente amargurado pela ideia de ter conquistado o vosso ódio... o vosso rancor...

Helena, não mais podendo conter-se, interrompeu-o bruscamente, exclamando:

— Oh, não! Jamais poderei guardar em meu coração sentimentos tão maus... Não! Eu não posso odiar a quem quer que seja, muito menos a

vós que me estais demonstrando tanta afeição. Mas...

— Sim, apressou-se a dizer Carlos, disseram-vos que eu mentia; que protestava amor a inocentes criaturas, nas quais punha olhos com o único intuito de perdê-las, deixando-as logo abandonadas à sua tristíssima sorte...

— Pois é... Não sei mentir... Assim mo disseram.

— Dizei-me, cara Helena, quem foi que vos falou tão mal de mim?

Ela baixou os olhos e respondeu perturbadíssima:

— Não posso dizê-lo!

— Nem é preciso: — foi Marta!...

— Senhor!

Um raio de fogo passou pelos olhos do mancebo, que disse:

— Ouvi-me, Helena, eu explico a razão por que Marta assim procede. Nas minhas veias corre o nobre sangue dos Calatravas, e jamais o meu irmão consentiria em ver-me unido a uma rapariga de humilde nascimento.

E logo, fitando a moça nos olhos e dando ao seu olhar todo o fogo da mais intensa paixão, continuou:

— Mas eu, querida, entregarei meu coração a quem julgar conveniente, seja nobre ou não. Sei que me amais e como sois digna até de um príncipe, ofereço-vos a minha mão.

Em seguida, continuou, deixando-se cair de joelhos aos pés da moça.

— Dizei-me, anjo adorado, dizei que me amais, que correspondeis ao meu amor!

Era a última seta desferida por mão de hábil atirador!

Helena, que só de o ver sentira reanimar-se a chama da sua paixão, esquecendo os santos conselhos da bondosa protetora, incapaz de continuar sustentando aquela luta titânica entre o amor e o dever que abrigava no íntimo do seu coração sensível, deixou-se cair nos braços que se estendiam...

Pobre anjo!

Flor que fenece ao sopro do desengano

Bem depressa, Ernesto começou a perceber que as visitas da filha à fonte iam-se tornando cada vez mais demoradas.

Certo dia em que ela voltou, quando o Sol principiava a desaparecer detrás dos montes, decidiu-se a investigar a razão de tão estranha demora.

No dia seguinte, esperou que Helena saísse.

Na hora costumada, tomando a sua ânfora, ela encaminhou-se pela senda da poética fonte, sem reparar no pai que a seguia a certa distância.

Ernesto, procurando não perder um só movimento da filha, avançava rente aos matos que cresciam à beira do caminho, pronto a esconder-se atrás deles, caso ela se voltasse.

De repente, precipitou-se atrás de uma moita de espessa folhagem, esperando ansiosamente e murmurando em tom lastimoso.

— Meu Deus, que vejo? Será possível?... Pobre da minha Helena... Perdida! Ai de mim que só agora compreendo a razão por que D. Marta ma restituiu. Sim... E' ele! E' D. Carlos... Ah! minha filha, sem o saberes, cais na rede infame que este perverso te estende... Mas eu farei quanto estiver ao meu alcance para livrar-te das mãos desse libertino.

Efetivamente, Carlos permanecia de pé, junto à concha da fonte, esperando pacientemente a chegada da formosa donzela.

Ernesto, sabendo já a causa das contínuas e demoradas surtidas da filha, regressou lentamente a casa, triste, pensativo, com o coração oprimido por indizível angústia!

Esperou o regresso da filha e, logo que esta chegou, apertando-a com perguntas, conseguiu que tudo confessasse.

Depois, ele lhe relatou quanto sabia a respeito do rapaz, proibindo-lhe terminantemente toda e qualquer comunicação com ele.

Ao ver o pranto da filha e magoado pela sua grande aflição, estreitando-a nos braços, disse-lhe meigamente:

— Minha Helena, jamais devias ter desobedecido aos ternos conselhos da tua protetora, pois ela é um anjo que vela continuamente por ti. Tudo quanto ela te disse de D. Carlos é certíssimo. Eu sei, pois quase o vi nascer. Sou teu pai e jamais consentirei que caminhes para um abismo de sofrimentos e amarguras, no qual fatalmente hás-de precipitar-te, arrastando-me também na tua queda, se não deixares de pensar nesse homem. Bem vês quanto te amo e poderás julgar fàcilmente que eu seria incapaz de enganar-te, quando daria todo o meu sangue, até a última gota, só para ver-te feliz.

Ela, enxugando ràpidamente as lágrimas e beijando no rosto o pai aflito, exclamou resoluta:

— Basta, meu pai querido, basta! Jamais me permitiria causar-lhe o menor desgosto, a mais leve aflição. Não quero mais vê-lo e procurarei esquecê-lo, embora me seja difícil.

— Filha, se o não vires mais, conseguirás esquecê-lo. Faze um esforço. E' para teu próprio bem.

No dia seguinte, o mancebo apareceu no ponto habitual, à espera da donzela... Esperou meia hora... uma... duas... e começou a impacientar-se... depois de três horas de inútil expectativa, decidiu retirar-se, pensando que Helena talvez estivesse doente. No outro dia, voltou e teve a mesma decepção.

Atravessou-lhe então, a mente, a ideia de um novo impedimento e quis por força vê-la, pois, embora impelido ùnicamente pelo despeito, estava resolvido a seguir avante na empresa, custasse o que custasse.

Quando a sombra da noite se estendeu silenciosa, qual manto funéreo sobre a paisagem campestre, uma silhueta negra passeava ao longo da grade que circundava a *Vila*.

Era Carlos que ali aparecera, a ver se conseguia avistar a encantadora Helena.

Bastante tempo havia que ali se encontrava, quando uma das janelas da parte superior do edifício se abriu e apareceu o busto gentil daquela fada. À suave claridade das estrelas, seu rosto mais branco parecia qual puríssimo lírio perdido na solidão de umbrosa relva.

Naquele instante, a diáfana Selene mostrou a pálida face por entre as sombrias nuvens que até então a ocultavam.

Ao levantar a cabeça para contemplar o satélite, duas lágrimas cintilaram nos olhos da donzela.

— Helena! exclamou o rapaz, a meia voz.

Ela baixou ràpidamente a vista, empalidecendo ainda mais, e, ao divisar o vulto de Carlos, fêz um

movimento para retirar-se, porém logo se deteve amedrontada por estas palavras do sedutor:

— Helena, não vos retireis ainda, pois estou disposto a tudo... Esperai, antes, um pouco.

Em seguida, tirou do bolso o seu vademecum, escrevendo ràpidamente algumas palavras. Arrancou depois a folha e, curvando-se, apanhou do chão uma pedrinha, que envolveu no escrito e atirou-o com presteza em direção à janela.

O bilhete passou por cima da cabeça da moça e foi cair justamente no meio do quarto.

Depois, tirando o chapéu, disse-lhe adeus, afastando-se ràpidamente.

Helena, aterrorizada pela ousadia do mancebo, permaneceu como se estivesse presa à janela, vendo-o distanciar-se, até que seu vulto desapareceu inteiramente na curva da estrada.

De repente, um arrepio lhe percorreu todos os membros, obrigando-a retirar-se da janela, que fechou precipitadamente, possuída de intenso pavor.

Da folhagem da velha árvore que se elevava rente à janela, acabava de sair o sinistro pio de uma coruja. Tristes pressentimentos envolveram a alma daquela pobre criatura que, dirigindo-se para o leito, sentiu pisar um corpo estranho, que a forçou baixar-se para verificar o que era.

Era o bilhete envolvido na pedrinha que ali tinha caído. Apanhou-o e, desdobrando-o, leu:

"Helena, amanhã, a esta mesma hora, comparecereis na portinhola do muro do jardim. Pressinto que a chama do nosso amor se apagou. *Tenho o direito* de o saber. Não deixeis de aparecer, pois do contrário faço um escândalo".

— Meu Deus! exclamou, desatando a chorar. Haverá maior desventura? Se não compareço à en-

trevista, ele promoverá escândalo, pois é temerário e não recua diante de obstáculo algum... Se for, meu pai pode surpreender-nos e o escândalo será o mesmo. Que fazer?

Pobre menina! Que suplício o seu!

Durante toda a noite não dormiu, atormentada constantemente pelos mais tristes pensamentos.

Apenas despontara o dia, já estava de pé, disposta a não sair do quarto e a obedecer à voz interior que lhe dizia: Ai de ti se tencionas vê-lo! Evita essa entrevista!

De momento a momento, consultava os ponteiros do relógio, que pareciam correr vertiginosamente, apressando o momento fatal!

Enfim, chegou a hora!

Helena espreitava por trás das vidraças. Tinha os olhos fixos no caminho que ia findar na *Vila* e que se apresentava muito escuro.

Súbito, brilhou uma luz, que, por um instante, rasgou a densa treva da noite.

Mal pôde abafar no peito um grito de espanto. A luz acabava de brilhar junto à portinhola indicada. Era ele sim! Não podia vê-lo, pois ali a escuridão era intensíssima, devido às árvores que naquele sítio cresciam em profusão.

— Santo Deus! exclamou; se algum dos camaradas o perceber, é capaz de lhe desfechar um tiro!

Tremor convulsivo apoderou-se-lhe do corpo. Por fim, levantando, aproximou-se de um guarda-roupa. Abriu-o, tirou um manto escuro, e, vestindo-o, dizia consigo mesma: — Irei adverti-lo do perigo que está correndo e ao mesmo tempo dizer-lhe que é preferível me esqueça, visto que nosso

amor é impossível. Ele afastar-se-á... Que importa sofra meu coração a maior das torturas? — Ao menos, evitarei algum trágico desenlace.

Assim meditando, deixou o aposento e, silenciosamente, foi descendo a escada que dava acesso ao jardim.

Deslizando qual sombra por entre os canteiros de flores, chegou até junto da portinhola.

Ali se deteve, indecisa... Seu coração batia violentamente. Faltava-lhe a coragem... Duas ou três vezes avançou para abrir a portinhola e outras tantas recuou, desejando obedecer à voz interior, que, naquele momento, se fazia ouvir mais imperiosa que nunca: — Cuidado, cuidado! Caminhas para o abismo!

Decidiu-se a obedecer a esse aviso, e já tinha dado dois passos para retirar-se, quando ouviu a voz de Carlos, que certamente escutara o estalar da areia sob seus pés:

— Helena! Helena! disse, a meia voz.

Ela, temendo fôsse ouvido por alguns dos criados ou pelo próprio pai, não hesitou mais... Abriu a portinhola e... achou-se nos braços de Carlos, que, num movimento rápido, cobriu-lhe o rosto com um lenço que parecia embebido nalgum líquido asfixiante, pois imediatamente se espalhou pelo ar um cheiro acre e forte.

Helena perdeu os sentidos, e o mancebo, carregando-a nos braços, montou-a no corcel que propositadamente trouxera consigo.

Incontinenti, tirando do bolso um papel escrito, deixou-o cair junto da porta que ficara aberta.

O cavalo partiu a todo galope, perdendo-se logo nas brumas da noite...

Cálice de amargura!

Ernesto, que acabara de sair do leito, estava sentado junto à sua escrivaninha, ocupado em ordenar papéis, à espera que Helena, na forma do costume, fôsse levar-lhe o chocolate e ao mesmo tempo depor-lhe na fronte o beijo de todas as manhãs. Olhando o relógio, viu que a hora já se tinha passado, sem que a filha aparecesse.

Levantou-se para verificar se estaria doente. Abriu a porta do quarto da filha e... estava vazio. Correu à janela, olhou para o jardim e não a viu em parte alguma. De repente, reparou na portinhola do muro, que estava aberta.

Precipitou-se para o jardim, assaltado por cruel ideia e pôs-se a esquadrinhar o chão, murmurando: Sim, passou por aqui...

Efetivamente, viam-se as pegadas diminutas dos pés de Helena, perfeitamente gravadas na areia. Seguindo-as chegou à portinhola, onde viu, com espanto, que elas se confundiam com outras maiores.

— Serão daquele desgraçado?! monologou, fechando os punhos com raiva.

De repente, exclamou alucinado:

— Meu Deus, que vejo?... o rastro de um cavalo... Sim!

E, mais surpreendido ainda, viu destacar-se, no tapete esmeraldino da relva, a alvura de um papel. Apanhou-o ansioso e, angustiado, passou nele um rápido olhar.

— Oh! Não! Disse de permeio a um grito terrível — não! Jamais ela poderia ter-me abandonado por esta forma. Foi-me roubada! Oh! Carlos de Calatrava! Maldito! Maldito sejas para sempre.

E caiu redondamente, como ferido por um raio.

Ouvindo aquelas exclamações, apareceram al-

guns camaradas que, ao ver o amo naquele estado, estendido inanimado no chão, transportaram-no ao seu quarto e ali o depositaram no leito.

Um mês esteve ele entre a vida e morte.

Quando a baronesa soube do fato, enviou mensageiros a todos os seus domínios nas províncias, aliás inùtilmente, pois eles regressaram sem ter obtido em parte alguma notícias dos fugitivos.

E, no entanto, eles estavam bem perto: Carlos ocultara a sua presa numa casinha isolada, que alugara de plano no dia anterior e que estava situada num dos arraiais mais afastados de Sevilha.

Marta correu a postar-se à cabeceira do pobre Ernesto e tanto lutou que, finalmente, conseguiu vê-lo fora de perigo. Ela, porém, muito bem percebia que, se conseguira salvar aquele corpo, já não sucederia outro tanto com a alma, a qual sofrera um choque terrível.

Efetivamente o coração de Ernesto sangrava dolorosamente, com a ferida que nele abrira a fuga de Helena.

Grande foi o desespero desta quando, abrindo os olhos, se encontrou nos braços de Carlos, numa casa estranha.

— Meu Deus! Que foi feito de mim? disse, percorrendo com a vista aquele aposento de humilde aparência.

— Estais a meu lado, meu anjo, nada deves temer, pois aqui nada te faltará... Esperemos ainda algum tempo... Depois iremos implorar o perdão de meu irmão e de teu pai, que acabarão por consentir em nossa união.

Continuava assim, procurando justificar-se perante a infeliz vítima.

— Pobre de mim! Amaldiçoada por meu pai, manchada na minha honra! Perdida para sempre,

exclamava a pobrezinha, torcendo os braços com desespero, em paroxismos de imensa dor.

Carlos procurava consolá-la amorosamente, e tantas promessas lhe fêz que conseguiu acalmá-la.

Coitada! Que remédio lhe restava senão resignar-se à triste sorte.

Pobre Helena!

Passaram-se seis meses e o seu coração sofria horrìvelmente.

Quanto se arrependia de não ter prestado obediência à voz da consciência, que tão bem lhe avisara naquela noite fatal!

Carlos, que ao princípio não a deixava nem um momento, agora se ausentava frequentemente, deixando-a dois ou três dias sòzinha naquela casa deserta.

Já não tinha outro recurso senão beber, até à última gota, o cálice da amargura.

Bem o percebia não ser mais amada, pois no dia em que declarara que sentia agitar-se-lhe no seio um pequenino ser, Carlos tornou-se frio e como que desgostoso com aquele acontecimento, que, a outrem, teria enchido de satisfação e alegria.

Pobre anjo!

Retida naquela casa, na companhia exclusiva de uma velha criada, às vezes tinha ímpetos de precipitar-se fora daquele cárcere.

Fugir! E para onde encaminharia seus passos? Para a casa do pai, jamais... Faltava-lhe coragem para enfrentá-lo, a ele de quem indignamente manchara as respeitáveis cãs.

Para a casa da baronesa, também não, porque tinha vergonha, visto que a nobre dama bem lhe havia prevenido. Jamais poria os pés naquela digna morada. Considerava uma profanação contaminar a atmosfera que Marta respirava.

Não duvidava que aquela dama generosa lhe perdoaria, porém, julgava-se indigna do seu perdão!

E deixava-se ficar ali, sofrendo no meio de inauditas torturas, chorando constantemente, presa de intensa aflição.

A velha Doroteia procurava consolá-la o melhor que podia, pois, realmente, sentia-se penalizada, vendo aquele pobre anjo mergulhado em tão triste desventura.

Passou-se mais algum tempo e Helena estava convencida de ter sido vítima do abandono de Carlos, que, havia um mês, não aparecia.

Ela também já não chorava. Seus formosos olhos ficaram secos.

O suave manancial das lágrimas se esgotaram de tanto correr.

Nem esse conforto já lhe restava. Doroteia não a deixava sòzinha um instante, pois bem percebia que o desenlace se aproximava de um momento para outro.

Um dia, Helena amanheceu muito mal. Sentia grandes dores...

A criada contemplou-lhe o semblante e, vendo nele perfeitamente impressos os sintomas da próxima maternidade, começou a movimentar-se, tudo preparando para o momento decisivo.

Sendo perita na matéria, estava na cozinha remexendo caçarolas e preparando tisanas quando, de repente, olhando pela janela, viu um mensageiro que se aproximava, entregando-lhe uma carta dirigida a Helena.

A velha, pensando dar-lhe alguma notícia agradável, correu ao quarto da infeliz, fazendo pronta entrega da carta.

Helena abriu o envelope, que continha um maço de notas do Banco e um papel escrito, que dizia:

"Cara Helena, sou forçado a retirar-me para o estrangeiro por tempo indeterminado. — *Carlos*".

A moça, atirando com desprezo as notas para o lado, exclamou fora de si:

— Poderei ter sido vilmente enganada, porém, vendida nunca!

E soltando um grito estridente, deixou-se cair desfalecida nos braços da velha, que, fazendo de sua fraqueza forças, conseguiu depô-la na cama e não perdeu seu tempo. Bem viu que aquele golpe tremendo precipitava o desenlace esperado.

Horas depois, Helena dava à luz um formoso menino, que, ao lhe ser mostrado pela velha, produziu na parturiente um assomo de amor maternal. A mãezinha, tomando nos braços o recém-nascido, beijou-o amorosamente, repetidas vezes, e, então, notou que ele tinha na face direita um grande sinal, exatamente igual ao que Carlos possuía no mesmo lugar.

— Doroteia, batize-o, disse ela de repente.

— Porque, minha filha? — perguntou a criada. Isso só se faz num caso extremo, quando haja algum perigo; este anjinho, porém, está bem sadio!

— Minha amiga, nós estamos bastante afastados da igreja e, se por fatalidade ele enfermar, poderá morrer sem batismo. Faça o que digo!

— Pois sim, filha, já que assim o quereis será batizado. E tomando uma vela passou-a a Helena, que, depois de acendê-la, conservou-a nas mãos, sentando-se logo na cama e elevando fervorosa prece ao Criador.

Doroteia contemplou-a por um instante com admiração. Ao ver a formosa criatura, cujos cabelos caíam soltos, cobrindo-lhe os ombros qual manto de ouro, de mãos juntas e olhos fixos no céu,

pareceu-lhe estar contemplando um anjo em oração.

— Como deve chamar-se? — perguntou preparando um copo d'água.

— Adriano... de Mendoza, respondeu a jovem mãe.

— Mas, porque não de Calatrava?

— Nunca! Jamais! Carlos não é digno que este anjinho perpetue seu nome, uma vez que o abandonou no mesmo instante em que entrava no mundo.

— Pois bem, seja Adriano de Mendoza, disse a velha; e logo, deitando um pouco d'água na cabeça do recém-nascido, que dormia santamente no regaço materno, continuou solenemente:

— Adriano de Mendoza, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

— Assim seja! concluiu Helena, com voz suavíssima qual se fora um suspiro.

Havia um mês que Adriano nascera. Doroteia, contemplando a moça, via, com surpresa, que se aquele formoso corpo se ia restabelecendo, já não sucedia o mesmo com o seu ânimo, que parecia decair. Estava cada vez mais triste, mais sombria.

Um dia, apenas o Sol deixava ver no horizonte o disco cintilante, ouviu que Helena a chamava.

Correu ao quarto e ficou espreitando. Percebendo o véu de infinita tristeza que a envolvia, perguntou:

— Que é isso, minha filha? Estais, por acaso, mal?

— Mal, não! Triste, sim, e muito triste. Não posso mais continuar nesta situação... Só penso no dia em que Adriano me perguntar pelo pai... Que lhe direi, santo Deus?!

— Ah! tolinha, isso vos aflige? Pois direis que morreu...

— E que dirão de minha honra ultrajada?

A velha não respondeu.

Depois de breve silêncio, Helena continuou:

— Minha amiga, queria pedir-lhe um grande favor.

— Dizei, filha, sou toda ouvidos.

— Pois... eu... desejava que pegasse este anjinho e o levasse à casa da baronesa. Ao mesmo tempo, entregar uma carta que vou escrever, na qual pedirei perdão a D. Marta, rogando-lhe também que me tome sob sua proteção... Que lhe parece a minha ideia?

A voz de Helena, ao proferir estas palavras, tinha modulações estranhas, das quais parecia desprender-se alguma coisa sinistra, que comoveu a velha. Esta, fitou a jovem nos olhos, atentamente como se pretendesse ler neles o que se passava no recôndito de sua alma.

— E' o melhor que tendes a fazer, respondeu. Aquela nobre dama é um verdadeiro anjo de bondade, que certamente vos protejerá... Estranho, porém, uma coisa: — porque não vai a senhora em pessoa?

Helena apressou-se a responder:

— Tenho receio de empreender a pé esta longa caminhada. Conta-lhe o meu estado e ela mandar-me-á sua carruagem.

— Então, quereis que vá agora mesmo? — perguntou a velha, resoluta.

— Sim!

Doroteia era ambiciosa. No dia em que Helena atirara com desprezo o dinheiro que Carlos lhe enviara, recolheu-o, guardando-o avaramente.

Aquela soma representava para ela uma pequena fortuna; por isso, via com prazer a decisão

de Helena, que assim a dispensava de segui-la, podendo ela safar-se com o seu cobiçado tesouro.

Tomou a criança, vestindo-a, enquanto Helena escrevia ràpidamente uma pequena carta.

Logo que o menino ficou vestido, envolveu-o num chale e, depois de a pobre mãe beijá-lo, apaixonadamente, repetidas vezes, saiu com ele nos braços a caminho da cidade.

Uma hora depois, entrava numa das ruas mais centrais e que desembocava na grande Praça onde morava a baronesa.

De repente, sentiu um contacto estranho, como se uma gélida mão lhe pousasse na fronte.

Naquele instante, lembrou-se das reticências de Helena e do tom estranho da sua voz ao dar-lhe aquele encargo.

Lembrou-se, também, do raio tenebroso e sombrio que se desprendia dos seus olhos e... teve um calafrio.

— Meu Deus, exclamou, tencionava talvez matar-se! Hei-de sabê-lo, antes de entrar em casa da baronesa. E tirou do bolso a carta que Helena lhe entregara. Depois de alguma hesitação, rasgou o envelope e leu a carta, que dizia assim:

"Minha mãezinha querida, peço-vos toda a vossa proteção para esse anjinho inocente, pois eu não posso mais viver no mundo... sem honra! Perdoai-me. Orarei eternamente por vós, lá no céu, onde talvez não chegue a malvadez humana. — *Helena*."

— Deus do céu, exclamou a velha, com espanto. A estas horas já ela deve estar morta! Se eu levar o menino juntamente com esta carta, far-

-me-ão responsável pelo seu suicídio, por havê-la abandonado. Que fazer?

Toda trêmula, encostou-se ao muro de um grande edifício, para melhor meditar no que lhe convinha fazer.

Sùbitamente, levantou os olhos e viu um grande letreiro no edifício, e que dizia:

Casa de caridade
(Expostos)

Sinistra ideia atravessou-lhe a mente.

— Sim, disse, confirmando seus próprios raciocínios: assim evitarei toda responsabilidade.

Rasgou um pedaço de papel da carta de que era portadora e escreveu com um lápis que sempre trazia consigo: "Chama-se Adriano de Mendoza e tem apenas um mês de idade".

Em seguida, guardando no bolso o resto da carta, entrou no saguão do grande edifício. Ali puxou pelo cordão que movimentava um pequeno sino. Ouviu-se logo um som metálico. A roda girou sobre si mesma, apresentando uma abertura na qual a velha depositou a criança, deixando sobre ela o papel em que acabava de escrever.

A roda movimentou-se de novo e o menino desapareceu aos olhos da velha, que, soltando profundo suspiro, saiu dali, dirigindo-se apressadamente para casa.

Chegada que lá foi, parou à porta, chamando — Helena! Helena!

Ninguém respondeu. Naquela casa reinava profundo silêncio. Entrou; mas, ao chegar à varanda, deteve-se novamente, amedrontada. Naquele ambiente parecia flutuar alguma coisa estranha, sobrenatural.

Tremendo, passo a passo foi-se aproximando da mesa para a qual a sua atenção era atraída. Sim, era um papel, o que ali se destacava... e... estava escrito. Apanhou-o e leu:

— "Adeus, minha boa Doroteia... Adeus! Orai por mim. — *Helena*".

— Infeliz, exclamou a velha, chorando com verdadeiro sentimento. Matou-se mesmo! E deixou-se cair de joelhos junto aos pés da mesa, entregando-se a uma prece fervorosa.

Depois, levantou-se, murmurando:

— Descansa em paz minha pobre Helena, e que Deus tenha piedade de tua alma.

Como se aquela prece tivesse o poder de libertá-la do pânico de que estava possuída, destruiu o papel e dirigiu-se ràpidamente ao seu aposento.

Recolheu o dinheiro que Helena desprezara e guardou-o no bolso.

Em seguida, foi amontoando as roupas e todos os objetos que lhe pertenciam, do que fêz uma grande trouxa, e, sobraçando-a, saiu daquela casa, disposta a não mais cruzar-lhe a porta.

Encaminhando de novo os passos pela estrada que se dirigia à cidade, murmurava:

— Daqui a pouco a casa será invadida pelos familiares da pobre Helena; por isso, é melhor afastar-me antes que fique comprometida; e, isto, o mais depressa possível.

* * *

Helena, logo que Doroteia saiu, levando o menino nos braços, correu à janela para contemplar o seu afastamento.

— Adeus, filho querido — exclamava com acento dolorido —, já não mais me verás e os teus sorrisos e beijos serão todos para outra que deles gozará, enquanto que eu... triste de mim, nem serei percebida por ti, quando, sombra implacável, velar teu sono e roubar dos teus puros lábios o néctar suave do amor.

Adeus! Adrianinho adorado, sê feliz, sê ditoso; e um dia, quando souberes que te abandonei no mundo, peço não me amaldiçoares e, sim, rezes uma prece por mim, que da triste existência terrena só amarguras colhi!

Volveu ao quarto, murmurando:

Pela última vez, vou vestir-me.

Escolheu diáfana túnica branca, ornada de finíssima renda. Atou aos ombros a mantilha azul-celeste, prendendo nos cabelos um laço de fita da mesma cor.

Em seguida, contemplando sua formosa imagem no espelho, disse com amargo sorriso:

— Ah!... Ainda sou bela!... Tanto melhor. Assim, minha tétrica amiga não se negará receber-me em seus braços!

Poucos dias antes, espiando pela janela, vira estenderem-se, a pouca distância da casinha, as águas prateadas de um rio que, sereno, deslizava entre juncos e canaviais.

Depois de ter ràpidamente escrito algumas palavras num papel e deixá-lo sobre a mesa da varanda, saiu pela porta do quintal, encaminhando-se apressada pela senda que findava no rio, dizendo de si para si:

— Será este o Guadalquivir?

Ali chegada, subiu a um pequeno promontório que se elevava rente às águas, das quais o Sol nas-

cente arrancava, à luz da manhã, mil facetas cambiantes.

Apenas chegou ao cimo, um grito de alegria escapou-se-lhe dos lábios.

Ao longe, desenhavam-se confusamente as elevadas torres da *Vila das Andorinhas*.

Sim, aquele rio era o Guadalquivir e suas águas corriam de encontro à morada de seu pai.

Juntando então as mãos, exclamou com enlevo:

— Oh! meu pai querido, quando inanimada eu passar no meu cristalino sepulcro, ainda poderei dar-te o meu último adeus. Poderei, também, despedir-me das alegres andorinhas, das flores delicadas do meu saudoso jardim.

Desceu do promontório e, elevando os olhos ao céu, movendo os lábios em prece fervorosa, avançou, entrando rio a dentro.

Já a correnteza chegava a cobrir-lhe os joelhos... Já ia além dos quadris... já lhe alcançava o peito...

E... ela, sem baixar os olhos e sem deixar de rezar, continuava avançando, até mergulhar de todo.

Quando a água lhe atingia o alvo pescoço, dirigiu um último olhar a quanto a rodeava e, num grito de angústia, exclamou, com acento dilacerante:

— Adeus, Carlos, meu bem adorado! matais-me e, contudo, ainda vos amo! Adeus, oh! meu pai! Adeus Adriano do meu coração! No céu vos espero, a todos. Perdoai-me, Santo Deus!

E acabou de submergir. O ouro dos seus cabelos ainda por um instante cintilou aos raios do Sol.

Depois... Nada mais.

As águas continuaram na sua habitual monotonia, deslizando lentamente pelo leito de areias.

Pobre pai! Viver com o coração trespassado pela espada dilacerante de angustiosa dor!

Viver com a alma mergulhada num caos de sombra e mistério, onde já se não percebe o menor clarão da chama de uma esperança!...

Viver, vendo cair uma a uma, tristemente fenecidas, as pétalas perfumadas da flor suave das ilusões!...

Viver assim, já não é viver. E' deixar de existir, sem haver exalado ainda o último alento!

E' o passar de uma sombra que, qual nuvem diáfana e leve, não consegue empanar o ambiente que a sustenta!

Pois assim vivia Ernesto, havia já onze meses.

Assim vivia aquele pai infeliz, que concentrava na filha toda a sublimidade do seu amor paterno.

Coitado! Todos os dias, ao levantar-se, a primeira coisa que fazia era correr ao jardim e cuidar, com carinho, daquelas flores que pareciam conservar ainda o aroma daquela outra flor pura e bela, que do jardim se afastara para nunca mais voltar.

Depois de ligeira refeição, encaminhava-se lentamente até à beira do rio, e ali deixava silenciosamente correr as horas, já contemplando as ondulações das náiades que lentas passavam, já entregue a tristíssimas e amargas reflexões!

Quando a sombria luz do crepúsculo vespertino descia lentamente, envolvendo-o na névoa das suas tintas difusas, sempre algum dos seus criados precisava ir avisá-lo de que o jantar estava na mesa.

Levantava-se, ia até à varanda, e, depois de comer algum bocado, retirava-se como se fôsse um

autômato, aos seus aposentos, e ali passava a noite inteira meditando, na solidão e no abandono em que Helena o deixara.

Um dia, muito cedo, estava no lugar do costume, a contemplar indiferente as águas transparentes do rio, que, semelhante a um espelho, fielmente reproduzia o vasto cenário do céu, e então dizia:

"Meu Deus! não me deixeis morrer sem antes ver minha Helena e poder ainda beijar aqueles olhos tão formosos. Possa eu, antes de morto, apertá-la em meus braços e... depois, mergulhar na infinita noite do nada".

Pobre Ernesto! Ainda fulgurava no abismo tenebroso do seu desespero a débil centelha de uma nova esperança!

Vê-la, uma vez que fôsse, para perdoar-lhe. Perdoar-lhe? Certamente que lhe perdoaria! Acaso não era ela a sua filha querida? Porventura não sabia que, embora longe dela, as fibras do seu coração continuavam sempre vibrando ao impulso do seu amor filial, que, sendo um afeto puro e santo, devia ser imortal?!

Sim, o coração lhe respondia que brevemente haveria de vê-la.

Mas, que seria aquilo que vinha descendo pelo rio e, casualmente, do lado em que ele estava sentado?

Parecia um corpo morto!

Levantou-se, fitou-o atentamente, procurando distinguir-lhe os contornos.

Quando lhe passou em frente, teve um choque no coração.

Abaixou-se ràpidamente... Passou a mão pelos olhos... Estaria sonhando?

Não! Não sonhava! Aquelas rendas...

De repente, soltou um grito terrível e ficou imóvel, olhos desmesuradamente abertos, contemplando estatelado aquele vulto que ficara retido num pequeno rochedo, mesmo aos seus pés.

Os criados acudiram, pois mais ou menos o espreitavam sempre e procuravam afastá-lo dali; ele, porém, opunha sempre uma tenaz resistência. Ao avistá-los, ordenou com voz estranha:

— Tirai-a das águas! E' a minha filha querida que vem dar-me o seu último adeus!

Os criados retiraram o corpo que ele lhes mostrava a boiar sobre as águas, depositando-o na areia.

Efetivamente, era Helena!

Sua bela cabeça ficara completamente envolvida na echarpe.

Ernesto inclinou-se, afastou-a, aparecendo aquele angélico rosto animado por um sorriso celestial.

— Sim, filha querida... amo-te sempre e... perdoo-te.

Deixou-se ficar paralisado, abraçado àqueles tristes e adorados despojos.

Um dos criados aproximou-se-lhe e, tocando-o no ombro, disse:

— Senhor!... Resignação!

Mas... Oh! coisa inaudita! Ernesto, como que impelido por uma força oculta, levantou-se de um salto, gritando desoladamente:

— Oh! Carlos de Calatrava, maldito sejas tu, que acabas de destruir para sempre o meu lar, onde outrora reinavam a paz e a felicidade! Oh! maldita sociedade, tu que acabas de causar a morte de um anjo, precipitando uma pobre alma num abismo de amarguras!

Oh! não! Não posso mais viver no teu seio,

com o coração dilacerado! Oh! mundo de perdição! Retiro-me de uma vez para sempre e mais ninguém saberá de mim!

E como que acometido de um acesso de loucura, desatou a correr vertiginosamente, desaparecendo das vistas dos criados, que ficaram estarrecidos, contemplando-se uns aos outros, estupefatos.

— Meu Deus, exclamou um deles, corramos a deter-lhe os passos, pois o infeliz quer matar-se.

— Correr?! replicou um outro, olhando a volta de si... mas... para onde, se já não o percebemos em parte alguma?!

O melhor que podemos fazer é transportar esse pobre anjo para o seu aposento e avisarmos a baronesa do que acaba de ocorrer.

— Eu vou, disse o mais novo, principiando a correr em direção à cidade. Quanto ao cadáver da desventurada Helena, transportaram-no ao seu quarto, onde o depositaram à espera das ordens de Marta.

Duas horas depois, a carruagem do barão parava defronte da "Vila".

Armando desceu e encaminhou-se ao aposento da infeliz jovem.

Ao vê-la, empalideceu visìvelmente e nos seus olhos despontaram duas lágrimas de pesar.

Imediatamente deu as ordens precisas para que a pobre morta fôsse transportada à sua própria morada, o que se efetuou ainda naquele dia.

Marta, que se achava em estado interessante, ao ver entrar o cadáver nos braços dos criados, chorando desesperadamente, precipitou-se para aquele corpo, exclamando entre soluços:

— Oh! minha querida Helena, bem o coração me dizia que desta forma, um dia, havia ainda de

ver-te. Compadecei-vos, Santo Deus, dessa pobre alma que foi tão cruelmente traída!

Armando afastou-a, delicadamente, dirigindo-lhe algumas palavras de conforto.

No dia seguinte, o cadáver foi inumado na própria cripta da suntuosa morada do barão.

Horas depois de efetuada aquela cerimônia, Marta e Armando estavam no salão, conversando a respeito do triste evento quando, sùbitamente, entrou um criado apresentando uma carta dirigida à baronesa, que, enxugando ràpidamente as lágrimas, tomou-a, abriu-a e leu:

"Senhora, o anjo que na Terra se chamava Helena deixou de existir e seu filhinho foi depositado na roda da Casa dos Expostos, com o nome de Adriano de Mendoza.

"Helena, antes de morrer, pedia-lhe perdão e suplicava-lhe que estendesse sua generosa proteção àquele anjinho inocente.

"O menino é fácil de ser reconhecido, pois tem uma pinta na face direita.

"Adeus! *Doroteia*".

— Santo Deus! — exclamou Marta. Corre, Armando, manda-o buscar, pois quero tê-lo junto a mim, para educá-lo como se fôsse nosso filho.

— Não seria preferível, minha Marta, murmurou o barão, deixá-lo ali bem recomendado, até que tenha nascido o nosso primogênito?

A baronesa ia responder-lhe negativamente, porém, deteve-se, visto que, justamente naquele momento, acabava de ouvir uma voz misteriosa que brandamente lhe dizia:

— Concorda!

Ao mesmo tempo, branco nevoeiro passava frente aos seus olhos.

Era como que uma forma vaga, indefinível.

— Helena? — interrogou Marta mentalmente.

— Sim! respondeu a voz.

— Pois bem, meu Armando, concluiu Marta em alta voz, seja como dizes.

Ele não deixava de fazer suas pesquisas para saber o paradeiro do pobre Ernesto, mas foram baldados todos os seus esforços, pois o infeliz não pôde ser encontrado em parte alguma.

Poucos dias depois, Marta dava à luz o seu primeiro filho, batizado com o nome de Armando, e, como já foi declarado, no mesmo dia da festa recebiam carta de Carlos, na qual lhe pedia perdão e exprimia o desejo de ser novamente admitido no seio da família.

Armando concedeu-lhe o perdão e aceitou-o junto de si.

Três dias depois, Carlos chegava e não pôde furtar-se a uma severa reprimenda da parte do irmão, que, cedendo aos desejos de Marta, nada lhe dissera a respeito do lugar onde fora depositado o menino, coisa que parecia incomodar bem pouco a Carlos, que nem se dignou de perguntar por ele.

Enquanto a Marta, nem saiu a recebê-lo e, sempre que de longe o avistava, procurava esquivar-se-lhe. Mas, quando não podia evitar qualquer encontro, fôsse casual ou proposital, pelo próprio Carlos passava sem olhá-lo, e respondia aos seus cumprimentos por monossíbalos, com voz tão débil que mal se ouvia.

Aquela alma tão grande, tão generosa e nobre, revoltava-se contra a infâmia praticada contra a sua pupila.

Não! Jamais toleraria quem, indignamente, faltara à promessa que lhe fizera, de respeitá-la.

Passaram-se três meses e Carlos principiava a impacientar-se.

Ele que, considerando Marta um ser superior, sempre lhe votara grande veneração e respeito, agora se achava sob o seu teto e como que aniquilado ao peso do seu olhar que penetrava no recôndito de sua consciência, relembrando-lhe a falta e, aí, tocando na torpeza de suas paixões, levantava-lhe medonho turbilhão de remorsos.

Trocaram-se os papéis! Agora, era ele quem procurava evitá-la, pois sentia-se mal na sua presença.

A sombra daquela criatura, verdadeiramente excepcional, parecia-lhe a própria imagem da Justiça Divina!

Armando também o tratava com certa frieza...

Por isso, passava ele as horas retraído nos cômodos que lhe foram destinados na parte posterior do palacete, e raras vezes se apresentava no gabinete do irmão ou no grande salão.

Os dias iam passando e ele não se identificava com aquele ambiente de indiferença.

Um dia em que acabava de chegar de um passeio pela campina, ao entrar no seu gabinete deixou-se cair no sofá, mais aborrecido do que nunca.

As belezas da pródiga natureza não tinham para ele atrativo algum.

Entediado, estendeu o braço e tirou de uma mesinha próxima um jornal que Hilário, seu criado de confiança, todos os dias ali depositava. Percorreu-lhe as colunas com indiferença.

Por um momento, seus olhos se detiveram num anúncio que dizia:

Grande Teatro

Representação composta de bailados clássicos, nos quais toma parte a bela Artemisa, primeira dançarina da Ópera de Paris.

Deixou cair o jornal e, como se sentisse um tanto fatigado, preparava-se para fechar os olhos a ver se conseguia descansar um pouco, quando Hilário apareceu sùbitamente à porta do aposento, anunciando:

— O ilustríssimo Sr. Gustavo de Vilareal e o exmo. Marquês de Santa Isabel pedem licença para...

— Podem passar, exclamou Carlos, levantando-se entusiasmado.

O criado retirou-se, apresentando-se em seguida dois elegantes rapazes, que correram a precipitar-se nos braços que Carlos lhes abria.

Gustavo interpelou-o, alegremente:

— Mas, onde será que te escondes, que há mais de um ano não te vemos em parte alguma?!

— Viajando... respondeu um pouco perturbado.

— Sempre metido em aventuras... ajuntou o marquês.

— Bem! Sentai-vos, replicou Carlos; e, aproximando-se da porta, gritou:

— Hilário, traze-nos café!

Imediatamente, apareceu um pagem, servindo-lhes o saboroso e aromático líquido, sobre uma mesinha de jacarandá, em volta da qual se sentaram os três.

Enquanto bebiam, Gustavo disse:

— Sabes, Carlos, hoje deves acompanhar-nos

ao "Grande Teatro", onde faz sua estreia a bela Artemisa, célebre dançarina, famosa por suas danças clássicas.

— Ah!... sim! respondeu Carlos. Há pouco, li o anúncio no jornal.

— Mas... será essa dançarina o que dizem dela?

— Não sei; só posso dizer-te que vem precedida de grande fama!

Mas, senhores, interveio o marquês, vamos ao Teatro e veremos se ela confirma a sua celebridade.

— Pois sim, exclamou Carlos, vamos ao meu camarote, que, como sabeis, acha-se bem pertinho do palco e dali poderemos apreciar-lhe a beleza, se é que ela a possui.

— Oh! sim, interrompeu Gustavo com entusiasmo. Dizem ser encantadora!

Carlos consultou o relógio... Eram sete horas. Ainda era cedo, pois o espetáculo só principiava às nove.

Retiraram charutos de uma caixinha que estava em cima da mesa, e, acendendo-os, os três amigos entretiveram-se em animada e alegre conversa.

Quando deram as oito e meia, Carlos chamou novamente o criado, ordenando-lhe desta vez que preparasse a caleça que deveria transportá-los ao Teatro.

Daí a pouco, o pagem aparecia, declarando que a carruagem os esperava no jardim.

Levantaram-se, deixando o gabinete.

Já no corredor, os três detiveram-se, pois naquele mesmo instante Marta o atravessava, dirigindo-se aos compartimentos internos do palacete.

Gustavo e o marquês inclinaram-se respeitosos, beijando a pequenina e alvíssima mão que a baronesa lhes estendia, sorrindo graciosamente.

Após dirigir glacial olhar à cunhada, Carlos continuou de caminho, enquanto os amigos, saindo para o jardim, silenciosamente tomaram lugar na carruagem.

Quando esta se pôs em movimento, Gustavo disse:

— Que esplêndida, que formosa criatura é D. Marta! Quase... me dá tentações de fazer-lhe um pouco de corte, Carlos.

— Pois perdias seu tempo, respondeu ele lacônicamente.

— Pois é verdade, ajuntou o Marquês.

— Não sabes tu, Gustavo, que D. Marta goza fama de ser uma das mulheres mais formosas de Sevilha, e também a mais virtuosa?

— Sim, certamente, mas, de fato, é encantadora. Até duvido que essa Artemisa possa rivalizar com ela.

— Sem dúvida — continuou o Marquês —, a baronesa sempre foi um tipo de beleza, principalmente agora que essa beleza se engalana da aura santa da maternidade...

— Como?! que estás dizendo? Teve ela algum filho? — exclamou Gustavo, grandemente surpreendido.

— Pois não sabias?

— Não, meu amigo; como sabes, há mais de um ano que me achava ausente de Sevilha e só há poucos dias regressei.

Em seguida, batendo nas costas de Carlos, continuou num tom de amistosa brincadeira:

Ah!... Então, adeus título... Já não serás mais barão, ó Carlos!...

— Que importa — respondeu este —, procurando afetar indiferença, mas deixando entrever, pelo tom da voz, reconcentrado despeito...

Seguiu-se profundo silêncio.

Gustavo, com aquelas palavras, acabava de atear fogo ao ódio que, contra o sobrinho Armandinho, Carlos alimentava no íntimo do coração.

Sim! dizia para si: — eu saberei liquidar-te quando chegar o momento oportuno, ó intruso que em má hora vieste extorquir-me um título no qual havia depositado as minhas esperanças...

A caleça parou no vestíbulo do grande Teatro.

Os rapazes apearam-se para galgar a soberba escadaria de mármore, passando entre as damas e cavalheiros que igualmente acudiam a presenciar o espetáculo, encaminhando-se ràpidamente aos seus camarotes.

O Cisne Moribundo

Quando os rapazes apareceram no camarote, o pano elevava-se lento aos acordes da grande orquestra, seguindo-se prontamente os primeiros bailados, que não conseguiram atrair maior atenção, pois todos esperavam ansiosos a aparição da bela Artemisa.

Nos intervalos, conversavam os três animadamente, e, como Gustavo fôsse o mais novo e por isso o mais entusiasta, era o mais empenhado em mostrar e destacar a graça e beleza daquela deusa da arte plástica.

Quem era Artemisa?

Uma dessas misteriosas criaturas que não se sabe de onde vêm, nem para onde vão. Uma dessas estrelas errantes, que por momentos aparecem ostentando seus fulgores no véu etéreo do firmamento, para mais tarde se eclipsarem e nunca mais reaparecerem.

Satânica sereia cujo sorriso era a condenação

de quantos fôssem atraídos pela força de seu misterioso olhar.

Formosa, sim, porém dessas formosuras de cunho fatal. Desprendia-se do seu ser alguma coisa que atraía e ao mesmo tempo infundia pavor.

Anjo e demônio ao mesmo tempo.

O pano elevava-se, lentamente, diante da maior expectativa da numerosa assistência, que enchia por completo o vastíssimo Teatro.

No meio de profundo silêncio, ouviam-se os acordes harmoniosos da finíssima e delicada música do clássico bailado — "O cisne moribundo".

Todos os olhares se fixavam no palco, onde se podia ver o misterioso lago da morte, vagamente iluminado pelos pálidos raios da Lua, que, quais fiozinhos de prata, escoavam por entre a ramagem escura das árvores.

De repente, no fundo da cena apareceu um ponto branco.

Era o cisne encarnado em Artemisa, que, agitando num frêmito as alvíssimas gazes que lhe envolviam o corpo e tão bem imitavam a penugem daquela ave, atirou-se às águas cristalinas.

Artemisa avançava na ponta dos pés, de frente para os expectadores, dançando com graça e deixando admirar cada um dos movimentos na plástica do seu corpo escultural.

— Que te parece, Gustavo? — exclamou o Marquês, emocionado.

— Divina! Estupendamente bela, respondeu em voz alta. E' realmente formosa e a sua arte uma verdadeira criação — ajuntou o primeiro.

— Que esplêndida criatura, continuou Gustavo, entusiasmando-se cada vez mais.

Carlos permanecia silencioso... Seus olhos estavam fixos na genial dançarina.

De repente, o cisne, sentindo-se ferido de morte, deixou-se cair lânguidamente no centro das águas.

Artemisa, na posse da mais delicada arte, mantinha perfeitamente os movimentos do cisne, que se debatia nas águas, nos últimos espasmos da sua triste agonia.

Em dado momento, seus olhos encontraram-se com os de Carlos, que pareciam querer devorá-la.

Raio ígneo, misterioso, do qual parecia desprenderem-se auríferas centelhas, chocou-se e confundiu-se com a chama que brilhava intensamente nos olhos do mancebo.

Logo aqueles olhos se fecharam e o cisne ficou imóvel, estendido sobre as águas misteriosas do sombrio lago da morte.

O pano foi descendo, enquanto os últimos acordes do clássico bailado se perdiam no ar...

Gustavo e o Marquês voltaram-se ao mesmo tempo para Carlos, desejosos de ouvir o seu parecer, mas oh surpresa! Seu lugar estava vazio... Carlos desaparecera!

Os dois amigos olharam-se espantados.

— Que julgar disto? — perguntou o Marquês, mais aborrecido e sumamente acabrunhado.

— Nada! — respondeu Gustavo, rindo. Isto significa, meu amigo, que Carlos acaba de fazer-nos alguma das suas... Aposto qualquer coisa em como ele foi ao vestíbulo para ser dos primeiros a ver passar a bela Artemisa.

— Pois se é assim, vamos também nós, concluiu o marquês levantando-se e saindo do camarote, seguido pelo amigo.

Quando chegaram ao vestíbulo, Artemisa passava completamente envolvida em riquíssimo manto de arminho.

— Não posso descobrir Carlos em parte alguma, disse Gustavo; e, todavia, ele não foi para casa, pois a caleça ainda ali está à sua espera.

Foram perguntar ao lacaio se o havia visto, e, dada a resposta negativa, decidiram esperá-lo ali mesmo.

Artemisa, deslizando por entre a multidão que se acotovelava para vê-la, aproximou-se da sua carruagem.

O pagem, abrindo a portinhola, inclinou-se profundamente.

A dançarina pôs o pé no estribo para subir, porém, deteve-se no mesmo instante afogando no peito uma exclamação de surpresa.

No interior da carruagem, cômodamente sentado, estava um elegante cavalheiro, que exclamou ao vê-la:

— Por piedade, senhora! Espero não vos assusteis, pois não pretendo fazer-vos mal algum e sim desejo ùnicamente acompanhar-vos.

Artemisa, que já estava habituada àquelas extravagantes aventuras, envolveu-o num rapidíssimo olhar; e ao ver brilhar-lhe na gravata um esplêndido solitário, que fulgurava na semiobscuridade interior da caleça, deixou aflorar nos lábios um sorriso e... subiu.

Três dias depois, Marta e Armando acabavam de levantar-se e estavam tomando chocolate, conversando aprazìvelmente a respeito do filhinho.

O barão falava com vivacidade forjando planos e manifestando o entusiasmo de sua alma, afagada pelas mais lisonjeiras esperanças.

A mulher ouvia-o com um sorriso quase forçado, pois, embora sem saber a causa, já de alguns dias vinha sendo acabrunhada por tristes pressentimentos. Vivia em contínuo sobressalto, sentia-se apertada num círculo invisível, pressentia que alguma coisa de terrível lhe aconteceria, ferindo-a nos seus mais caros afetos.

— Senhor barão — exclamou um pagem, introduzindo sùbitamente a cabeça pela abertura do cortinado que cobria a porta da entrada —, o senhor Viriato pede licença para visitá-lo.

— Pode entrar, disse Armando, que, levantando-se, tomou de uma cadeira e aproximou-se da mesa.

Imediatamente apareceu respeitável ancião de barbas brancas, que, após profunda reverência, foi beijar a mão da baronesa.

Era o administrador dos bens do casal, que o tratava como se fôsse um membro da família.

— Sentai-vos e tomai chocolate conosco — disse-lhe Armando alegremente.

O velho obedeceu, sorrindo levemente.

Entretanto, sua fisionomia logo tomou expressão triste e enigmática.

Marta não tardou a perceber que ele vinha preocupado com algum assunto grave.

— Bom amigo — disse com tristeza —, pelo que vejo o senhor nos traz alguma notícia desagradável... De que se trata? — perguntou Armando.

— Leia, senhor barão.

Armando tomou o jornal e leu em voz alta o seguinte, ao mesmo tempo que empalidecia visìvelmente:

"A polícia anda no encalço da célebre dançarina Artemisa, que, faltando aos compromissos contraídos com o empresário do Grande Teatro, fugiu na companhia do conhecido cavalheiro D. Carlos de Calatrava".

— Meu Deus! que vergonha, exclamou Marta, cobrindo o rosto com ambas as mãos.

— Mas... eu não sei como ele terá podido arranjar-se para acompanhar uma criatura como Artemisa, pois bem sabeis, meu amigo, que seu estado financeiro é dos mais deploráveis...

— Também eu não o sei, mas o fato é que fugiu, causando um novo escândalo, pois em toda a Sevilha não se fala de outra coisa.

De repente, Armando levantou-se e seu rosto tingiu-se de vivíssimo escarlate. Batendo forte na mesa, exclamou:

— Será possível?! Ah! como é que me não ocorreu antes? Sim! Ùnicamente por essa forma poderia ter fugido. Vou verificar.

Com a rapidez do raio, precipitou-se fora do aposento.

Marta levantou-se disposta a segui-lo, mas, não se atrevendo a deixar o administrador sòzinho, deixou-se ficar de pé, pálida, tremendo qual frágil açucena sacudida pelo vento.

Daí a pouco ouvia-se um grito seguido do baque de um corpo que tombava em cheio no soalho.

— Santo Deus! exclamou Marta, correndo ao gabinete do marido, seguida do velho Viriato.

Armando estava estendido, desacordado, sobre o tapete, rosto transfigurado, olhos desmesuradamente abertos e injetados de sangue.

Uma das gavetas, de artístico móvel, estava aberta...

Sùbitamente, apareceram à porta do gabinete todos os criados, alarmados com a ocorrência.

Tomaram logo do corpo inanimado, colocando-o num sofá, enquanto Marta, ao revistar a gaveta aberta, exclamava com indignação:

— Oh! o infame! Para seguir uma criatura perdida, roubar assim ao próprio irmão!

Efetivamente, daquela gaveta desaparecera avultadíssima quantia, que Armando ali guardara.

Logo se precipitou sobre o corpo do marido, gritando-lhe em meio de soluços desordenados:

— Meu amor! Eu bem te dizia que ele um dia chegaria a causar a tua própria ruína.

Triste de mim, que não fui bastante forte para impedir o seu regresso ao meu ditoso lar! Valei-me, meu Deus, neste transe, pois sinto despedaçar-se-me a alma pela mais angustiosa dor.

A uma ordem de Viriato, um criado saiu correndo à procura do médico, enquanto que os outros, auxiliados pelo administrador, procuravam reanimar o barão, sem o conseguir, pois ele continuava sempre desacordado.

Num arranco de desespero, a baronesa exclamou:

— E' inútil qualquer tentativa, pois ele morre. Ai de mim! Vai deixar-me justamente na ocasião em que mais precisava do seu apoio!

Naquele instante, entrou o doutor:

— Sossegai, minha senhora, pois isso sempre será um acidente passageiro.

Inclinou-se para o paciente e... ao contemplar-lhe o rosto, pareceu mudar de opinião, pois deixou trair na face uma expressão de mágoa.

A baronesa, que tudo observava, perguntou-lhe angustiada:

— Dizei-me, doutor, está muito mal, não é assim?

O médico, após ligeira hesitação, respondeu:

— Senhora, para que ocultar, se mais tarde deveis sabê-lo? Sim! o estado é gravíssimo, ele foi atacado de apoplexia. O ataque cessará... mas...

para ficar num estado de semiconsciência, pois as suas faculdades ficarão afetadas. E se o ataque repetir-se, o que aliás é muito provável, então, minha sehonra... a morte será fatal.

Ela soltou um grito de desespero:

— Santo Deus, qual será a minha falta para que me veja assim tão castigada?!

Calvário de uma alma!

Armando fora depositado no leito e, conforme dissera o doutor, o ataque passou, mas... para só ficar a insensibilidade granítica de uma estátua.

Contemplando aquele rosto, que nada expressava, nada dizia, a pobre senhora sentiu-se morrer de angústia.

Infeliz! Seus tristes pressentimentos estavam realizados.

Quanto sofria, vendo o companheiro adorado, naquele estado deplorável.

No auge do desespero, abraçava-o, beijava-o, dizia-lhe quanto o amava, quanto seu coração sofria. E ele sempre a sorrir, num sorriso estúpido, sem expressão!

Pobre Marta! A provação com que Deus experimentava a sua nobre alma não terminava assim, não!

Deveria ir mais longe ainda! Pobre anjo digno de melhor sorte!

A harpa harmoniosa do seu coração suave inutilizou-se de tanto sofrer. As suas cordas sensíveis jamais vibrariam como outrora ao impulso do sentimento.

E como poderiam fazê-lo, se estaladas foram aos rudes embates que o destino lhe desfechava implacável?

Havia já um mês que se postara à cabeceira do esposo adorado, só se afastando para ver o filhinho, aos cuidados da ama.

Certa manhã, esta se apresentou no quarto do barão, com as faces alteradas.

— Senhora baronesa — disse baixinho —, venha depressa, pois o menino amanheceu com febre.

Um raio que caísse aos pés de Marta não lhe causaria tanta emoção, quanto aquelas breves palavras.

Dirigiu um rápido olhar ao marido. Ele dormia. Saiu sem fazer o menor ruído, entrou precipitadamente no aposento do filho, cujo berço a ama balançava brandamente.

O rosto da criança apresentava uma cor avermelhada, muito intensa, e, embora tivesse os olhos fechados, percebia-se que ardia em febre.

Encarando a ama, ordenou.

— Corra, mande chamar o médico, depressa, não temos tempo a perder.

A rapariga saiu e ela ocupou o seu lugar, deixando deslizar pelas faces uma torrente de lágrimas amargas.

Instantes depois, entrava o médico, acompanhado do senhor Viriato.

O velho administrador, desde o dia que Armando adoecera, instalara-se no palacete, para poder melhor auxiliar a baronesa nos cuidados requeridos pelo estado do barão. Magnânimo coração, aquele!

Ele previa um próximo desenlace e não queria deixar isolada, na sua desdita, aquela meiga criatura.

O doutor, ao entrar, perguntou:

— Que é isso, minha filha?

Marta, desfeita em pranto inconsolável, respondeu:

— Ah! doutor, o senhor bem pode avaliar. A desgraça me persegue cruelmente.

— Coragem! — insinuou o administrador.

O médico auscultou a criança, observando-a atentamente.

Logo após um gesto de contrariedade, deixou-se ficar silencioso.

Pobre mãe! Adivinhando que o filho estava perdido e impotente para suportar essa nova e intensa dor, soltando um gemido de angústia, deixou-se cair nos braços do administrador, que, ao vê-la oscilar, correu a ampará-la.

O médico tirou do bolso um vidrinho e fê-la aspirar o conteúdo, enquanto dizia ao administrador:

— Pobre criatura! Não lhe bastava a perda do marido, tem que perder também o filho!

— Pois quê! — estará assim tão mal essa criança? — perguntou Viriato, assustado.

— Infelizmente! Trata-se de uma meningite aguda, e na sua tenra idade não poderá resistir a uma febre tão elevada. Farei o possível para cortá-la, porém, se durante o dia de hoje não ceder, então não lhe dou mais de três dias de vida.

Viriato elevou os olhos ao céu, exclamando:

— Sòzinha! Vai ficar sòzinha! Infeliz! Compadecei-vos, Senhor! desta pobre criatura tão provada no sofrimento.

Marta recuperou os sentidos. Quando abriu os olhos, exclamou, diringindo-se ao doutor:

— Meu Armandinho morre, não é verdade?

— Gravíssimo é o seu caso, mas, quanto a morrer, não creio poder ainda afirmá-lo.

— Pois, sim... morre! Basta ver-lhe o semblante, para concluir.

— Calma, senhora baronesa, pois vou trabalhar e ver se o posso salvar.

Durante todo o dia o médico não se afastou um só instante daquele aposento, fazendo tudo o que a ciência aconselhava, mas inùtilmente, pois a febre não cedia.

Chegada a noite, aproveitando um momento em que Marta se achava junto do marido, disse o doutor a Viriato:

— Triste calvário este, da senhora Baronesa.

E na verdade assim era:

Quando junto do filho, chorando amargamente por vê-lo definhar em febre ardente, era chamada para, com urgência, ir ao quarto do marido, pois este, logo que abria os olhos, queria vê-la junto de si.

Sentava-se então a seu lado e sofria a maior das torturas, ao contemplar o tristíssimo estado daquele ente adorado, do qual parecia haver fugido, para sempre, a chama da inteligência.

Dois dias se passaram.

Na manhã do terceiro, o médico, logo depois de haver examinado atentamente o doentinho, disse à própria Marta que precisava ter resignação, pois na mesma noite o anjinho deixá-la-ia para remontar às regiões do Infinito.

Pobre mãe!

— Meu amigo, haverá destino mais triste? Ontem feliz, ditosa, tudo me sorria, tudo se me apresentava envolvido numa auréola de cores róseas. Hoje, sofro terrìvelmente e sinto-me tremer de espanto, à sombria perspectiva de ficar sòzinha no mundo.

O nobre velho foi sentar-se a seu lado e, colocando paternalmente o braço nos ombros dela, disse-lhe com emoção:

— Sòzinha, não, pois, se assim o permitirdes, posso ficar ao vosso lado, qual um pai junto da filha, para enxugar-vos o pranto e suavizar-vos a dor.

Sensibilizada por aquelas afetuosas e confortantes palavras, Marta descansou a cabeça no peito do generoso amigo, deixando correr livremente as lágrimas.

Sùbitamente, aquela sensível criatura que tão bem interpretava as vibrações do além, sentiu-se penetrada de suavíssimo fluido. Sem mudar de posição, fechou os olhos e viu-se envolvida por alvíssimo nevoeiro.

Mentalmente, perguntou:

— Helena?!

— Sim — respondeu uma voz tenuíssima, qual vibração de harpa celestial.

— Que queres de mim, filha?

— Mãezinha querida, venho derramar em vosso coração o bálsamo da consolação, pois deve fazer-se forte para resistir às provações pelas quais é forçoso que passe. Brevemente perdereis o marido adorado, mas não para sempre, como sabe, pois ele vos esperará aqui no espaço ilimitado... Armandinho deve também vir comigo e, nesta mesma noite, a senhora porá no seu lugar o meu Adriano querido, pois será este que, mais tarde, há-de abrandar o coração endurecido de Carlos de Calatrava... Deus assim o quer, mãezinha.

— Pois faça-se a vontade de Deus, respondeu Marta num doloroso suspiro.

— Agora, mandareis procurar imediatamente Adriano, que deverá ocupar o berço vazio, do Armandinho. Tudo, porém, deve ser feito com o maior segredo, sem que alguém o perceba... Numa palavra: Adriano de Mendoza deve passar, perante o

mundo, como sendo o legítimo Armandinho de Calatrava... Mãezinha, eu descerei com frequência a envolver-vos nos meus fluidos, para que possais continuar na subida deste doloroso Calvário.

— Sim, minha filha, não deixes de vir auxiliar-me, disse Marta chorando amargamente, e acrescentando: — Sabes... Tudo será feito conforme desejas, mas temo que o teu Adriano venha a sofrer por causa de Carlos, pois este não deixará de querer apoderar-se dos bens de meu marido.

— Sim... ele o fará e nisso estará o seu castigo, pois Adriano é o seu próprio filho... Adeus, Mãezinha querida!...

— Adeus!...

Marta levantou-se. Nos seus olhos brilhava a chama sublime da inspiração.

— Meu amigo, disse a Viriato, posso confiar na sua discrição?

— Perfeitamente.

— Se eu precisasse de algum auxílio para certa empresa, ajudar-me-íeis?

— Certamente, pois estou disposto a dar-vos até a última gota do meu sangue.

Ela foi verificar se Armando dormia. Dirigiu um triste olhar ao filhinho, soltando angustioso suspiro. Logo voltou a sentar-se junto do velho e, lábios colocados quase aos seus ouvidos, entrou a falar-lhe confidencial.

Quando terminou, o velho inquiriu:

— A senhora tem confiança na ama? Saberá ela guardar o segredo?

— Ah! Sim! Tenho disso certeza.

— Pois, èntão, indique-lhe tudo quanto ela deve fazer.

Viriato levantou-se, saindo logo do quarto.

Hilário, o pagem favorito de Carlos, era um

rapaz muito vivo e, ao mesmo tempo, ambicioso. Por isso, apesar da profunda estima que sentia pelos barões, sempre inclinava as suas preferências em favor daquele.

Essa preferência era filha das gorgetas com que Carlos frequentemente o obsequiava, para que o auxiliasse em suas galantes aventuras.

A nova fuga do mancebo deixou-o bastante aborrecido, pois casualmente ocorreu quando mais entusiasmado ele se achava em aumentar ràpidamente as suas economias.

Embora sem saber a causa, não gostava do senhor Viriato.

No dia em que o bondoso administrador se apresentou no palacete, Hilário, tomado de forte despeito, começou a olhá-lo com rancor.

Percebendo a intimidade com que Marta o tratava, principiou a alimentar no coração a chama de um ódio injustificado contra o pobre velho, e, quase inconsciente, espiava constantemente todos os seus atos.

Naquele dia, quando o médico saía, perguntou-lhe pelo menino, ouvindo a triste resposta de que ele estava perdido.

Logo se certificou que Marta chorava, e, como o velho não saísse, intrigado, aproximou-se da porta do aposento que ficava intercalado. Escondeu-se atrás do cortinado, por onde introduziu a cabeça, retirando-a repentinamente, muitíssimo despeitado.

Marta chorava com a cabeça apoiada ao peito do nobre ancião.

— Nem que fôsse seu pai! — pensou o criado fechando os punhos, raivoso.

Internou-se pelo corredor a dentro, procurando afetar indiferença, mas, na verdade, atentamente.

Naquele mesmo instante, Marta apareceu no corredor, indo espiar o dormitório do esposo, e, regressando novamente ao quarto do menino, fechou a porta por dentro.

Hilário aproximou-se cauteloso, caminhando no bico dos pés para não ser pressentido e olhou pelo buraco da fechadura. Viu a baronesa sentada junto do velho e falando-lhe ao ouvido, discretamente.

— Aqui há mistério, disse com os seus botões.

Colocou o ouvido naquele buraco, no mesmo instante em que Viriato perguntava:

— A senhora tem confiança na ama? Saberá ela guardar segredo?

Não podendo compreender a resposta de Marta, afastou-se ràpidamente, pois o velho se dirigia para a porta.

— Hilário! gritou Marta.

— Senhora!

— Vai avisar a Luísa que venha imediatamente, pois preciso dela aqui.

A porta foi outra vez fechada.

Aplicado novamente o ouvido no buraco da fechadura, o criado ouviu o burburinho de animada conversa, frequentemente interrompida pelos soluços da baronesa.

Finalmente, chegaram-lhe estas palavras de Marta:

— Luísa, quando o senhor Viriato o trouxer, tu o esconderás no teu quarto; toma porém cuidado que não chore, para que ninguém o perceba. No momento oportuno serás avisada para fazermos a troca.

— Sim, senhora.

— Agora, podes principiar a propalar, entre a criadagem, que o médico achou a criança muito

melhor e que, dentro de dois dias, estará restabelecida.

— Assim farei.

Hilário afastou-se com um sorriso indefinível nos lábios.

Entrou no seu quarto e, deixando-se cair numa cadeira, pôs-se a refletir:

— Quase não preciso saber mais nada! Creio adivinhar o que se trata. O que o senhor Viriato deve trazer será, com certeza, alguma criança, para substituir o Armandinho, que não passará desta noite. Apesar das palavras de D. Marta, ouvi muito bem o que o médico disse.

Saiu do quarto e, já no corredor, entrou a espionar por trás de uma das janelas que davam para o jardim, pois parecera-lhe ouvir o rodar de uma carruagem no solo arenoso.

Efetivamente, uma caleça parou naquele instante em frente à portinha de acesso às habitações, dos criados. Da caleça desceu Viriato, revestido de grande capa, sob a qual parecia esconder alguma coisa, internando-se ràpidamente pela portinhola.

Hilário exclamou, rindo-se zombeteiramente:

— Ah! velho dos diabos! Podes ocultar-te que eu já te vi, tanto quanto sei o que escondes debaixo da capa.

Aguçando ouvidos, percebeu os passos de Viriato até o quarto da ama, a cuja porta bateu com os nós dos dedos.

A porta abriu-se e, após um sussurro de vozes apressadas, fechou-se novamente.

E o velho logo apareceu no corredor, entrando imediatamente no aposento do menino, onde se achava a baronesa.

Hilário correu, colocou o ouvido à fechadura e ouviu dizer:

— Senhora baronesa, tudo correu a contento. Garanto que ninguém perceberá nada, pois o menino parece com Armandinho qual gota d'água com outra gota.

— Ouça o que diz uma cópia do documento.

E pôs-se a ler o seguinte:

"*Casa de Caridade* — (Expostos). Eu, abaixo assinada, tomo sob minha proteção, comprometendo-me a tratá-lo como filho, o menino Adriano de Mendoza, que há pouco foi depositado nesta Santa Casa, ignorando-se quem sejam seus pais.

Assino-me eu, Marta Gonzalez, baronesa de Calatrava"

— Dai-me, senhor Viriato, dai-me esse documento — disse Marta, tomando-o das mãos do velho, pois algum dia me poderá ser necessário.

Hilário olhou pelo buraco da fechadura e viu Marta aproximar-se de artístico armário, e, abrindo uma gaveta, depositar nela o papel, fechando-a logo.

Um sorriso de triunfo floreou nos maliciosos lábios do rapaz, que se afastou satisfeito com o que acabava de descobrir.

Finalmente chegou a noite tão esperada pelo pagem e, ao mesmo tempo, temida pela pobre Marta.

Infeliz! era como se encarnasse a verônica da Dor!

Sentada junto do berço, no qual agonizava o filhinho, derramava amargas lágrimas que deslizavam copiosamente pelo seu marmóreo rosto.

Os ponteiros de um relógio, colocado sobre a

cômoda, marcavam onze horas, quando Armandinho, com os olhos fechados, respirava angustiosamente.

De repente... arregalou-os desmesuradamente, contorcionando o corpinho em violenta contração.

Viriato que, com um lenço, piedosamente enxugava o suor camarinhante da fronte moribunda, disse, em voz baixa:

— Marta, por Deus, tende coragem...

— Oh! não! não posso vê-lo sofrer assim, pobre anjo querido. E cobriu o rosto com ambas as mãos, gemendo soturnamente.

— Lembrai-vos, senhora, daquela Mãe Santíssima, que foi também forçada a presenciar a agonia do próprio filho, pendente de uma cruz.

E ao mesmo tempo que falava, o nobre ancião procurava, com seu corpo, esconder o infeliz menino, que, após algumas fortes convulsões, ficou imóvel. Estava morto.

O administrador fechou-lhe os olhinhos, dizendo:

— Sossegai, pois ele deixou de sofrer e neste instante... vai remontando ao Infinito, à procura da mansão dos anjos.

Ouvindo estas palavras, Marta precipitou-se para o cadáver do filho, cobrindo-o de beijos e inundando-o de lágrimas.

De repente, viu uma nuvem alvinitente envolver a criança e suplicou:

— Espera! Helena, espera, não mo leves ainda!

— E' preciso, mãezinha — respondeu-lhe um eco celestial —, pois a hora já chegou... Faltar-vos-á, porventura, a coragem no momento decisivo?

— Pois bem, leva-o, mas não o abandones nunca, ouviste?

— Jamais o abandonarei e juntos a esperaremos aqui.

Viriato, então, advertiu:

— D. Marta chegou a hora de fazermos a troca!

— Sim.

Daí a pouco, regressava acompanhado da ama, que trazia alguma coisa enrolada num chale escuro.

Separou, brandamente, Marta do filho, retirando-o do berço e depositando-o num sofá.

Aquela desventurada mãe, derramando silenciosas lágrimas, foi-lhe tirando as roupas, substituindo-as.

Quando terminou, Luísa aproximou-se e depositou no berço um formoso menino.

Ao vê-lo, a baronesa ficou como que transfigurada.

— Santo Deus! como são semelhantes! Até parece a reencarnação do meu Armandinho.

O administrador, que havia envolvido o cadáver no chale, dispunha-se a deixar o quarto, quando Marta observou:

— Esperai. Deixai que o beije ainda uma vez...

— Sim, mas depressa, pois o tempo voa e podemos ser surpreendidos.

Ela beijou apaixonadamente o cadàverzinho, perguntando com voz velada:

— Tendes a chave da cripta?

Respondeu que sim e saiu com o cadáver.

No corredor encontrou Hilário, perguntando-lhe, desconfiado:

— Que fazes aqui?

— Nada.

— Então corre! vai até ao dormitóório do senhor Barão, pois acho que ele está sòzinho.

O rapaz obedeceu, ele afastou-se ràpidamente, descendo a escada que terminava na cripta.

Dez minutos depois, estava de volta e aproximou-se de Marta, que, juntamente com Luísa, contemplavam desoladas o suposto Armandinho.

— Senhora Baronesa, tudo concluído.

Naquele momento apresentou-se, à porta do aposento, Hilário, que, com gestos desordenados e rosto espantado, gritou:

— Acudam depressa porque o sr. Barão acaba de ter um novo ataque.

— Deus do céu! — exclamou Marta precipitando-se para o quarto do marido, seguida de Viriato e Luísa. Então, Hilário aproximou-se do consolo, murmurando:

— Magnífica oportunidade... Não percamos tempo.

Abriu uma gaveta e tirou dela o documento que Marta ali depositara. Ao lê-lo ràpidamente, teve um gesto de satisfação e, metendo o importante documento no bolso, meditou, jubiloso:

— Precioso documento... Algum dia poderá valer uma verdadeira fortuna!

Marta aproximou-se de Armando, que respirava fragorosamente. Seu rosto tinha a palidez cadavérica. Os olhos estavam desmesuradamente abertos e brilhantes, de cristal, fixavam a esposa, como se pretendessem dela despedir-se.

— Vai depressa buscar o doutor, ordenou ela retorcendo os braços em paroxismos de angústia.

Viriato saiu correndo.

Instantes depois, regressava acompanhado do médico, o qual, lançando ao enfermo um olhar investigador, disse com tristeza:

— Justamente o que eu esperava e temia... Nada mais temos a fazer, está agonizando!

Marta desatou num pranto inconsolável. O nobre administrador, encarando o moribundo, teve os olhos inundados de lágrimas e, aproximando-se de Marta, disse à surdina:

— Filha, sede forte! Procurei suavizar-lhe os últimos momentos. Não estais vendo como o coitado sofre, por ser forçado a deixar-vos entregue a esse desespero?

Ela experimentou uma reação, e, num rápido movimento, enxugou as lágrimas. Inclinando-se para o marido, depositou-lhe na fronte já fria um beijo apaixonado, enquanto lhe dizia com voz enternecedora:

— Sossega, meu querido! Vai descansado meu amor, pois eu fico, sim, mas esperando ansiosa o momento venturoso em que possas vir procurar-me para, lá no céu, juntos continuarmos o nosso eterno e santo amor. Vai Armando adorado, descansa na paz do Senhor!

Como se ùnicamente esperasse aquelas palavras confortadoras, o moribundo alçou penosamente uma das mãos, que ela apertou entre as suas, cobrindo-a de beijos. Logo seus olhos se fecharam, para sempre, e nos lábios lhe aflorou suavíssimo sorriso.

Ela soltou um grito agudo e caiu desfalecida nos braços do honrado administrador.

A resistência tem também seus limites, era muito natural que aquela sensível criatura, que meses antes se considerava feliz e ditosa, vergasse tristemente ao peso esmagador da mais intensa das dores.

2.ª PARTE

Vinte anos depois

Marta, apesar dos seus 52 anos, continuava focalizando a admiração da nobre sociedade sevilhana.

Todos viam nela o protótipo das virtudes mais preciosas.

O sofrimento que lhe causava a falta do esposo, que a Parca tão cruelmente arrebatara na melhor fase da sua existência, não conseguira alterar a frescura do seu rosto, nem apagar o brilho dos seus grandes olhos negros.

Ùnicamente o sorriso se tornara melancólico, o que aliás lhe realçava a beleza escultural.

Vinte anos decorridos, sem que ela jamais se afastasse espiritualmente do seu Armando adorado.

Qual olímpica vestal, alimentava, constantemente, na ara santa do coração, o sagrado fogo do amor que sempre lhe votara.

Trajando rigoroso luto, jamais se apresentou na sociedade, e as poucas visitas que recebia, sentiam-se penalizadas ao contemplar a tristeza sempre estampada no seu fomoso semblante.

A sua única felicidade era o amor do filho.

Seu filho! Filho, sim, pois concentrava em Adriano toda a sensibilidade, toda a ternura do seu coração amoroso, e, à força de tanto o querer, chegava a convencer-se de que era mesmo seu verdadeiro filho.

Para alimentar essa doce ilusão muito contribuía o afeto sincero e profundo que o mancebo lhe dedicava.

Nunca se afastava dela, deixando-a ùnicamente nas horas consagradas ao estudo.

Marta sempre evitou revelar-lhe o mistério do seu nascimento e o rapaz crescera julgando-se filho legítimo dos barões de Calatrava.

Muito instruído, fizera todo o seu curso na antiga academia de São Domingos de Gusmão, situada num dos arrabaldes de Sevilha.

Era tão grande a simpatia, tão irresistível a atração que ele sentia pelo seu preceptor, o velho abade Jerônimo, que, apesar dos estudos estarem terminados, constantemente ia visitá-lo, entabulando com ele intermináveis palestras, já a respeito da interpretação dos textos sagrados, já desenvolvendo tema da mais alta filosofia, ou, ainda, sondando com os telescópios os abismos imensos do céu.

O bondoso frade, embora sem saber explicar o porquê, também se sentia fortemente atraído pelo rapaz.

O timbre da sua voz penetrava profundamente no íntimo do seu coração, como que a suscitar-lhe dolorosa recordação, pois, muitas vezes, quando Armando lhe falava com entusiasmo, fitando-o fixamente com olhares que refletiam a chama da inspiração, leve tremor lhe escapavam dos lábios, enquanto nos próprios olhos lhe borbulhavam furtivas lágrimas, que o bondoso frade enxugava ràpidamente.

Armando, que já percebera aquela estranha anomalia do velho, não quis interpelá-lo, porque podia profundar alguma ferida dolorosa. Contentava-se em dizer com os seus botões:

— Coitado! quem sabe lá o que guardará no

coração? Que história de infortúnio esconderá nesses suspiros? E' melhor nada lhe perguntar, pois, assim, poderia magoá-lo mais.

O velho Viriato falecera. Havia muitos anos que seus restos repousavam na cripta, junto às cinzas do barão.

Hilário continuava na casa, sempre na esperança de poder realizar algum negócio que lhe permitisse deixar aquela vida de servidão.

Marta, apesar de não sentir por ele simpatia alguma, pois via a cobiça estampada nos seus maliciosos olhos, agradecida pelos bons serviços que prestava, recompensava-o, concedendo-lhe o cargo de criado principal da casa.

Mas isso não satisfazia a ambição do servo, que desejava de uma vez para sempre libertar-se daquilo que considerava uma escravidão. E, como os seus 78 anos principiassem a lhe pesar e as suas economias não chegassem para trocar de posição, sentia-se irritado com o destino que o forçava a servir aos outros, bem contra sua vontade.

Sabia que, se pedisse exoneração do cargo, Marta acederia, recompensando-o generosamente, como já fizera com Luísa, que se casara, indo residir com o marido numa das aldeias da província. Ele, porém, deixava isso para último momento, sempre esperançoso de fazer-se pagar bem pelo segredo que retinha.

Secretamente, já tinha feito algumas indagações, procurando descobrir o paradeiro de Carlos, mas, inùtilmente, pois apesar dos seus esforços, nada pôde conseguir.

A própria Marta, hàbilmente interrogada, declarava nada saber a respeito do cunhado.

Deliberou, portanto, revestir-se de paciência e confiar ao acaso a solução do seu problema.

Não gostava de Armando e invejava-lhe a sorte, que, tão de inopino, o levou alto, concedendo-lhe a posse de um título de barão.

Apesar de o mancebo tratá-lo com respeito e delicadeza, não gozava das suas simpatias, pela simples razão de que os seus hábitos honestos e morigerados o dispensavam das gorgetas com que Carlos frequentemente o cumulava, para ser mais bem auxiliado nas suas aventurosas empresas.

Uma tarde em que Marta se encontrava no seu gabinete de costura, ocupada em bordar riquíssmo manto de seda destinado a Nossa Senhora das Dores, venerada na capela da Abadia e à qual ela dedicava grande devoção, sentada em frente à janela para aproveitar os últimos lampejos do Sol que se escondia lentamente atrás dos montes vizinhos e dando as costas para a porta da entrada, eis que o cortinado de veludo escarlate se afastou, aparecendo na sua abertura um mancebo de gentil aspecto, rosto claro, no qual brilhavam dois grandes olhos de um azul celeste, fronte espaçosa, artìsticamente emoldurada pelos anéis de cabelos castanhos bronzeadas.

Era Armando.

Avançando cautelosamente para não ser percebido, aproximou-se da dama, depositando respeitoso beijo no seu alvíssimo pescoço.

Marta, soltando um pequenino grito de susto, voltou-se ràpidamente, exclamando:

— Ah! És tu?

— Então, quem havia de ser senão eu — disse, sentando-se na almofada do mocho, onde a baronesa descansava os pés.

A senhora deixou o trabalho e, passando uma das mãos, carinhosamente, pelos anelados cabelos do filho, perguntou, afável:

— Onde estiveste até agora, meu queridinho?

— Na abadia, com Frei Jerônimo, estudando as fases de Vênus, a branca e imaculada estrela dos crepúsculos.

— Ah, meu filho, disse Marta sorrindo, se não estivesses tão ocupado em contemplar as estrelas do Céu, certamente verias os encantos de algumas dessas estrelas que gentilmente deslizam pela superfície da Terra.

— Estrelas que deslizam pela superfície da Terra, oh mamãe! não te compreendo...

— Sim, filho, ajuntou, refiro-me a esses anjos cujos encantos e bondades são a ventura de quantos se lhes aproximam.

— Agora, sim, compreendo... Vejo muitas dessas estrelas, mas, para falar a verdade, jamais reparei nos seus encantos.

— E, todavia, apressou-se em responder a baronesa, eu gostaria de ver-te unido a um desses belos anjos que são a alegria do lar. Tu já estás com vinte anos de idade, por conseguinte, em condições de tomar novo estado, que viria dar a possibilidade de perpetuar o nome dos Calatravas.

Após brevíssimo silêncio, o mancebo disse sèriamente:

— Mamãe, jamais te desgostei; por conseguinte, se assim o desejas, faze a escolha por ti mesma e eu obedecerei.

— Não! Isso nunca! A escolha deve ser feita pelos impulsos do teu coração. Eu sòmente exprimi o desejo de te ver feliz para toda a vida, mas, contrariar tua vontade, forçando-te ao matrimônio, isso nunca!

O rapaz, deixando vagar ao acaso o olhar pelo aposento, viu destacar-se em uma mesinha próxima um cartão de visita, e, achando nele um pretexto para mudar de assunto, estendeu o braço, apanhando-o e perguntando com indiferença:

— Mamãe, de quem é?

— Lê, respondeu ela.

Passou a vista no cartão, no qual se via escrito um nome encimado por um escudo condal. E leu: — D. Rodrigo Aranquez — Conde de Navarra.

— Mas quem é esse conde, mamãe?

— E' o nosso vizinho.

— Como?!

— Sim, meu filho. Se tu não te deixasses arrebatar tanto pela contemplação das coisas celestes, terias visto que, no palacete cujo jardim confina com o nosso, nestes últimos dias tudo era movimento e vida. E a razão disso é o conde vir instalar-se aqui.

— Mas a senhora não saberá algum pormenor a respeito desse senhor?

— Pouca coisa. Sòmente aquilo que o seu mordomo quis revelar-me, quando hoje de manhã trouxe este cartão de apresentação, oferecendo-nos a casa. O que ele me disse foi que o Conde é um distinto cavalheiro, pertencente à mais elevada aristocracia e possuidor de avultada fortuna. De resto, muito cioso dos seus brasões.

Dizem que ele deixou a cidade de Navarra, onde nascera e vivera até agora, por motivo de saúde, um tanto alterada; e como os médicos lhe recomendassem a nossa Sevilha, mandou restaurar o palacete de longos anos deixado no mais completo abandono, vindo aqui instalar-se em companhia da filha.

— Então, tem uma filha?

— Sim, um verdadeiro anjo de beleza excepcional.

— Ah! Agora me lembro disse Armando, de repente, que a abadia está também passando por

grandes reformas. Até a capela está sendo primorosamente ornamentada. Hoje, ao perguntar ao Abade Jerônimo a razão dessa reforma, ele respondeu que era fruto do valioso donativo de um conde, antigo protetor da abadia, que viera instalar-se em Sevilha, fazendo todo aquele gasto para aliciar os favores do céu, a prol do restabelecimento de sua saúde. Será D. Rodrigo, esse conde que temos por vizinho?

— Ele mesmo.

Poucos dias depois, Armando, mal se levantara, estava no gabinete de estudos, a remexer livros e pergaminhos, quando se viu agradàvelmente surpreendido por um belo rapaz, que entrou de supetão e, abraçando-o alegremente, disse:

— O' misantropo! Que fazes aqui? Sempre metido entre livros!

— Tu? — exclamou Armando, levantando-se e correspondendo aos cumprimentos.

— Sim! Acho que ainda sou eu... E soltou estrondosa gargalhada.

Marta assomou à porta, dizendo com um sorriso encantador:

— Oh senhor Afonso! não é que chegou na hora do chocolate? — Venham, pois, ambos a tomá-lo.

Afonso, ao vê-la, inclinou-se profundamente, beijando-lhe a mão. Depois, oferecendo-lhe o braço, assim se dirigiram os três até à varanda, onde, cômodamente sentados, tomaram o chocolate, entretidos em agradável e demorada palestra.

De repente, o visitante reparou num precioso ramalhete de belas flores, que se ostentavam em riquíssima jarra de prata, colocada no centro da mesa.

— Oh! que flores formosas! — exclamou.

— São rosas muito raras, advertiu Marta.

— Como? — ajuntou o mancebo, altamente surpreendido e levantando-se para examinar melhor. Efetivamente, são rosas de uma coloração tão escura, que dão a aparência de pretas. Mas são admiráveis! De uma raridade excepcional. Jamais vi coisa semelhante! Onde encontrou a senhora a planta que fornece estas flores tão valiosas por sua raridade?

— E' um espécime oriundo da Índia, respondeu Marta. Certo dia em que me achava de visita à casa de minha amiga a Marquesa de Miranda, vi no seu jardim várias rosas, que um filho em viagem lhe mandara da Índia. Então, presenteou-me com alguns exemplares, ao mostrar-lhe desejos de possuí-los.

— Tenho tanta predileção pelas flores, disse o mancebo, que muito gostaria de possuir uma dessas roseiras, a fim de aformosear a coleção do meu jardim.

Ouvindo tais palavras, Marta apressou-se a dizer:

— Então, caro Afonso, vá ao jardim e lá poderá tirar quantos galhos quiser. Armando, vai mostrar-lhe a roseira. Já sabes, está junto à grade do jardim do conde.

Os dois rapazes levantaram-se, saindo fraternalmente abraçados, enquanto Marta se aproximava de uma janela, da qual podia ver perfeitamente o jardim.

Ao espiar por trás da vidraça, um sorriso celestial lhe entreabriu os delicados lábios dizendo:

— Meu Deus, como é bela!

Branca de Navarra

Os dois amigos, logo que chegaram ao jardim, internando-se por entre os canteiros, foram até junto à grade que separava os dois jardins.

Ao deparar os magníficos exemplares que produziram aquelas rosas escuras, aproximaram-se.

Afonso exclamou entusiasmado:

— Como são belas!

— Corte um, dois, três, quantos galhos queiras, ajuntou Armando.

Afonso abaixou-se e, utilizando uma tesoura de que se tinha munido, cortou um galho da planta, perguntando:

— Este galho pegará bem?

Como não recebesse resposta, sem mudar de posição levantou a cabeça e, fitando o amigo, repetiu a pergunta.

Novo silêncio de Armando, que, olhando através da grade, extasiado contemplava, no jardim vizinho, alguma coisa que o estarrecia.

Querendo saber do que se tratava, Afonso levantou a cabeça e, por sua vez, ficou agradàvelmente impressionado.

No jardim do conde, à pequena distância, uma gentil criatura deslizava graciosamente entre jasmins e rosas. Alta, esbelta, de formas delicadas e atraentes. No rosto de linhas perfeitas, da brancura do alabastro, destacavam-se os grandes olhos negros, que, quais puríssimos diamantes, despediam vivas cintilações. Olhos sonhadores, sombreados pelo veludo de supercílios finamente arqueados.

Molduravа-lhe a fronte fartíssima cabeleira preta, que, presa ao pescoço por um laço branco, caía em artísticas ondulações sobre os ombros, cuja alvura perfeitamente se adivinhava através da finíssima gaze do vaporoso vestido.

Sem desconfiar de que dois pares de olhos a contemplavam de bem perto, deslizava descuidosa por entre os tufos floridos.

Por vezes, a comprida cauda do vaporoso vestido se prendia nalgum galho, deixando a descoberto os pequeninos pés, e então, com um movimento de enfado, puxava-a com presteza, cobrindo-os novamente. Seus movimentos tinham uma graça quase infantil, em flagrante contraste com a expressão, fulgurante dos olhos, chama reveladora de indomável energia e poderosa força de vontade.

Num dado momento, levantou a cabeça e seus olhos se dirigiram ao lugar onde os dois amigos se achavam absortos, a contemplá-la.

Tão grande o êxtase de Armando, que não ouviu a pergunta do companheiro, nem percebeu quando ele se levantou.

Dir-se-ia ter a vida concentrada nos olhos que não se desviavam um instante daquela visão sedutora.

Quando os olhares da moça encontraram os seus, ficara como que deslumbrado pelo fluido que deles se desprendia.

Fluido que o envolveu num nimbo resplandecente, cujas cintilações lhe despertavam, no íntimo, mal adormecidas reminiscências, como se houvera já sentido os salutares efeitos daquelas irradiações.

Imediatamente, desprendeu-se-lhe da aura uma corrente de simpatia, que foi confundir-se com a emanante daquele anjo de beleza. E o anjo também se sentiu comovido por força da mesma atração irresistível.

Perturbada, ela baixou os belos olhos, enquanto o níveo rosto se purpureava.

Mas, logo se reanimando, ergueu a vista e, diante da profunda reverência dos rapazes, a cumprimentá-la com galanteria, inclinou-se levemente, deixando brincar nos lábios um sorriso encantador.

Em seguida, afastou-se, e, ligeira qual gazela amedrontada, internou-se no palacete.

Armando continuou de pé, olhos fixos no lugar onde ela desaparecera, como se ainda continuasse a vê-la.

O amigo, intrigado com aquela abstração, agarrou-lhe o braço, perguntando:

— Que é isso, Armando; que tens?

O rapaz, caindo em si, contemplou-o com olhar espantado e respondeu, com voz titubeante.

— Ah! Não sei... Não é nada... Vamos até ao gabinete?

— Sim, mas não antes de haver colhido alguns desses galhos.

— Como?! Pois ainda não o fizeste? Então, avia-te.

— Sabes quem é essa encantadora criatura? — perguntou Armando.

— Certamente. E' Branca.

— Branca?

— Sim. Branca de Navarra.

— Ah!...

Afonso levantou-se e, com os galhos na mão, disse, sorrindo maliciosamente:

— Ah! meu Armando! Estou a ver que, procurando as rosas pretas, deixaste que a tua alma ficasse presa aos encantos da linda rosa branca!

O outro corou como um colegial, e, sem responder palavra, abraçou o amigo, caminhando ambos para o gabinete.

Marta que, postada atrás da janela da varanda, espionava atentamente o desenrolar daquela

cena inocente, ao verificar o êxtase do filho, juntou as mãos e elevou os olhos ao céu, exclamando:

— Que felicidade, Santo Deus, se estas duas almas chegassem a se compreender, pois bem vejo que Branca é um anjo de pureza.

Uma vibração, vinda do Infinito, lhe respondeu suavemente, enquanto pelos seus olhos passava rápido deslumbramento!

— Sim! eles se compreenderão, pois são duas almas gêmeas, que se conjugam de longínquas existências...

Nesse momento a vibração se extinguiu.

— Helena — perguntou Marta — assustada por aquela interrupção —, que significam as tuas reticências? Será que algum perigo ameaça o meu Armando?...

Quem sabe se eu interpretei mal — disse ela, procurando animar-se a si própria.

Tirou-a daqueles tristes pensamentos o barulho dos passos dos rapazes ao entrarem no gabinete.

Depois de algumas horas de conversa, em que os dois amigos se entretiveram trocando impressões e comunicando-se entusiasmo de almas simples e inocentes, Afonso retirou-se, após se haver despedido carinhosamente da baronesa, que lhe recomendou os visitasse com frequência.

D. Rodrigo, que, como já sabemos, era distinto cavalheiro descendente de família de nobre estirpe, possuía um único defeito, a contrastar notàvelmente com as boas qualidades do seu magnânimo coração.

Sentia-se orgulhoso dos seus brasões e, embora amasse a filha com todas as forças do seu coração paternal, jamais consentiria em casá-la com

quem não ostentasse um nome ilustre, unido a um título nobiliárquico.

Sempre que discutiam tal assunto, ele respondia desta forma:

— Jamais entregarei a bela flor de Navarra a quem não for digno da nossa estirpe.

O altivo conde, que enviuvara quando Branca contava apenas cinco anos de idade, concentrava nela todo o afeto de que era suscetível o seu coração magoado pela perda da esposa querida, e esse afeto, no dobar dos anos, se transformara em verdadeira adoração, que ultrapassava os limites humanos.

Sofria do coração e, como nos últimos tempos a sua moléstia se agravara, decidiu obedecer aos conselhos médicos, instalando-se em Sevilha.

Branca era um verdadeiro anjo, de temperamento apaixonado e sensível, em alto grau.

A contemplação de um pássaro morto a fazia chorar. Uma flor tombada, com a haste destroçada, arrancava-lhe lágrimas de amargura.

Caridosa ao extremo, reservava grandes quantias para distribuí-las com os necessitados. Era enfim uma criatura verdadeiramente adorável, de trato simples e afável, que não fazia distinção entre ricos e pobres, nobres e plebeus.

Contava dezessete primaveras e era dona de uma beleza em todo o seu apogeu.

Adorava o pai, e, sabendo da sua moléstia, empregava todos os esforços para que a sua tranquilidade não pudesse ser alterada.

Era, numa palavra, a fada benfeitora daquele lar sossegado e feliz.

Não possuía outro amor, além do que dedicava ao pai, às flores e às aves do seu formoso jardim.

No dia em que ali se avistou com Armando,

descortinou à frente um novo horizonte, que lhe oferecia perspectiva esplêndidamente iluminada com as mais belas cores do íris.

Imediatamente reconheceu ela em Armando a silhueta encantadora dos seus castos sonhos de virgem.

Ficou tão impressionada que, ao surgir no salão em que se encontrava o conde, este, soltando o livro que tinha em mãos, perguntou-lhe, assustado:

— Que aconteceu, minha Branca, para me surgires assim tão pálida?

— Nada, papai, respondeu corando sùbitamente.

— Como não? Onde estavas minha filha?

— No jardim.

— Ah! — exclamou o conde, sorrindo bondosamente. O vento derrubou alguma das tuas flores prediletas?

— Oh! não.

— Então, achaste algum passarinho morto...

— Também não.

— Então, que foi que te aconteceu?

Ela sentou-se no sofá, bem perto do pai e, abraçando-o, disse-lhe no ouvido, misteriosamente, como se tivesse medo de ser ouvida por algum estranho:

— Sabes? papai... Estava cuidando das minhas flores, quando levantei a cabeça... e vi-o no jardim vizinho, acompanhado de um amigo.

— Quem? filha.

— Ele!...

— Sim? Mas quem é ele? Quero saber quem é o afortunado mortal que conseguiu transtornar-te desta forma...

— E' aquele que quase todas as noites se me apresenta em sonho.

— Ah!... Então tu sonhas, minha Branca?

— Sim, papai. Eu sonho que me encontro num país estranho, rodeada de flores de rara beleza.

"No meio de uma paisagem de aspecto encantador, totalmente diversa desta que vemos na Terra, eu sinto que, andando, é como se deslizasse satisfeita, ao ver-me envolvida nos feéricos reflèxos de um brilhante Sol de prata...

"De repente, lá no fundo do cenário destaca-se branca silhueta... E' um jovem... (Sempre o mesmo!)... que, vestindo vaporosa túnica, aproxima-se sorridente... Sinto-me comovida... estranhamente emocionada e, sem poder conter-me, vou avançando ao encontro dele, sorrindo também... Mas, oh! fatalidade! Quando estamos bem próximos um do outro... quando me estende amorosamente os braços, o sonho se desvanece... e acordo sob a impressão de imensa tristeza.

"Pois esse jovem, acabo de vê-lo, papai, como disse, no jardim vizinho...

— Ah! Deixa disso, louquinha. Os teus sonhos são quimeras... ilusões que se desvanecem ao sopro da realidade. De resto, esse que tu viste, será o barão.

— Barão?!

— Sim! Armando de Calatrava, proprietário do palácio contíguo.

— Ah!...

— Dize, minha Branca, será que tu já não queres mais ao teu pai e andas sonhando com o amor de um estranho?

Branca atirou-se nos braços do pai e, beijando-lhe a fronte, respondeu:

— Como? Perguntas se te amo? Ah! com todas as forças de minha alma. Amo-te mais que

a minha própria vida. Mas... eu não sou culpada de sonhar. Os sonhos independem da nossa vontade.

— Lá isso é verdade.

Instantes depois, Branca se encontrava em seu quarto, onde tudo era branco: paredes, cortinados, mobília, tudo resplandecia na puríssima cor de neve.

A formosa donzela, sentada lânguidamente num sofá, meditava...

Não podia, de forma alguma, aceitar a ideia de seu pai a respeito daqueles sonhos que a faziam tão feliz.

— Quimeras? Ilusões? Isso nunca!

Se eles não eram a fiel reprodução de alguma cena passada noutros horizontes, nalguma existência remota; se não representavam a visão antecipada de um futuro brilhante, mais ou menos longínquo, porque, então, aquela insistência em se reproduzirem quase todas as noites? Porque, sempre, o mesmo mancebo, a sorrir-lhe com amor? Deveria, pois, considerar aqueles quadros encantadores como mero produto fantasioso da sua mente, quando se apresentavam mesmo sem ser esperados? Ah! não! Jamais assim pensaria, pois, apesar do que seu pai lhe dissera, ela acabava de ter a prova de que nada tinham de ilusório! Porventura as feições do mancebo que avistara no jardim não eram exatamente as mesmas da sua querida aparição? Por acaso, não tinha a certeza absoluta de lhe haver causado a mesma impressão que ela própria recebera, ao se encontrarem frente a frente?

Ah!... O raio resplendente que se desprendera do seu olhar e com o qual a envolveu toda, era o mesmo que despedia o olhar do seu visitante noturno.

— E' ele! Sim. Ele! — exclamou finalmente, apertando o peito com as mãozinhas delicadas.

E agora que acabo de encontrá-lo, sinto que hei-de de amá-lo com todo o fervor do meu coração.

Corações envolvidos pelos laços de Cupido

Marta acompanhava com alegria a grande transformação que Armando estava experimentando.

Quase não saía de casa, e, quando não permanecia encerrado no gabinete, passava horas no jardim, atento em cuidar das flores, que tratava com esmero e cuidado, parecendo querer rivalizar com a bela condessinha em flor, qual borboleta gentil. Às vezes, seus olhares se cruzavam e o rubor subia às faces de ambos, enquanto seus lábios se engalanavam de inocentes sorrisos.

Marta, que de longe espreitava, sorria também, pedindo a Deus abençoasse aquele amor, que suavemente germinava nos dois corações juvenis.

Em uma das tantas vezes que Armando permanecia encerrado no gabinete, Marta aproximou-se cautelosamente a espiá-lo pelo buraco da fechadura.

Armando, sentado à escrivaninha, lia com ar distraído as páginas de um livro. Parecia impaciente, pois os dedos passavam as folhas ràpidamente e muito antes do tempo necessário para que pudessem ser totalmente lidas.

Daquela janela podia-se ver o jardim... Após breve momento, soltou um suspiro e retomou o lugar que havia deixado.

Daí a pouco, deixou outra vez o livro e novamente foi, ansioso, até à janela.

— Pobre Armando! — disse Marta consigo mesma. Já não pensa noutra coisa. Até se esquece das suas visitas ao convento para contemplar as estrelas do céu. Certamente, sente-se atraído pela formosa estrela do jardim!...

Passaram-se uns dias... Certa manhã, Armando desceu bem cedinho ao jardim, e, como não visse a gentil vizinha, impelido pela curiosidade pôs-se a espreitar por trás da grade.

Aquilo era um verdadeiro paraíso de fadas!

No centro do jardim do conde, elevava-se majestosamente uma fonte monumental, circundada por um lago. Do ponto mais culminante, onde Netuno apoiado ao tridente ostentava o seu poder, escoavam fiozinhos d'água que, descendo em cascata pelos rochedos e salpicando de brilhantes pérolas as conchas nacaradas, em volta das quais alegremente brilhavam as ninfas e cupidos, iam, finalmente, confundir-se no reservatório do lago, onde alvíssimos cisnes deslizavam mansamente, contornando minúsculas ilhotas povoadas de náiades e sereias.

A cada passo surgiam, por entre os maciços de flores, o vulto branco de uma Minerva, uma Diana, uma simples Vestal ou, então, grupos de Cupidos com asas, preparando os arcos e prontos a disparar suas setas amorosas, destinadas a ferir algum coração indiferente ao amor.

No fundo de uma ramagem frondosa dos salgueiros, podia ver-se uma gruta rústica em cujo interior se destacava formosa imagem da puríssima Conceição, que formava estranho contraste com os mármores seminus de todas as deusas pagãs.

Armando estava admirado, vendo aquela que ele considerava a rainha dos céus, confundida no meio de todas aquelas mitológicas divindades.

Que significa aquilo?

Sùbitamente, abriu-se a porta do palacete e apareceu a fada daquele jardim encantado.

Branca, lépida e saltitante qual delicada avezinha, foi descendo a marmórea escadaria, e, internando-se nos maciços, principiou o seu trabalho cotidiano.

Aqui, tirava um galho seco; ali, endireitava uma flor; e assim foi, inconscientemente, aproximando-se da grade, por entre cujos varões Armando a contemplava extasiado.

Ao vê-la perto de si, não pôde conter-se e disse:

— Bom dia, senhora condessa!

Branca levantou a cabeça, e, corando, respondeu:

— Ah! é o senhor?! Bom dia!

— Tão cedinho e já tratando das vossas flores!

— Sim, pois se gosto tanto delas!... Mas, pelo que vejo, também não sou a única a amá-las...

— Certamente, também eu lhes tenho muito amor... Contudo, todo o afeto de que é suscetível meu coração, vem sendo dedicado de preferência a uma só flor.

Ela corou novamente, sentindo-se envolvida no olhar deslumbrante com que o mancebo acompanhara as suas palavras.

Logo sorrindo, insinuou:

— Ah! essa flor deve ser um prodígio de graça e de beleza, para assim conseguir atrair toda a vossa preferência.

— Acertastes deveras; é uma flor suavíssima, de perfume delicado, que a mão de algum anjo deixou cair na superfície do planeta, para mostrar a

Humanidade quanto de bom e de belo existe no Céu.

Nova perturbação da donzela, que compreendeu perfeitamente a alusão e, inclinando ao peito a formosa cabeça, principiou a desenhar riscos na areia, com o bico do seu sapatinho.

Armando, sentindo havê-la perturbado, perguntou brandamente:

— A senhora dá-me licença que vos faça uma pergunta?

Ela reanimou-se, levantou a vista, e, fitando o rapaz nos olhos, respondeu sorrindo afàvelmente:

— Se isso vos apraz, podereis fazer quantas perguntas quiserdes.

Armando inclinou-se agradecendo e perguntou:

— A senhora professa a religião católica?

— Pois então?

— E pratica-a?

— Certamente! Todos os domingos vou assistir ao sacrifício da missa na abadia de São Domingos. E o senhor também é católico?

— Sim, e por isso me admiro muito que a senhora tivesse colocado a Virgem no meio de todas essas estátuas seminuas, que representam falsas divindades pagãs, tão contrárias à nossa santa doutrina.

Queira desculpar a minha franqueza senhora Condessa.

— Será que a Virgem ficará vexada com isso, senhor barão?

— Talvez! Tudo depende da intenção.

— Ouvi-me então um momento e logo me direis se mereço censura. Estimo todas as esculturas, não pelo que representam e sim pelo que são. Verdadeiras obras de arte, na sua mais elevada expressão. Ao meu ver, a Virgem é o símbolo da poesia e coloquei-a no meio da arte. Creio mes-

mo que, sem uma não pode existir a outra. Numa palavra, penso que a arte, para ser perfeita, deve elevar-se à poesia mais sublimada.

Armando pemanecia mudo, pelo assombro que lhe produziram aquelas palavras da donzela, palavras que revelaram uma elevação de conceitos nada comum em criatura da sua idade.

Cada vez, sentia-se mais preso àquela alma angélica, que tão bem harmonizava com a sua.

Branca, diante do silêncio do rapaz, perguntou com precipitação:

— E agora, senhor barão, julgais ainda que a Virgem poderá ficar sentida por tê-la erigido em rainha e soberana de todas essas deusas da arte plástica? Podereis dizê-lo já, pois, caso assim seja, nada mais me custará dar uma ordem e todas essas esculturas cairão destruídas a golpes de picareta.

— Oh, não! Jamais! Deixai-as ficar, desde que a intenção não pode ser mais nobre e elevada.

— E vós, senhor, amais também a Virgem? — perguntou Branca cautelosamente.

— Sinto por ela uma verdadeira adoração. Se não fôsse pedir muito, até pediria... me permitisseis depositar a seus pés algumas das minhas rosas favoritas.

— Mas, porque não? Vinde fazê-lo, pois eu já vos estimo sòmente por saber que também amais a Virgem.

Armando inclinou-se. dizendo:

— Então, vou à procura das flores e num instante estarei de volta.

Afastou-se e colheu boa porção das lindas rosas escuras, às quais juntou várias orquídeas e cravos brancos, formando um grande e precioso ramalhete.

Instantes depois, apresentava-se na cancela do jardim do conde.

A própria Branca, com o rosto incendiado, abriu-a, dizendo:

— Podeis entrar, pois já sabeis que esta é a vossa própria casa.

Satisfeito, ostentando na mão o belo ramo, o rapaz entrou, mas logo se deteve, perguntando:

— Mas... o senhor conde?

— Ainda está dormindo, respondeu ela, soltando uma alegre gargalhada. Papai é um grande dorminhoco e gosta muito de levantar tarde. Mas... sem cerimônia. Vinde colocar o ramo, por vossas próprias mãos, aos pés da minha Virgem adorada.

Enquanto assim falava, a formosa donzela avançava pela sombria alameda, seguida pelo barão.

Chegados à gruta, Armando colocou as flores aos pés da imagem, entre dois belos anjinhos que sustentavam as pontas do seu manto.

— Formosa imagem! — exclamou Armando, fazendo profunda reverência, e, examinando atentamente a gruta, ajuntou: — Ah! como é belo tudo isto! Aqui se percebe, perfeitamente, a mão de um anjo nesta linda concepção.

— Obrigada, cavalheiro, respondeu-lhe saindo da gruta. E, para melhor ocultar a perturbação, abaixou-se passando brandamente a mão pelo dorso de uma pombinha branca, que lhe recebia os afagos com evidentes demonstrações de alegria.

— Mansinha! — exclamou Armando.

— Oh! Sim! Ela é boazinha e me quer muito bem.

Dirigindo-se à inocente avezinha, interpelou-a:

— Zizi, onde está a tua companheira? Vai buscá-la; corre, pois quero apresentá-la ao senhor barão.

A pomba pareceu compreendê-la, correu a internar-se num espessa moita de madressilvas, para sair logo acompanhada de outra pombinha alvíssima quanto ela, avançando, no seu miúdo e aristocrático passo, ao encontro da donzela.

De repente, pararam e, batendo asas, voaram, indo pousar na palma das mãos que a moça lhes estendia, e, aproximando-as dos lábios, uma após outra, beijou-as, dizendo:

— Sabe, senhor barão, todos os dias a primeira coisa que fazem, quando apareço no jardim, é trazerem-me o seu beijo matinal. Hoje ainda não o tinham feito — não sei porquê...

— Será, disse ele com precipitação, por minha causa? Certamente minha presença afugentou-as...

— Talvez, pois o senhor é ainda um estranho para elas; mas eu as ensinarei a amar-vos também. Ah! como são lindas. Assim devem ser as almas puras, não é verdade?

— Certamente, pois as pombas são consideradas, desde as eras mais remotas, como símbolo da perfeição e da pureza.

Naquele instante ouviu-se a voz do conde: — Branca!

Ela voltou-se ràpidamente, soltando as pombas e, ao ver o pai, que do alto da escadaria a contemplava sorrindo, exclamou:

— Oh! papai, já de pé tão cedinho, assim? Vem até cá, pois quero dar-te um beijo.

O conde desceu, complacente, a sorrir, e foi-se aproximando e dizendo:

— Pois é: Já não tendo mais sono, levantei-me. Estive à tua procura... porém vejo, minha Branca, que sabes aproveitar o tempo melhor do que eu...

— Deveras? — respondeu a filha alegremente

— Tu não sabes que a quem cedo madruga Deus ajuda? E abraçando-o, beijou-o nas faces.

Armando adiantou-se um pouco perturbado, dizendo:

— Queira desculpar, senhor conde, o meu atrevimento, porém não pude resistir ao convite que a senhora condessa se dignou fazer-me, para depositar algumas flores aos pés da Virgem.

D. Rodrigo apertou afàvelmente a mão do rapaz e respondeu com bonomia:

— Desculpar-vos desses atrevimentos? Não deveis assim falar, pois já sabeis que o nosso lar, para vós, está aberto a qualquer hora e sempre que o desejardes, de vez que vossa presença nos causa sempre prazer. E já que aqui estais, vinde tomar chocolate conosco.

Armando inclinou-se novamente.

— Não sei como agradecer tão honroso convite, mas, desculpai-me, pois mamãe nada sabe. Saí sem avisá-la e...

— Ah! Isso não importa, retorquiu o conde; mandaremos avisá-la. Em seguida, gritou:

— Laura!

Por uma das janelas de frente para o jardim, apareceu o rosto travesso de uma criada.

— Senhor?

— Vá imediatamente avisar a senhora baronesa de que o barão fica conosco para tomar chocolate.

— Sim senhor.

— Vamos, então, ajuntou D. Rodrigo.

Armando ofereceu o braço a Branca e encaminharam-se lentamente à varanda, seguidos do conde, que acarinhava um formoso galgo.

Marta, postada atrás de uma janela de seu quarto, presenceando o que ocorrera no jardim,

voltou-se ràpidamente ao ouvir a voz da sua criada:

— Senhora baronesa?

— Que há?

— Acaba de apresentar-se uma serva do senhor conde, dizendo que o senhor Armando fica lá, para tomar chocolate com eles.

— Está bem! Pode retirar-se.

A criada saiu e Marta sentou-se no sofá, refletindo:

— Meu Deus, eles se amam! Bem o percebi quando estavam aos pés da Imaculada, que parecia proteger o seu angélico amor. Também o conde, com o seu sorriso, parecia dar a entender que adivinhava perfeitamente o elo que une esses dois seres inocentes.

"Concedei-me, Santo Deus, a graça de vê-los unidos e abençoados por Vós, e, assim, partirei satisfeita deste mundo de sofrimentos, onde são raros os anjos como Branca. Eles já deram o primeiro passo, mas eu trabalharei também e não descansarei enquanto não os vir unidos pelos santos laços do matrimônio. Hoje mesmo falarei a Armando e procurarei persuadi-lo a pedir ao conde a mão de Branca, antes que qualquer intruso se interponha".

Na tarde daquele mesmo dia, Armando achava-se no seu gabinete, sentado à escrivaninha, com a fronte apoiada na palma da mão, parecendo entregue a profunda meditação, quando, sùbitamente, o reposteiro se entreabriu, aparecendo a encantadora figura de Marta, que trazia nos lábios o seu melancólico sorriso.

— Armando!

Ele voltou-se e, ao vê-la, levantou-se, correndo ao seu encontro. Abraçando-a e depondo-lhe na

testa um casto beijo, ao mesmo tempo que a conduzia ao sofá próximo, ali se sentaram.

— Quase me assustaste, mamãe — disse. E reparando no sorriso forçado de Marta, continuou apressadamente: Como estás triste! Porque este melancólico sorriso a pairar hoje nos teus lábios?

— Porque, respondeu ela hesitante, porque... estou convencida de que já não me queres...

— Como? Que estás a dizer? Já te não amo? Mas tu deliras, com certeza.

Desatou a dar-lhe beijos, muitos beijos.

— Apesar de todas estas demonstrações, devo concluir que me não amas!

— E poderás provar o que dizes, mamãe?

— Sim!

— Então, prova!

— Outrora, tu me dedicavas todo o tempo livre, que os teus estudos permitiam. Agora, esqueces-me, ocupando-te ùnicamente em cuidar das flores. Antes, confiavas-me todos os teus sonhos e impressões. Não davas um passo sem me ouvir primeiramente. Hoje, guardas contigo um grande segredo, que não me confias, certamente porque já me não julgas bastante digna de possuí-lo.

— Oh! mamãe, um segredo?!

— Sim! Tu amas Branca, a filha do conde...

Armando baixou a cabeça para melhor ocultar a perturbação.

Marta, com um leve sorriso, acrescentou:

— Já vês que não podes negar.

— E' verdade — respondeu, com voz amortecida.

Incontinenti, pegou uma das pequeninas mãos de Marta e, tendo-a entre as suas, após beijá-las, exclamou:

— Sim!... Se trazer constantemente no pen-

samento a lembrança de um ser, cuja sedutora imagem se oferece à vista de nossa alma envolta numa aura celeste, da qual parece desprenderem-se vivas cintilações; se guardar avaramente, na arca santa do coração, um sentimento indefinível, que, por sua grandiosidade, parece nele não caber e cujas irradiações envolvem aquele ente, cujo nome trazemos gravado, com caracteres de ouro, no íntimo de nossa consciência; se sentir dentro de nós o anseio inexprimível de precipitar-nos aos pés de um anjo que aparece para nos envolver no mistério do seu olhar transcendente — olhar que desperta em nosso íntimo reminiscências de tempos idos... de longínquas eras; — se tudo isso é amor, então, mãezinha querida, eu amo Branca com todas as forças do meu coração.

— Bem o sabia, exclamou Marta, passando-lhe brandamente a mão pelos anelados cabelos e dirigindo ao céu um olhar de reconhecimento e alegria.

— Mas... como podias tu sabê-lo, mamãe, se eu o trazia tão oculto no fundo do coração?!

— Ah! como és inocente, meu filho! Tu não sabes que o amor é sentimento profundo, que, quanto mais se pretende ocultar, mais se manifesta? Poderá ele passar despercebido a um coração endurecido, insensível aos bons sentimentos; mas para uma alma suave, acostumada às vibrações do Infinito, o amor jamais será um mistério, pois na linha de um sorriso ou no raio desprendido de rápido olhar, sempre se descobrirão os eflúvios benéficos de tão nobre sentimento.

— E tu julgas, mamãe, que ela me corresponde?

— Quem poderá duvidá-lo? Tenho disso plena certeza. Basta ver o raio luminoso que se desprende dos seus esplêndidos olhos, quando em ti se fitam.

Não viste ainda, meu filho, brilhar neles a pura chama do amor?

— Sim, mamãe, realmente eu creio que ela me ama... mas... como ainda não mo disse...

— Supondo-te menos tolo para pensares seja ela a primeira a declarar-se.

— Sim, é verdade... Devo ser eu...

— Como! pois ainda não o fizeste?

— Oh! mamãe! Simplesmente palavras... insinuações... Declaração formal, não.

— Pois deves fazê-lo, quanto antes, e também obter o seu consentimento para pedir-lhe a mão ao conde. Apressa-te, filho, pois Branca é rica e formosa; é alvo da mocidade sevilhana e poderá muito bem acontecer que algum outro te preceda. Então...

— Ah! Isso não! — exclamou o rapaz com veemência. Ver minha Branca em poder de outrem, jamais! "Amanhã mesmo, no jardim, dir-lhe-ei o meu amor e, se ela consentir, à tarde falarei ao conde.

— Perfeitamente, já que não deves perder tempo.

Na tarde seguinte, Armando, trajado a rigor, entrava no palácio do conde e, após os afetuosos cumprimentos do costume, disse a D. Rodrigo o motivo que ali o levara.

O conde, esboçando um sorriso de satisfação, respondeu-lhe:

— Muito me apraz a vossa petição, mas o senhor compreenderá que não posso dar uma resposta definitiva sem antes consultar minha filha. E como o julgo ansioso por conhecer o resultado do seu pedido, vou consultá-la agora mesmo.

O rapaz levantou-se, disposto a retirar-se e dizendo:

— Então, senhor conde, estimarei me diga a hora em que possa voltar para saber a resposta.

— Nada, senhor barão. Pelo contrário: o senhor me fará o favor de esperar um momento, e saberá já. Chamou em voz alta:

— Branca!

Como se estivesse esperando o chamado, ela apresentou-se imediatamente à porta do luxuoso salão.

— Chamaste-me, papai? — perguntou, inclinando-se ruborizada diante do rapaz.

— Sim! filha. Entra, aproxima-te e senta aqui a meu lado. — Sabes? O senhor barão de Calatrava veio pedir-me tua mão. Que dizer a isto?

Muito perturbada, abaixou a cabeça e nada respondeu.

D. Rodrigo, esboçando um sorriso indefinível, perguntou novamente:

— Então, minha Branca, não aceitas o senhor barão para esposo? Não o amarás talvez...

Sùbitamente, Branca levantou-se. Nos seus olhos brilhava uma chama misteriosa, e, com voz vibrante de paixão, exclamou:

— Oh! sim! Amo-o com todas as forças do meu coração e sinto que já não poderia mais viver, se algum dia me visse forçada a renunciar a esse amor.

Palavras tais ouvindo, Armando deixou-se cair aos seus pés, exclamando com entusiasmo:

— Obrigado, Branca, obrigado!

D. Rodrigo, intensamente comovido pela apaixonada declaração da filha, levantou-se, pegou da mão de cada um, e, cruzando-as, disse paternalmente:

— Amai-vos, meus filhos, pois que sois bem

dignos um do outro; e que o Pai Celestial vos abençoe, conforme eu o faço neste momento.

Estendeu o braço sobre a cabeça de ambos, que caíram de joelhos aos seus pés...

Tristes pensamentos

A partir desse dia memorável, aquelas meigas criaturas viviam em idílio amoroso que tinha por cenário o vasto jardim do conde.

Todos os dias de manhã, cada qual preparava artístico ramalhete das flores mais belas, a fim de o depositar aos pés da Virgem, a quem pediam proteção e bênçãos para o seu amor. Depois, passeavam pelas alamedas, embevecidos nalguma daquelas conversas tão cheias de encanto e suavidade, próprias das almas sensíveis e delicadas.

Conforme fora combinado entre todos, o consórcio deveria realizar-se dali a seis meses.

Marta sentia-se satisfeita ao ver assegurada, para sempre, a felicidade do seu Armando.

E' certo que, algumas vezes, via passar diante dos olhos uma nuvem sombria, como se fôsse o prenúncio de algum novo infortúnio, que viesse perturbar o céu puro e sereno em que pairava a sua nobre alma; mas, como realmente nada viesse confirmar seus receios, procurava reanimar-se a si própria, da melhor forma possível, orando constantemente pelo bem-estar do filho.

Uma tarde, ei-la sentada num dos bancos do jardim e tendo em mão um livro que não lia, pois frequentemente dirigia olhares ao jardim vizinho, onde Branca e Armando passavam alegremente o tempo.

Eles haviam interrompido o idílio e atiravam pedacinhos de biscoutos aos cisnes do lago, que,

espadanando alegremente as águas, corriam a disputá-los às pombinhas esvoaçantes em torno.

Marta fechou o livro, e, apoiando o braço no encosto do banco e a cabeça na palma da mão, pôs-se a contemplar aquela cena encantadora.

Sùbitamente, sentiu-se invadida por infinita melancolia, parecendo-lhe que, em volta dela, tudo sombreava, ficando em breve a fonte, o lago, os cisnes, enfim, tudo envolto em denso nevoeiro.

— Ai de mim, exclamou a infeliz. Bem percebo, santo Deus, que algum novo infortúnio está ameaçando a paz e a tranquilidade que transcorriam da minha triste existência.

— Sim... mãezinha querida, respondeu-lhe um eco celeste. Preparai-vos, pois brevemente o destino desfechará novo golpe sobre a vossa cabeça.

— Helena!... minha filha querida, pede a esse Deus de bondade se digne afastar de mim este novo cálice de amargura, pois não sei se terei a força necessária para esgotá-lo.

— Ah! mãezinha, não posso... pois essa é mais uma provação pela qual tendes que passar. Reuni, agregai todos os vossos esforços. Eu vos ajudarei. Alegrai-vos, pois essa será a última prova, depois da qual, se a souberdes sofrer com resignação, vossa alma remontará ao espaço infinito.

Marta, juntando as mãos e dirigindo ao Céu os olhos inundados de lágrimas, exclamou.

— Pois bem, faça-se a vossa vontade, ó Santo Deus!

Naquele mesmo instante, ei-la interrompida no seu êxtase transcedente por um doloroso grito de Branca.

Levantou-se precipitadamente e correu a espreitar pela grade. Ao ver de que se tratava, aproximou-se da portinha, e, abrindo-a, desapareceu no jardim.

Branca e Armando, cansados de brincar com os cisnes, tinham-se sentado num banco fronteiro ao lago.

Ali continuaram, entre sorrisos, o seu idílio. As pombinhas, querendo talvez imitá-los, deitaram-se bem pertinho uma da outra, sobre o parapeito do lago.

Os cisnes deslizavam mansamente no cristal das águas, que fielmente reproduziam as suas silhuetas esguias.

Reinava no ambiente uma calma profunda.

Sùbitamente, desceu do alto das nuvens uma águia preta que, descrevendo largos círculos cada vez mais apertados e rápidos, precipitou-se sobre Mimi, entre os guinchos e bater de asas dos cisnes a fugirem espavoridos.

Ouvindo tal alarido, os dois namorados levantaram a cabeça, e Branca, vendo a sua avezinha querida nas garras da águia, prestes a retomar o voo, soltara aquele grito que assustou Marta.

Armando de um salto se precipitou ao encontro do terrível abutre, que, ao vê-lo perto, fugiu, soltando a pomba.

Mimi foi justamente cair na areia, que logo se tingiu do sangue manante das muitas feridas que as garras da águia lhe abriram no corpo.

Zizi principiou a voltear em torno da pobre companheira, soltando angustiosos gemidos.

Branca, vendo a sua querida avezinha morta, com o coração compungido desatou num pranto inconsolável.

— Triste de mim! — exclamou entre soluços. Ah! pérfida ave, não pôde levar-te, mas matou-te!

E agora, que será do meu pobre Zizi sem a

sua fiel companheira? Morrerá também de paixão.

Maus pressentimentos envolveram a alma de Armando, diante daquele triste acontecimento.

— Sossega, minha Branca, disse ele, procurando consolar a moça. Vamos, não chores, foi o destino que assim o quis. Arranjar-te-ei outra companheira para o pobre Zizi.

Naquele momento, bateram à porta do jardim. Armando foi abri-la.

Era Marta. Correu ao encontro da condessa, de braços abertos.

Branca atirou-se neles e, descansando a formosa cabeça no peito da nobre dama, deixou correr livremente as lágrimas.

A baronesa, com o coração opresso de mortal angústia, sentindo-se envolvida nos mesmos pensamentos que agitavam a alma de Armando, apertou-a nos braços e, secando-lhe as lágrimas ao calor dos beijos, disse carinhosamente:

— Não te aflijas, minha rainha, pois algum dias terias que perdê-la, já que a morte é o desenlace fatal de toda existência neste mundo.

— Sim, disse Branca com voz aflita, bem sei que um dia ela devia morrer, como também que o seu princípio inteligente subsiste ainda, disposto a animar novas formas em desconhecidos e afastados horizontes, talvez. Contudo, sinto-me horrorizada com o acidente trágico que lhe arrebatou a vida.

— Também eu lamento o seu triste fim, acrescentou Marta; porém, minha filha, que outra coisa nos resta fazer senão submetermo-nos aos desígnios inelutáveis do Criador?

E desejando afastá-la daquele triste quadro, continuou:

— Vem, vem ver o manto bordado, destinado

a Nossa Senhora das Dores, que é venerada na capela da Abadia.

— Ah! já está terminado?... Pois sim, quero vê-lo, exclamou reanimando-se.

De braço dado, saíram do jardim, seguidas de Armando.

Instantes depois, já no palácio do barão, Branca volteava entre os dedos o riquíssimo manto, admirando-lhe o artístico bordado composto de belas flores, entre cujas pétalas brilhavam finíssimas pérolas do Oriente.

— Senhor barão, disse Hilário aparecendo à porta do gabinete.

— Que há?

— O leigo de São Domingos, Frei Antão, acaba de trazer esta carta para o senhor.

E apresentava-lhe uma salva de prata, na qual se ostentava um envelope branco.

Armando tomou-o e, rasgando-o, leu o conteúdo, exclamando surpreendido:

— E' do pai Jerônimo. Meu Deus, quase que o ia esquecendo, coitado!

A carta dizia:

— Meu filho, há tempos que te não vejo. Porque me abandonas assim? Doente, sei que não o estás. Será que te esqueceste de mim? Se assim não for, vem até cá, pois sinto desejo de ver-te. Saudades.

— Que te diz ele, meu filho? — perguntou Marta.

— A senhora pode ler, respondeu, entregando-lhe a carta.

A baronesa correu de relance o papel e replicou:

— Na verdade, tem razão de se queixar, pois há bastante tempo que lá não vais.

— Irei amanhã. Ele me quer tanto bem!... Nem sei como pude esquecê-lo todo este tempo.

No dia seguinte, enquanto Armando discreteava amistosamente com pai Jerônimo, na Abadia, Branca e Marta passeavam tranquilamente pelo jardim, sem suspeitarem do fulgor, repleto de ódio, irradiado de uns olhos que, por trás das venezianas de uma janela, espionavam seus passos e gestos.

Era Hilário. Aquele pérfido coração, enrodilhado inteiramente pela serpente da ambição, e cujos anéis, enroscando-se, mais e mais o apertavam num amplexo satânico, já não podia vibrar outros sentimentos que não fôssem de ódio e inveja, contra as classes abastadas.

Insensível a todo o conceito de gratidão e nobreza, jurava constantemente, a si próprio, aproveitar a primeira ocasião que se lhe deparasse para enriquecer de qualquer forma, custasse o que custasse.

Não olharia meios, desde que pudesse conseguir os fins.

Naquele comenos, parou em frente à porta principal do palácio um mensageiro a cavalo, o qual, sem apear-se, bateu.

Hilário correu e tomou a carta que o cavaleiro lhe apresentava.

E enquanto o mensageiro dava de rédeas, o criado, soltando uma exclamação de assombro, dirigia-se ràpidamente ao seu quarto.

Ali, fechada a porta do quarto por dentro, sentou-se num cadeira, dizendo:

— Até que enfim poderei saber alguma coisa a respeito das minhas investigações.

Num gesto rápido, rasgou o envelope dirigido a ele mesmo, e leu o escrito concebido nestes termos:

"Prezado Hilário: embora distante, jamais esqueci o afeto que sempre me demonstraste.

Acho-me em situação um tanto aflitiva e ao mesmo tempo me sinto cansado desta vida de aventuras, bem como arrependido de todas as minhas estroinices.

Desejaria, pois, ter uma vida sossegada, junto de minha cunhada Marta.

Tendo em conta a amizade que sempre me votaste e que julgo sincera, procuro-te para que intercedas em meu favor, junto da baronesa.

Espero ansiosamente a tua resposta.

Carlos de Calatrava".

Um grito de alegria escapou-se dos lábios do sicofanta.

— Ah! exclamou. Ele mesmo vem adiantando-se para satisfazer aos meus desejos. Agora, já não duvido do êxito de todos os meus projetos. Até que enfim, poderei deixar esta vida de servidão. Sim! Trabalharei com afinco e não descansarei até que a vinda de D. Carlos seja um fato. O resto virá depois e não será coisa difícil, pois conheço muito bem a sua ambição; sei que não será tão imbecil que vá perder seus direitos a um título que legalmente lhe pertence. Chegou, pois, a hora de vender bem caro o segredo e, desta forma, criar-me uma posição independente.

Horas depois, bateu à porta do gabinete de Marta. Esta, que entretinha os seus ócios costurando vestidinhos para as criancinhas pobres da vizinhança, sem deixar o trabalho, disse:

— Pode entrar, Hilário.

O servo entrou, curvando-se respeitosamente e dizendo:

— Senhora baronesa, queira desculpar se venho incomodá-la, mas desejava me concedesse alguns instantes para tratar de um assunto da máxima importância.

A baronesa deixou a costura e, indicando-lhe uma cadeira, respondeu amàvelmente:

— Senta, Hilário, e podes já principiar, pois sou toda ouvidos.

— Em primeiro lugar, digne-se a senhora ler esta carta que acabo de receber.

Marta tomou o papel, percorrendo-o com a vista. Palor mortal difundiu-se-lhe pelo semblante, e, devolvendo a carta, deixou-se ficar silenciosa.

Hilário, que a estava observando atentamente, reparou na sua perturbação, bem como no tremor nervoso dos lábios.

Após um instante de silêncio, atreveu-se a perguntar:

— Senhora baronesa, poderia saber o que pensa a respeito?

Como se acabasse de acordar de um pesado letargo, a baronesa abriu os olhos e dardejou um olhar de indignação sobre o criado.

— Como?! — exclamou. És tu que mo perguntas? Tu, Hilário, que sabes muito bem que foi ele quem destruiu a felicidade do meu lar? Tu, que sabes ser ele a causa da morte do meu pobre Armando? Ah!... Não! Jamais poderei perdoar-lhe!

O criado apressou-se em responder:

— Senhora baronesa, eu reconheço que a senhora tem razão de conservar esse rancor, mas sei também que é incapaz de guardar eternamente no seu coração semelhante sentimento, máxime sabendo que ele se acha em situação bastante aflitiva.

— Sim... poderei auxiliá-lo e vou já dar ordens ao mordomo para que o faça; admiti-lo, porém, novamente junto de mim, não, absolutamente.

O pérfido homem não desanimou e, dando à voz um tom de súplica, continuou:

— D. Marta... Carlos pede-lhe perdão; e quando um cavalheiro assim procede é porque se sente mesmo arrependido. Ele já não é mais aquele rapaz tresloucado, ùnicamente votado a loucuras e devaneios...

— Pois bem, disse Marta, eu lhe perdoo, porém...

Naquele instante sentiu-se penetrada de um fluido suavíssimo e o eco celeste, tão conhecido, disse-lhe junto do ouvido:

— Mãezinha querida, consente que ele volte, pois está escrito no grande livro dos destinos humanos.

Percebendo Hilário que alguma coisa de anormal se passava com a baronesa, pois via-a estremecer-se toda, esperou um momento e acabou perguntando:

— Que devo então escrever-lhe, senhora baronesa?

— Que pode... regressar — respondeu com voz desfalecida, percebendo que assinava a sua sentença de morte.

O criado levantou-se e, inclinando-se respeitosamente, depositou um beijo na delicada mão da baronesa, exclamando com efusão:

— Obrigado senhora baronesa, obrigado. Sois um anjo de bondade!

Retirou-se.

Marta, sentindo que aquele beijo lhe queimava a fina epiderme, descansou a cabeça no encosto do sofá e, elevando os olhos ao céu, disse:

— Ah! minha Helena querida, bem percebo

que a prova final está-se aproximando! Ajuda-me, filha, pois tenho a sensação de uma coisa sinistra que pretende envolver-me, o terror apodera-se de mim.

— Coragem, mãezinha, eu te ajudarei desde hoje, pois já começa a tua grande provação. Estarei sempre a teu lado, procurando suavizar os amargores desse cálice com o néctar das minhas consolações.

Hilário, exultante de alegria, entrou no seu quarto, escrevendo logo estas linhas em resposta à carta de Carlos:

"D. Carlos de Calatrava. Com imensa alegria mando-lhe a resposta tão desejada. D. Marta lhe perdoa e acede à sua petição para admiti-lo novamente em sua companhia. Pode, pois, regressar quanto antes, na certeza de que será bem recebido.

Hilário".

Poucos dias depois, Carlos chegava, indo instalar-se nos mesmos aposentos que outrora ocupara, ao fundo do jardim.

Ao entrar no vasto salão, inclinou-se profundamente diante de Marta, a qual, vestindo ligeira túnica ornamentada de negros crepes e franjas de ouro, parecia a imagem da virtude.

— Perdoai-me, Marta, suplicou.

— Levantai-vos, respondeu ela. Estais perdoado!

Armando, diante de Carlos, embora sem poder explicar a causa, sentiu que sua alma se precipitava toda de encontro ao cavalheiro, num impulso de estranha e irresistível simpatia.

Ao interrogar a baronesa sobre os antecedentes

do tio, teve ela a delicadeza de lhe ocultar a verdade, limitando-se a referir que certas especulações, mal sucedidas, dissiparam-lhe a herança, levando-o à contingência de recorrer a ela.

Armando exclamara:

— Coitado! Que fatalidade! Fêz muito bem de recorrer a nós, pois nada lhe faltará, já que tudo quanto é meu, dele será também.

Por isso, ao defrontá-lo, impelido por aquela estranha simpatia, cuja causa não podia sequer presumir, e pelos generosos impulsos do seu bondoso coração, atirou-se-lhe aos braços, cingindo-o cordialmente.

Carlos o recebeu com afetado entusiasmo, que realmente não sentia, pois ùnicamente pensava que ele seria o detentor do título e rendimentos do falecido pai.

Hilário esforçava-se em bem servi-lo e procurava esquivar-se-lhe, mas espiava-o constantemente, disposto a aproveitar o momento favorável para iniciar os seus planos.

Sem embargo de sua vida desordenada, Carlos apresentava um físico ainda bastante atraente, aparentando menos idade do que realmente tinha. Apesar dos fiozinhos de prata que lhe brilhavam na cabeleira, era ainda um guapo cavalheiro. Parecia efetivamente cansado daquela vida de aventuras, pois passava o tempo em casa, onde matava as horas lendo os romances em voga.

Todas as manhãs, saía a respirar o ar oxigenado dos campos, dando curtos passeios pela campina, para logo voltar a casa, onde passava o resto do dia, sempre na mesma forma referida.

Ao princípio, Armando procurava-o frequentemente para entabular amistosa conversa, mas,

inùtilmente, pois o tio sempre arranjava qualquer desculpa, a fim de não fomentar intimidades.

O jovem, conjeturando que o desprazia, acabou por deixá-lo à vontade e dedicou-se a cuidar ùnicamente dos seus amores.

A mão de um anjo

Passaram-se vários dias e, certa manhã, Branca e Armando encontraram-se na gruta, como habitualmente acontecia, depositando flores aos pés da Virgem.

De pronto, Armando viu ostentar-se no ramalhete de Branca uma camélia, flor encantadora pela sua forma e alvura, porém, inodora.

O mancebo soltou uma exclamação de assombro.

— Que fizeste? ó Branca! uma camélia?

— Sim, respondeu, pois achei-a bonita.

— Não faças mais isso, Branca.

— Porquê?

— Então não sabes que a camélia é flor sem perfume?

— Ah!... é verdade... Não tinha pensado nisso, continuou, destacando logo a flor do ramo e atirando-a longe, entre os tufos de folhagem.

Então, o rapaz aproximou-se e perguntou-lhe comovido:

— Dize-me, minha Branca, serás tu capaz também, algum dia, de oferecer-me uma flor sem perfume?

Ela baixou a cabeça para melhor ocultar o rubor que lhe assomava ao formoso semblante, e permaneceu silenciosa.

— Que me respondes, Branca?

Sem levantar a fronte, em voz baixa, porém firme, balbuciou:

— Oferecer-te uma flor sem perfume? Jamais! Antes a morte...

O rapaz tomou-lhe das mãos e cobriu-as de beijos, enquanto exclamava apaixonadamente:

— Obrigado, Branca, obrigado.

Sùbitamente, a jovem levantou os olhos, fixando-os numa janela do palácio do barão, que justamente se abria daquele lado do jardim... e disse com espanto:

— Meu Deus! Como me faz mal aquele olhar! Quem é aquele cavalheiro?

O rapaz, seguindo a direção do seu olhar, avistou Carlos que os cumprimentava, sorrindo, para se afastar logo.

— Aquele é o tio Carlos.

— Teu tio?

— Sim!

— Como, então, nunca me falaste desse senhor?

— Porque há pouco tempo que aqui chegou, e, apesar de ser irmão de meu falecido pai, não o conhecia, visto que há mais de vinte anos se ausentara de Sevilha.

— E vai fixar residência em tua casa?

— Sim.

Ela empalideceu visìvelmente.

Armando, percebendo aquela perturbação, perguntou-lhe carinhoso:

— Mas... que se passa contigo, Branca? Estarás, acaso, doente hoje? Mas, agora me lembro de haveres dito que o olhar de meu tio fazia-te mal... Como? Porquê?

Branca, sentindo passar sobre si uma estranha influência, que muito a incomodava, levantou novamente a vista, fixando-a na janela fatal, e per-

cebeu, através dos rendados que cobriam as vidraças, aqueles dois olhos que dardejavam sobre ela raios eletrizantes.

Foi tal a impressão que recebeu, que quase caiu fulminada.

— Vamos para casa, ordenou com voz alterada.

— Vamos, sim, porém não me dirás o que se passa hoje contigo? Vejo-te empalidecer, teus olhos se fecham como que refratários à luz...

— Vamos e lá te direi.

Armando ofereceu-lhe o braço, ao qual ela se apoiou, como se temesse cair, e encaminharam-se lentamente até à escada de mármore, galgando-a.

Já no salão, depois de sentados, Armando insistiu.

— Dize-me agora o que foi que sentiste.

Antes de responder, Branca perguntou:

— Conheces bem o teu tio?

— Como hei-de conhecê-lo se há tão poucos dias se acha conosco? Conhecê-lo a fundo, não conheço; mas, posso dizer que as maneiras finas e delicadas fazem dele um correto cavalheiro.

— Pois bem, atalhou ela, não gosto dele e o seu olhar me faz muito mal.

— Isso são apreensões tuas, minha bela, pois se ainda não o conheces bem...

— Nem o desejo, pois pressinto que jamais poderei simpatizar com essa criatura, que se me apresenta sinistra, e cujos fluidos se chocam desastradamente com os meus.

Ouvindo-a, Armando entristeceu sobremaneira, pois também ele percebera, no olhar do tio, ao pousá-lo na donzela, um reflexo satânico, que o fizera estremecer.

A chegada do conde dissipou a atmosfera de tristeza que envolvia os dois namorados.

Naquela mesma manhã, Carlos, que já estava pronto para sair e dar o seu passeio matinal, percebendo que o tempo não se apresentava muito bom, abriu a janela do quarto para inspecionar o estado do céu.

Uma exclamação de assombro escapou-se-lhe dos lábios.

Acabava de ver o formoso par, que Branca e Armando formavam no jardim, em frente à gruta, depositando flores aos pés da Virgem.

Seu olhar deteve-se na celestial figura da donzela, exclamando:

— Encantadora criatura! Quem será? Certamente, a moradora do palácio vizinho. Oh! mas como é formosa! Sinto, ao contemplá-la, que desperta em meu coração um sentimento indefinível, até agora jamais sentido. Será amor? Não sei. Ùnicamente posso dizer que seria capaz de revolver o mundo, se preciso, contanto que pudesse viver ao lado dessa angélica criatura e me ver amado por ela.

Foi naquele instante que os dois namorados levantaram os olhos e deram com ele.

Carlos cumprimentou-os sorrindo, e retirou-se encostado às vidraças.

Sentou-se numa cadeira e, através das malhas do pára-vento, continuou envolvendo a donzela no seu olhar, e monologando:

— Mas será verdade o que vejo? Sim, é meu sobrinho Armando que lá está junto dela... Falam baixinho, olham-se com amor! Não resta dúvida! São noivos! Ah! maldito! Vejo perfeitamente que ele veio ao mundo ùnicamente para servir-me de estorvo! Primeiro, roubando-me um título que eu

já considerava como coisa minha, pois costumara-me a fundar nele todas as minhas esperanças; agora, apoderando-se do coração desta divina criatura, que acaba de acender em meu peito uma chama voraginosa. Amo-a como jamais amei mulher alguma!

E logo acrescentou:

— Ah! Saberei a verdade... E chamou em alta voz: — Hilário!

— Senhor! — respondeu o criado, entrando no mesmo instante e ostentando nos lábios o mais jovial dos sorrisos.

— Vem ver uma coisa, disse Carlos, apontando a janela.

Hilário, sem olhar, exclamou:

— Não é preciso ver, para saber do que se trata. E' o senhor Armando e sua noiva, dona Branca!

— Mas... são oficialmente noivos?

— Sim senhor, e dentro de alguns meses devem unir seus destinos, conforme está combinado.

Carlos empalideceu de raiva e perguntou:

— E quem é essa moça?

— A filha única do conde de Navarra, e, por conseguinte, herdeira de todos os seus pergaminhos e brasões, respondeu com um sorriso malicioso.

Carlos, percebendo um tom estranho na sua voz, fitou-o e viu que seus olhos cintilavam com um brilho que tinha alguma coisa de enigmático e cortante, qual afiada lâmina de punhal. Não podendo, naquele instante, compreender a verdadeira expressão daquele olhar, disse:

— Está bem, obrigado, podes retirar-te.

Hilário saiu, e Carlos, vendo que os dois namorados tinham desaparecido do jardim, levantou-se da cadeira e, acendendo um charuto, deitou-se no sofá, a meditar profundamente.

— São noivos, dizia consigo: — e ela é rica e nobre... formosa que nem um anjo. Ah! noivos... mas não por muito tempo! Essa mulher será minha, pois amo-a como nunca amei na vida.

Verdadeiramente, apaixonara-se por Branca, com loucura. Já não podia afastar da mente a formosa imagem da condessa.

Naquela mesma noite, não pôde dormir, pensando ùnicamente no seu amor e nos meios de que poderia valer-se para apoderar-se do coração da linda criatura.

Considerou: se ela ama realmente o meu sobrinho, já não poderei conseguir meu intento, pois Armando é um rapaz bonito, novo e possui um título, condições essas bem convidativas. Entretanto, eu amo-a e, embora essa paixão venha a ser causa da minha própria perdição, hei-de tentar todos os meios possíveis para ver se consigo ser correspondido.

Já quase ao amanhecer, acudiu-lhe uma ideia terrível, que logo ao princípio procurou afugentar.

À medida que as horas passavam, a ideia tomava forma no seu pensamento. Já não lhe parecia tão sinistra e, por conseguinte, realizável.

Na hora habitual, levantou-se; porém, naquele dia não saiu, absorvido inteiramente nos seus perturbadores e sinistros pensamentos.

Aproximou-se da janela e, ao espreitar por trás da vidraça, viu os dois namorados passearem pelas alamedas, alegres, sorridentes, inteiramente entregues ao seu idílio.

Ao fixar os olhos na encantadora condessa, sentiu reanimar-se-lhe a chama poderosa que lhe ardia no peito.

— Ah! não! — disse baixinho. — Nada poderá deter-me. Essa mulher deverá ser minha; caso contrário, para que quero, então, a vida?

Retirou-se da janela, sofria intensamente.

As paixões que nascem no declinar da vida são as mais impetuosas, terríveis, devastadoras.

Quinze dias passou Carlos entre estas duas alternativas. De um lado, desejava ardentemente a posse de Branca, embora para conseguir seus desejos lhe fôsse preciso sacrificar Armando. De outro lado, sentia-se envolvido numa estranha influência, que o impelia a abandonar aqueles lugares e respeitar os sonhos dourados daqueles dois seres tão jovens e esperançosos.

Cairia? Venceria? Fatalmente devia cair, pois, com o despertar daquele tardio amor, renasceram-lhe no coração todos os sentimentos perversos que precipitaram a sua mocidade no muladar da ignomínia.

Se Branca fôsse livre, talvez chegasse para aquela alma culpada a hora da regeneração; porém... chegara tarde!

A donzela se comprometera com aquele a quem vinha amando de remotas existências e, por conseguinte, já não podia pertencer-lhe. Ele, porém, que estava habituado a sempre vencer na vida, não se encolerizou, vendo-se contrariado, justamente quando seu coração se inflamava ao influxo da chama de um amor violento, sim, mas verdadeiro.

A todo momento, apresentava-se aquela ideia a perturbar-lhe o cérebro. Ideia que já não procurava afastar e sim comprazer-se nela, já que, pondo-a em prática, atingia de uma só vez — amor e fortuna!

Marta, vendo-o todo o dia encerrado no seu quarto, chegou a ter pena dele, inclinada a mostrar-

-se menos indiferente, embora uma voz interior lhe insinuasse constantemente não confiar muito no seu arrependimento.

Hilário, bisbilhotando continuamente, acabou por descobrir o desabrochar daquela paixão, que vinha favorecer maravilhosamente os seus projetos.

Tal descoberta encheu-o de intensa alegria, pois bem sabia que o homem, quando apaixonado, é capaz de tudo.

Os dois namorados, indiferentes a tudo quanto não se relacionasse com o seu amor, continuavam o idílio. E, todavia, se entristeciam cada vez mais, especialmente Branca, que, por sua excessiva sensibilidade, se tornara profundamente apreensiva.

Numa daquelas manhãs, ao aparecer no jardim, ela surpreendeu-se muito por não ver o seu querido Zizi correr-lhe ao encontro, conforme costumava fazer.

Após a trágica morte da fiel companheira, a pobre avezinha ficara muito triste e quase não comia.

Branca, temendo alguma nova desgraça, chamou-o repetidas vezes em voz alta, mas, vendo que não aparecia, foi à sua procura e achou-o estendido, inanimado, atrás da espessa moita de madressilvas. Morrera de tristeza e saudades da companheira que Armando lhe procurara, e da qual não tinha notícia.

Branca chorou bastante. Durante vários dias viu-se atormentada com a sua triste lembrança.

Armando sentia-se também envolvido em densa nuvem de melancolia, que muito o torturava.

Certa noite, medonha tempestade descarregava as suas fúrias sobre a risonha cidade de Sevilha.

Acabavam de dar onze horas na *Giralda*, quando Marta, que se havia retirado à alcova para des-

cansar, ajoelhou-se diante da imagem de Nossa Senhora das Dores, à qual dedicava profunda veneração.

Pedia graças e auxílio em favor dos pobres navegantes e para aqueles que, sem lar, se achavam expostos às inclemências daquela noite tempestuosa.

Terminada a prece, levantou-se para atirar-se no leito, mas logo sentiu que a coragem lhe faltava.

O vento castigava furiosamente as árvores, cuja ramagem ia de encontro às vidraças, produzindo sons estranhos, estridentes, que enchiam de pavor aquela alma sensível e timorata.

Chamou a dama de companhia, pois sentia que todo o palácio estremecia, como que violentamente sacudido pelas hercúleas mãos de ciclopes enfurecidos.

Imediatamente apresentou-se à porta uma gentil rapariga, que tinha no belo semblante todos os característicos da formosa raça árabe.

— A senhora baronesa chamou-me? — perguntou.

— Sim. Entra, Moraima, pois esta terrível tormenta me faz nervosa. — Tenho medo...

— Ah!... Então, pode deitar-se. Eu ficarei velando à sua cabeceira. Concorda?

— Sim, mas, antes, vai avisar Hilário de que pode apagar as luzes e retirar-se.

Moraima saiu, regressando logo, decidida a velar o sono da patroa.

Meia hora depois o palácio ficava mergulhado em densa escuridão, rasgada frequentemente pela viva e rápida claridade dos relâmpagos, que penetrava pelas ogivas.

Noite sinistra! Quais gemidos de alguma alma em penitência, ouviam-se os estalidos das árvores

do jardim, acompanhados do rumor monótono de alguma telha desprendida e movimentada pelo vento.

Sùbitamente, ao pálido clarão de uma faísca elétrica, apareceu uma sombra no corredor que dava acesso aos aposentos do barão.

Avançando cautelosamente, parou defronte de uma porta, cujos interstícios deixavam escapar uma tênue claridade. Era a alcova de Armando. O moço dormia sossegadamente, apesar daquela noite tormentosa. A alcova ficava sempre vagamente iluminada por uma lâmpada de prata, pendente do teto.

De súbito, a maçaneta da porta levantou-se, discreta, e a porta abriu-se silenciosamente.

O vulto entrou, encostando novamente a porta, certo para não ser percebido do lado de fora do corredor.

E foi logo avançando no meio do silêncio sepulcral, apenas quebrado pela compassada respiração de Armando.

Quando chegou debaixo da mortiça luz da lâmpada, deixou ver um rosto palidíssimo.

Era Carlos...

Tirando do bolso um pequeno frasco, destampou-o e dirigiu-se a uma mesinha próxima da cabeceira do leito, sobre cujo mármore estava um copo de cristal cheio d'água e ao alcance do braço do mancebo, que tinha por hábito beber alguns goles, quando acordava.

Carlos estendeu o braço, disposto a derramar o conteúdo do vidrinho dentro da água, quando de pronto surgiu mão branca e delicada, a estender-se sobre o copo e cobrindo-o.

O meliante deu um pulo e retrocedeu alguns passos, com os cabelos eriçados de espanto.

Pés colados ao tapete, sem atrever-se a fazer o menor movimento, contemplava, aterrado, aquela

mão espectral, trêmula e tão transparente, que, através da sua carnação, se podiam ver os ornamentos da parede. Grossas bágas de gélido suor principiavam a correr-lhe pela fronte lívida, o sentir-se como que envolvido por um sopro sepulcral que lhe murmurou no ouvido:

— Afasta-te, insensato! Que pretendias fazer? Retira-te deste lugar, que devias considerar sagrado!

Inclinou a cabeça para o peito e, retrocedendo, abriu a porta, perdeu-se na penumbra do corredor, ao mesmo tempo em que a mão fluídica, fundindo-se em alvíssimo nevoeiro, desaparecia lentamente...

Delação infame

No dia seguinte, achava-se Hilário na ante-sala, esperando o chamado de Carlos, que, todos os dias, costumava tomar o chocolate ainda na cama.

Na *Giralda* deram nove horas e, como não ouvisse a voz do amo, aproximou o ouvido da fechadura e percebeu o fortíssimo rumor de uma respiração penosa.

Pensando que estivesse doente, forçou a porta, que cedeu, pois estava ùnicamente encostada. Pé ante pé, aproximou-se do leito, no mesmo instante em que Carlos exclamava com acento de pavor:

— Afasta! Afasta! mão sinistra! larga-me, pois, embora morra desesperado, não atentarei mais contra a existência dele!

— Está sob os efeitos de algum pesadelo terrível, e apaixonado por D. Branca, conforme eu já desconfiava. As últimas palavras acabam de revelar-me que tenciona, talvez, sacrificar o senhor barão, mas isso não me convém; visto que anularia o meu segredo. Devo, pois, entabular negociações quanto antes. Caso contrário, arrisco-me a perder todo o meu plano.

Tomando o braço de Carlos, sacudiu-o com força, ao mesmo tempo que gritava:

— D. Carlos! D. Carlos!

O outro acordou, sobressaltado, e, fitando Hilário com olhos espantados, respondeu:

— Que é? Quem me chama! Ah! És tu? Diacho! assustaste-me.

— Senhor, disse Hilário, pensei que estivesse doente...

— Doente, não... mas presa de um sonho terrível!...

— Isto de amores, sempre nos trazem sonhos e dissabores — ajuntou o criado maliciosamente.

— Que sabes? — perguntou já encolerizado. — Vamos, ajuda-me a vestir.

O criado obedeceu, enquanto dizia:

— D. Carlos, porque é que o senhor não se mostra alegre, como dantes? Porque não sai a dar os costumados passeios matinais, que tanto bem lhe faziam?

— Ando aborrecido da minha vida. Nunca sofri como agora, respondeu desalentado.

— Sim! O senhor sofre como todo apaixonado quando perde a esperança...

Carlos encarou-o surpreendido.

— Como sabes que estou apaixonado?

— Ah! senhor, o afeto sincero que vos dedico força-me a adivinhar todos os seus sentimentos e ao mesmo tempo procurar todos os meios possíveis de lhes dar um termo.

— Obrigado, Hilário, obrigado; mas desta vez a tua dedicação de nada valerá, pois, para mim, já não existem mais esperanças.

O criado, olhando-o com olhos fosforescentes, disse:

— E se eu lhe afirmasse que o senhor está completamente enganado; que o seu amor poderá, em breve, ser um triunfo?

— Responderia que endoideceste. Acaso conheces a fada gentil dos meus sonhos?...

— Ora!... E' Branca de Navarra.

— Fala baixo, advertiu, olhando receoso em volta de si.

Depois, continuou:

— Bem vês que o meu amor é sempre impossível, pois ela brevemente vai casar com Armando.

Hilário afastou-se e, após certificar-se de que no corredor não havia pessoa alguma que pudesse ouvir as suas palavras, aproximou-se de novo e disse-lhe ràpidamente, em voz baixa:

— D. Carlos, eu guardo um segredo cuja posse pode operar em sua vida uma completa metamorfose. O senhor será riquíssimo, possuirá um título e conseguirá apoderar-se do coração da bela condessa...

— Que estás dizendo? — exclamou Carlos, entusiasmado. Estarás louco para assim falar?

— Não senhor! Nunca falei tão sèriamente...

— Então, vai buscar o chocolate e, enquanto o tomarmos juntos, deslindarás este negócio, e juro-te que, se puder conseguir quanto acabas de insinuar-me, nunca mais serás servo de alguém.

Hilário saiu, dizendo com seus botões: — Quanto a isso, não há dúvida, pois eu saberei mesmo aproveitar a boa oportunidade que se me oferece.

Carlos levantou-se e, quando Hilário voltou, fechou a porta, correndo também o reposteiro de veludo, para que do corredor não pudessem perceber o mais leve cochicho da sua conversa.

Sentando-se, ordenou:

— Vamos, pois estou verdadeiramente intrigado.

Enquanto saboreavam o chocolate, Hilário assim discorreu:

— Saiba desde logo que o senhor é o legítimo barão de Calatrava...

— Como?! Enlouqueceste?

— Não. Sei muito bem o que digo.

— E Armando?

— E' o usurpador, que está gozando de um título que lhe não pertence.

— Mas... não sei como isso possa dar-se. Acaso não é ele o verdadeiro filho de meu irmão?

— Tal e qual.

— Será possível o que estás dizendo?

— Sim. Armandinho, o filho legítimo do seu irmão, faleceu justamente quando seu pai agonizava, e este, que aí está ocupando um lugar que só ao senhor pertence, foi tirado da Casa dos Expostos e depositado no berço vazio do seu legítimo sobrinho.

— E quem foi que praticou toda essa mistificação?

— D. Marta, auxiliada pelo já falecido intendente Viriato.

Carlos empalideceu e todos os seus nervos sofreram terrível comoção.

— Ah! maldita criatura, exclamou. Hás-de pagar-me, e tu, Hilário, possuis a prova de quanto acabas de relatar-me?

— Sim senhor.

— Que prova é essa?

— Um documento assinado pela própria senhora baronesa, no qual ela se compromete a tratar o enjeitado como seu filho.

— E, certamente, esse documento tu o roubaste, pois é pouco provável que ele por si fôsse parar às tuas mãos...

— Sim... roubei, disse o criado, hesitante.

— Praticaste a mais infame das ações, exclamou Carlos, com acento severo. Jamais devias apoderar-te daquilo que te não pertencia.

Diante de palavras que tais, Hilário empalideceu, mais, porém, pelo despeito que pela vergonha.

Isso, no entanto, foi um instante, pois, reanimando-se logo, retrucou:

— Mas, se eu não o roubasse, também o senhor jamais saberia a verdade, e, por conseguinte, não teria agora direito a um título que de fato lhe pertence.

— Também é exato, disse Carlos, deixando-se convencer: — Mas, o que não posso compreender é como a posse deste título poderá ganhar o coração de Branca, e, digo-te francamente, prazeroso renunciaria a tudo quanto me pertence, desde que pudesse alcançar o amor dessa formosa criatura.

— E, todavia, é justamente deste título que depende a realização de todos os seus sonhos.

— Mas... como? Explica-te.

— D. Rodrigo, Conde de Navarra, pai da formosa menina dos seus sonhos, é um homem extremamente cioso da sua linhagem e jamais consentiria em casar a filha com um enjeitado. Quando ele souber a verdadeira origem do senhor Armando, despachá-lo-á e certamente dona Branca fará outro tanto. Então, é só o senhor apresentar-se e pedir ao conde a mão da filha. E como o seu físico é bastante atraente, eu tenho plena certeza de que será aceito, máxime, sendo o senhor, como é, o verdadeiro barão de Calatrava.

Um raio luminoso passou pelos olhos de Carlos.

Após breve silêncio, abaixando o diapasão da voz e pousando amistosamente a mão no ombro de Hilário, disse:

— Conforme já terás compreendido, preciso desse documento para apresentá-lo ao conde no momento oportuno. Admito perfeitamente que tu, ao te apossares dele, não o fizeste ùnicamente para me favorecer. Guiou-te também o instinto da especulação.

— Já o senhor pode compreender, interrompeu o criado, que não me arriscaria a ir ao presídio, sem ao menos ter a possibilidade de alcançar algum pequeno lucro.

— De acordo. Quanto queres pelo documento?

— Cinco mil pesos!

— Caspité! E' essa a maneira, oh peralta, de me mostrares dedicação?

— Senhor, acho que tudo isso é bem pouco, se levar em conta o imenso lucro que o senhor vai auferir...

— Está bem, não discuto. Por agora, terás metade e o resto quando eu estiver de posse de tudo quanto me pertence. Só então deixarás o meu serviço. Vai já buscar o documento, enquanto eu arranjo o dinheiro.

— Sim senhor, exclamou o criado saindo do quarto, tonto de alegria.

Carlos entrou por uma porta que comunicava com o seu gabinete, e aí, abrindo uma gaveta da escrivaninha, tirou um maço de notas, contou-as e separou a quantia combinada.

Em seguida, fechou a gaveta e com o dinheiro na mão entrou novamente no quarto, onde Hilário já o esperava e lhe fêz entrega do documento.

Meteu-o no bolso, entregando imediatamente o

dinheiro ao criado, que o recebeu e contou àvidamente, enquanto ouvia o seguinte:

— Já sabes, o resto é conforme já disse. Podes retirar-te.

Hilário saiu, e, tremendo de emoção, entrou no seu quarto, fechando a porta por dentro.

Sentou-se numa cadeira em frente de pequena mesa, cuja gaveta abriu, e aquele dinheiro, preço de uma infame traição, foi reunir-se às suas economias, enquanto monologava satisfeito: Até que, finalmente, poderei deixar breve esta vida de escravidão.

Passaram-se alguns dias.

Numa tarde, D. Rodrigo, que não se sentia muito saudável, achava-se no gabinete, sentado numa poltrona, a ler distraidamente.

No mesmo instante em que os sinos da *Giralda* timbravam cinco horas, o reposteiro afastou-se e apareceu um criado com uma bandeja de prata, na qual se ostentava um cartão de visita.

O conde tomou-o, lendo: — *Carlos de Calatrava*.

— Pode entrar, disse, levantando-se.

O criado levantou o reposteiro, fazendo uma profunda reverência.

Carlos entrou, inclinando-se, enquanto dizia:

— Boa tarde, senhor conde.

— Boa tarde, D. Carlos. Tenha a bondade de sentar-se e diga ao que devo a honra da sua visita.

Ao mesmo tempo, indicava-lhe uma poltrona.

Sentaram-se.

Carlos, que trajava a rigor, conforme a etiqueta, principiou:

— Peço-lhe desculpas, pois, quem sabe não venho incomodá-lo?

— Nada disso, pois sua presença honra sempre esta sua casa.

— Agradeço — disse Carlos, inclinando-se novamente. — Julgando que o assunto que aqui me traz não é para delongas, procurarei explicar-me sem perda de tempo. — Senhor Conde, venho pedir-lhe a mão de Branca.

— Como?! E' possível? Vindes pedir a mão... de minha filha? Será que não ouvi bem?

— E' como digo, ouviu muito bem. E não deviam causar-lhe admiração as minhas palavras, pois amo Branca como jamais mulher alguma poderá ser amada na terra. Por conseguinte, desejo-a para minha esposa.

— Mas... o que mais me admira, é ser precisamente o senhor que vem fazer-me semelhante pedido. Ignora, então, que Branca vai casar-se com o seu próprio sobrinho?!...

— Não, senhor conde: Sei muito bem que sua filha está comprometida com Armando, como também não é mistério, para mim, saber que o senhor desfará todo o compromisso quando conhecer toda a verdade.

— Cavalheiro — disse D. Rodrigo empalidecendo —, Armando é um rapaz digno de minha filha, a todos os respeitos. Ele vai emprestar grande honra aos meus brasões, não sòmente pela finíssima educação e cultura de que a todo momento já provas, como também por ser o digno sucessor do nobre barão de Calatrava.

— Queira desculpar-me, senhor conde, retorquiu Carlos, mas, tem o senhor a certeza de que Armando é realmente tudo quanto acaba de exprimir?

— Como não? revidou o Conde — principiando a exasperar-se. — Por acaso não nos vemos to-

dos os dias? Oh! Devo confessar-lhe, senhor Dom Carlos, que me sinto cada vez mais atraído pelo seu sobrinho, pela amenidade do seu finíssimo trato.

— Sim, ele é muito delicado; sua educação não poderia ser melhor; mas não é disso que se trata... E' da sua nobre estirpe que eu estou falando.

— Não compreendo, disse D. Rodrigo, admiradíssimo. Para mim, este é um caso raríssimo. O senhor que é o próprio irmão do barão de Calatrava, parece duvidar da nobreza de um título que eu considero como pertencente à nossa mais elevada aristocracia?

Carlos contestou com ênfase:

— D. Rodrigo, não há dúvida que o nosso título seja originário da mais alta nobreza espanhola...

— Então, peço expressar-se com mais clareza, pois minha idade já não é para decifrar enigmas.

Carlos, picado pela ligeira ironia que se depreendia dessas palavras, respondeu:

— E se eu lhe provasse que Armando nunca pertenceu à minha família e que por suas veias jamais correu o nobre sangue dos Calatravas?

— O conde levantou-se de um salto, dizendo com frieza:

— Estou em crer que deseja brincar um pouco comigo; e como as ocasiões nem sempre são propícias...

— Nada disso! Não costumo brincar, e muito menos tratando-se de um assunto por demais sério, e grave, como este. Por conseguinte, peço-lhe calma, muita calma, e só então lhe demonstrarei tudo quanto se passa.

O fidalgo sentou-se novamente, disposto a prestar toda a atenção.

Após breve pausa, Carlos principiou:

— Talvez o senhor já saiba que estive muitos anos ausente de Sevilha...

— Sim. Algo sei a respeito.

— Pois bem: quando o primogênito de meu irmão tinho poucos meses de idade, eu me afastei daqui para...

— Sim... Ouvi falar de certas aventuras...

— Oh! Loucuras da mocidade! — apressou-se a responder — ruborizando-se —, aventuras que já foram para não mais voltar. No meu regresso, posso dizer — recente, vim descobrir um grande segredo de família, segredo que ignorava por completo, e que talvez para sempre ignorasse, se o acaso não viesse favorecer-me, acudindo em meu auxílio. O fato é que o primogênito de meu irmão morreu justamente quando o pai agonizava, e, seres interessados em extorquir-lhe um título que legalmente me pertencia, tiraram da Casa dos Expostos um menino, depositando-o no berço que meu verdadeiro sobrinho deixara vazio.

— Meu Deus! que está dizendo, exclamou Dom Rodrigo, escandalizado com aquela revelação. Será possível o que acaba de revelar?

— Oh! sim. E, agora, o enjeitado acha-se no gozo de um título e de riquezas que lhe não pertencem.

— Mas... então... cavalheiro, a ser real quanto acaba de revelar-me, esse enjeitado seria... Armando?

— Nem mais nem menos, senhor Conde.

— Impossível! Não posso acreditá-lo — exclamou D. Rodrigo, levantando-se e principiando a passear pelo gabinete, sobremaneira irritado.

— Quer a prova, senhor conde?

— Certamente, se isso não lhe ofende. Prove-

-me quanto acaba de expor. Caso contrário, julgar-me-ei no direito de lhe acusar de impostoria.

Carlos, por sua vez, levantou-se e, tirando do bolso o documento fatal, apresentou-o ao conde, que o tomou dando mostras de intenso nervosismo. Leu-o ràpidamente e, ao concluir, disse com voz estrangulada pela raiva.

— Ah! miseráveis! Que não manchem a pureza do meu nome, introduzindo-me na família o sangue plebeu, insultando por esta forma os meus brasões! Graças a Deus, o senhor chegou a tempo e há-de ver como saberei castigar o usurpador, atirando-o imeditamente fora de minha casa.

Aproximou-se da janela e, abrindo violentamente as vidraças, gritou com voz tonitroante:

— Armando! Venha cá, depressa.

Carlos, de pé, braços cruzados ao peito, tremia ligeiramente. Seu rosto empalidecera visìvelmente. A seu pesar, sentiu remorso, e, temendo alguma violência da parte de D. Rodrigo, estava decidido a intervir a favor de Armando.

Sùbitamente, apareceram à porta da sala os dois namorados, pálidos e inquietos, pois não deixou de produzir dolorosa impressão o tom imperioso com que o conde chamara o mancebo.

D. Rodrigo avançou precipitadamente e, tomando Branca pelo braço, separou-a bruscamente do noivo, ao qual encarou, gritando-lhe com insultante desprezo:

— Saia imeditamente desta casa, que vem desonrando com a sua presença!

— Papai! — gritou Branca com espanto.

— Não te assustes, filha, ele queria enganar-nos a todos, mas, graças a Deus, descobri a verdade ainda a tempo.

E, dirigindo-se novamente ao mancebo, exclamou:

— Saiba, cavalheiro, que jamais entregarei a nobre flor de Granada a um filho do pecado. Por conseguinte saia, e já!

Branca soltou um grito de angústia. Armando, pálido qual defunto, disse delicadamente e com o tom de voz bem breve:

— Senhor conde, já que assim o quereis, sairei, mas não sem saber primeiro do que me acusais. Que crime cometi para ver-me tão maltratado?

D. Rodrigo atirou-lhe o documento à face, replicando com ironia:

— Leia aí a sua sentença e veja, cavalheiro, como se defenderá.

Armando abaixou-se e, apanhando o documento que caíra no tapete, leu-o detidamente.

Passou a mão pelos olhos e apoiou-se no batente da porta, como se naquele instante as suas forças o abandonassem.

Relutando em aceitar aquela verdade esmagadora, percorreu novamente o documento com a vista. Logo, enviando um triste e doloroso olhar à sua amada, que, pálida qual açucena, sentia-se desfalecida, disse com amargo sorriso:

— Senhor conde, esta é a primeira vez que tomo conhecimento do meu obscuro nascimento. Juro-vos, por Deus, que tudo ignorava. Peço-vos, pois, perdão, por haver com a minha indigna presença manchado a vossa nobre morada! E retiro-me, pois tendes razão: — Sou um filho do pecado.

Inclinou-se profundamente e, no meio de um silêncio sepulcral, desapareceu por detrás do reposteiro que vedava a porta de entrada.

O tom de voz com que pronunciara as últimas palavras foi tão doloroso, tão pungente, que Carlos

voltou o rosto para o lado, sentindo o coração premido de inexplicável opressão.

Branca, soltando um grito agudo, caiu desamparada no tapete.

Os dois fidalgos apressaram-se em socorrê-la, levantando-a prontamente e deitando-a no sofá.

D. Rodrigo aproximou-se da gaveta de um armário, tirando um vidrinho com éter, cuja essência não se fêz precisa, porque Branca recuperou logo os sentidos.

A Carlos, tremera-lhe a mão, e a donzela, como se fôsse tocada por algum reptil, abriu precipitadamente os olhos, fazendo um gesto de repulsa.

Em seguida, sentou-se no sofá e, estendendo os braços ao pai que permaneceu junto dela, exclamou num pranto inconsolável:

— Que fizeste ó meu papai? Afastaste-o de mim, quando ele é toda a minha vida, pois sem ele já não posso mais viver!...

— E' um enjeitado, replicou o conde.

— E a mim que me importa? Será, por acaso, ele culpado do pecado de seus pais?

Naquele momento, Carlos, que continuava de pé, a devorar com os olhos a formosa criatura, sentiu, embora sem saber explicar, que aquelas palavras lhe penetravam profundamente no coração.

— Vamos, minha filha, sossega — disse o conde —, pois se o mundo soubesse que choras por um ente indigno da nossa estirpe, que diriam de nós?

— Mas, papai — retorquiu —, destrói-se esse malfadado documento e jamais alguém saberá coisa alguma...

— Cala-te, infeliz: não vês que está aqui presente o verdadeiro barão de Calatrava? — disse o conde, indicando Carlos que, vendo correr lágrimas

pelo sedutor e angélico semblante da donzela, sentiu reanimar-se a chama de sua paixão.

Branca fitou-o com espanto, sentindo um estremecimento de horror percorrer-lhe todo o corpo.

— Cavalheiro, por piedade, desista desse título, de cujos benefícios poderá o senhor gozar, sem necessidade de provocar um escândalo.

Carlos lhe respondeu com inflexão apaixonada:

— Senhorita! De bom grado o faria, se não a amasse também eu, e loucamente.

Branca ficou petrificada.

— Pois é verdade, ajuntou D. Rodrigo. Esquecera-me de dizer que o senhor barão viera pedir-me a tua mão.

— E tu que respondeste? — perguntou Branca, sentindo correr-lhe pelas veias um frio glacial.

— Nada, pois as circunstâncias não mo permitiram. Mas, desde que D. Carlos te ama e ficou bem comprovado ser ele o verdadeiro barão, respondo agora agradecendo o seu pedido, e aceitando-o por meu genro.

— Nunca! exclamou a jovem, levantando-se precipitadamente, no meio do maior espanto.

O conde, como se nada tivesse ouvido, aproximou-se, abraçando-a, beijando-a, acariciando-a com ternura, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Tu bem sabes, filha querida, que estou condenado a desaparecer do mundo de um instante para outro e não posso deixar-te sòzinha assim, abandonada e sem arrimo. Uma vez que o barão te ama com fervor, deves aceitá-lo por marido e, assim, se eu morrer, já não ficas desamparada.

— Mas, como poderei amá-lo, se meu coração e minha alma pertencem a Armando? — exclamou com intenso desespero.

Carlos ajoelhou-se-lhe aos pés, exclamando:

— Senhorita, não vos forço a querer-me, mas, deixai ao menos que vos ame e possa passar a vida inteira aos vossos pés, adorando-vos qual imagem do meu culto.

— Cede! disse o conde beijando-a.

— Não posso!

— Branca! retorquiu o velho com voz tremente.

A filha olhou-o, e, vendo-lhe, através das lágrimas, que o rosto congestionava-se principiando a adquirir uma cor violácea e, no temor de que sobreviesse alguma coisa que lhe pudesse ser fatal, disse com voz debilíssima:

— Pois bem, já que assim desejas, faça-se a tua vontade, meu pai.

Logo, qual cisne moribundo, que acaba de exalar o último suspiro, deixou-se cair nos braços do pai.

Estava desmaiada. Quanta desolação!

Mais uma vez a pureza e a inocência caíam vencidas pelo orgulho.

Pobre Branca!

Libertação de uma alma

Marta acabava de levantar-se com o coração opresso, devido a um sonho esquisito que tivera naquela noite.

Parecia-lhe achar-se flutuando num espaço imenso, cheio de luzes. E sentia-se feliz ao atravessar aquelas ondas, das quais parecia desprenderem-se vibrações harmoniosas.

De repente, foi surpreendida por um grito de angústia:

— Mamãe!

Voltou-se e viu longe... bem longe, Armando, cuja figura lhe aparecia como que envolvida num véu fluídico.

— Armando! vem, filho querido, exclamou, estendendo-lhe os braços, ele, porém, não se movia, mostrando ùnicamente estar possuído de imensa tristeza.

Ela fixou-lhe bem o rosto, aquele rosto tão querido e, ao notar que pelos olhos lhe escorriam lágrimas em abundância, soltou um grito de dor e... acordou sùbitamente, deitada na sua cama.

Fora tudo um sonho!

Levantou-se logo e, vestindo-se à pressa, saiu pelo corredor, aproximou-se da porta do quarto de Armando e colocou o ouvido na fechadura, chegando-lhe o ritmo compassado da respiração do mancebo.

— Ah!, dorme tranquilamente!

Mas, tanto que procurou afastar-se, ei-la forçada a comprimir o peito com as mãos, sentindo uma forte pontada.

— Há-de-ser consequência da impressão que recebi, disse, querendo assim tranquilizar-se.

Entrou novamente no quarto e, deixando-se cair de joelhos perante a imagem da Virgem, orou fervorosamente. Logo penetrada daquele fluido suavíssimo, já conhecido, chamou mentalmente:

— Helena! Esperou inùtilmente, pois a vibração do Infinito, que tanto a confortava, não lhe correspondeu.

Levantou-se e, para afugentar a impressão do sonho, decidiu continuar um bordado que dias antes principiara.

De repente, veio-lhe a sensação estranha de não se achar só, isto é, de encontrar-se assistida por seres intangíveis.

Levantou a vista e ainda pôde lobrigar alvíssimos focos flutuantes, que se desvaneciam ràpidamente.

Ah! quanto sofreu naquele dia a infeliz, de vez que, para não alarmar o filho, fingia uma alegria inexistente.

Quando ao entardecer o rapaz saiu para o habitual passeio pelo jardim do conde, entregou-se ela novamente ao seu trabalho, a ver se conseguia afastar de vez, do pensamento, aquele maldito sonho que parecia haver-se-lhe encravado no cérebro.

Sem interromper a tarefa, entrou a monologar desta forma:

— Meu Deus, que significará tudo isto?! Será, talvez, que tenha de abandonar este mundo de sofrimentos?!

Já vivi tanto! E sinto-me atraída, de tal maneira, pelas vibrações do Infinito, onde sei que me esperam seres queridos que me precederam, que, com imenso gozo, iria para lá, se não fôssem essas duas criaturas tão amorosas e suaves, pelas quais meu coração vem sentindo um afeto verdadeiramente maternal.

Não devo ser egoísta em querer partir sem que eles tenham realizado sua união tão desejada!

Branca! Adriano! filhos queridos, tendo imenso prazer em retardar o progresso de minha alma, até que possa ver-vos unidos, para sempre e completamente ditosos.

Sentiu novamente a sensação esquisita, que naquela manhã a surpreendera.

Ergueu os olhos e viu deslizar, lentamente, pelo corredor, uma como angélica procissão, uma legião de seres intangíveis, cujas formas e rostos não podia perceber, por se acharem cobertos de véus flutuantes.

Santo Deus! valei-me — exclamou, largando o bordado e tremendo qual folha sacudida pelo vento.

Pobre Marta!

Não era o medo que a fazia tremer daquela forma, pois já estava acostumada às vagas visões do Além, que a vinham acompanhando durante toda a vida: mas, a insistência com que lhe apareciam, naquele dia, dava-lhe a intuição de uma possível quanto sensível transformação na sua existência.

Se ela faltasse, que seria, então, daquelas duas criaturas tão amadas!

E angustiava-se, não por si, mas por Branca e Armando.

A visão desapareceu. Marta levantou-se, atravessou ràpidamente o corredor, entrou novamente no quarto, deixando-se cair de joelhos aos pés da imagem.

Orava... Orava, e, à proporção que o fazia, apoderava-se dela uma sensação nova, até então desconhecida.

Parecia-lhe não pertencer mais à Terra. Sentia-se como que suspensa no éter... Ouvia harmonias delicadas, suavíssimas, talvez desprendidas de liras celestes, magistralmente tangidas pelas mãos invisíveis dos querubins.

Passaram-lhe pervicazes, pela mente, rápidos deslumbramentos. Ela própria se sentia irradiar, qual puro diamante exposto aos raios do Sol.

Sùbitamente, aquele êxtase foi interrompido por algo que a chamava, ainda uma vez, à triste e amarga realidade da vida material! No corredor ecoavam passos de alguém que vinha, lentamente, aproximando-se do seu quarto.

Aqueles passos inesperados eram vacilantes como de alguém que estivesse perdendo as forças.

Voltou-se, rápida, no mesmo instante em que

o reposteiro se afastava e... logo um grito de dor se lhe escapou dos lábios.

Armando acabava de aparecer, estacando na ombreira, sem forças para adiantar-se.

Todo o seu físico apresentava sinais inequívocos de profundo abalo.

Dos olhos encovados, desciam algumas lágrimas. O rosto estava pálido, tão pálido que parecia um cadáver escapado do sepulcro.

De um salto, Marta levantou-se.

— Armando, que é isso? — perguntou com acento doloroso.

O rapaz não respondeu, mas, levantando os olhos, fixou-a com tristeza.

Adivinhou naquela olhar todo um mundo de amarguras. — Meu Deus — pensou — ele sofre.

Quis correr ao seu encontro para apertá-lo amorosamente em seus braços, para comunicar-lhe força e vida com o calor dos seus beijos maternais, mas não pôde dar um passo. Sentiu-se como que pregada ao solo... e o sangue lhe circulava nas veias como se fora chumbo liquefeito. Um frio glacial lhe percorreu todo o corpo, regelando-lhe os membros e impossibilitando-a de fazer o menor movimento.

Num esforço sobre-humano, conseguiu estender-lhe os braços e gritar com desvario:

— Armando! vem aos meus braços, filho do coração!

— Teu filho?! — murmurou com amarguras na voz. — Teu filho?! Ah! Já não sou mais teu filho! Sou filho do pecado!...

A pobre baronesa sentiu novamente, no coração, aquela terrível pontada, que, qual afiada espada, o traspassou de lado a lado. Levantando os braços, soltou um grito estridente e caiu, como que

fulminada por um raio, aos pés da Virgem das Dores.

Armando, ao vê-la tombar daquela maneira, esqueceu o seu sofrimento físico e, vencido pelo afeto verdadeiramente filial e ao mesmo tempo profundíssimo, que por ela sentia, correu a levantá-la e depositá-la no leito, enquanto monologava:

— Meu Deus! Tê-la-ei matado? Desgraçado que sou! Viver só para causar a infelicidade de todos os que de mim se aproximam. E, beijando-lhe o pálido rosto, chamou-a ternamente:

— Mãezinha! Mãezinha querida!... Perdoa, eu estava louco de dor. Acorda mãezinha, acorda!

Marta, porém, permanecia imóvel. Parecia morta, pois nem respirava!

— Moraima! — chamou o mancebo, em alta voz...

— Senhor! — respondeu a criada, apresentando-se.

— Corre! Manda procurar um médico, pois mamãe acaba de morrer — clamou o mancebo, torcendo os braços com desespero e soluçando amargamente.

A rapariga transmitiu o recado a Hilário, que saiu prestamente à procura do médico.

Logo, entrou novamente e principiou a borrifar com água o rosto da baronesa. Em seguida, deu-lhe a respirar essências fortes, friccionando-lhe ràpidamente braços e pernas, porém, inùtilmente, pois Marta não voltou a si.

— E' inútil, exclamou o mancebo; é inútil qualquer coisa, Moraima, pois mamãe deixou-nos para sempre.

— Calma, senhor, nada podemos dizer até que venha o médico, que não pode tardar.

No mesmo instante, o facultativo, acompanha-

do de Hilário, irrompia no quarto, aproximando-se do leito.

Tomou o pulso e, inclinando-se sobre a paciente, auscultou-a minuciosamete, acabando por levantar-se e dizer com tristeza:

— Um ataque do coração! E' o primeiro e será o último. Pobre criatura! Deus apiedou-se de ti. De ti, que passaste toda uma existência de sofrimentos e sempre... sempre por causa dos outros!... Infeliz, o teu coração tão sensível, tão delicado, não terá, certamente, podido resistir a alguma nova provação.

E enxugou uma lágrima de comiseração e piedade.

Coitado do velho! Habituado a tratar, de longos anos, aquele formoso corpo e devotando profundíssima veneração à alma virtuosa que nele se albergava, afeiçoando-se-lhe, sentia sinceramente separar-se dela.

— Meu Deus! — exclamou Armando arrancando os cabelos, em desespero: — então, doutor, é sempre verdade que ela morre?

— Fatalmente! Assim é, meu filho. Ela acaba de sofrer fortíssima comoção, que inaniu por completo o seu delicado coração. Voltará a si, mas será pela última vez; quiçá para despedir-se dos entes caros.

— Mas, doutor, não será possível tentarmos algum meio?

— Nada a fazer, respondeu gravemente o médico. — Quando Deus chama uma alma para junto de si, a ciência humana nada pode. Não há coisa alguma que se possa opor à divina vontade do Todo-Poderoso.

Tirou do bolso um vidrinho e, destampando-o,

deixou Marta aspirar-lhe a essência. Após prolongado suspiro, ela abriu os olhos.

— Meu filho! — disse com voz tenuíssima, enquanto o olhar pousava no mancebo.

— Mamãe! — respondeu ele abraçando-a amorosamente.

— Quero falar-te, mas preciso ficar sòzinha contigo.

— Estás melhor, não é assim? — perguntou o rapaz — procurando enganar-se a si próprio.

Ela então, comprimindo o seio com ambas as mãos, segredou-lhe no ouvido:

— Sim! Sinto-me bem; antes porém de deixar este mundo de amarguras, quero confiar-te o segredo do teu nascimento.

— Deixa, mãezinha, deixa! Que importa saber de quem sou filho? Tu, sòmente tu, és minha mãezinha do coração.

Beijou-o carinhosamente, repetindo:

— Quero estar a sós contigo.

O médico não hesitou:

— Vamos, disse, dirigindo-se a Hilário e Moraima, que chorava desconsoladamente.

Os três saíram do aposento, ficando na ante-sala à espera das ordens de Armando.

— Quem foi, meu filho, que te chamou de filho do pecado?

— O senhor conde. Ele pôs-me na rua, declarando que jamais cederia a filha a um filho do pecado; e, ao pedir-lhe satisfação das suas palavras, atirou-me com este documento na face.

E apresentava-lhe o certificado da Casa dos Expostos.

Marta tomou-o e, ao pousar a vista no documento, exclamou com angustioso acento:

— Meu Deus! Como foi que este malfadado papel foi parar nas mãos do Conde?

— Isto, não sei.

— Ele... me foi roubado... Sim... roubado... pois tinha-o guardado na gaveta da cômoda... Quem o teria subtraído de lá? Ah! Que revelação... Sim, foi ele... Que infame!

— De quem suspeitas, mamãe?

— De Carlos!

— E' possível?! Agora me lembro que, quando o conde me escorraçou, ele estava presente...

— Como?! Ele? Lá?

— Sim, lá estava, trajado a rigor, a um canto do salão e de braços cruzados sobre o peito. Até parecia que lhe brincava nos lábios um sorriso de triunfo!

— Santo Deus! Misericórdia! — exclamou Marta juntando as mãos e dirigindo ao céu os olhos debulhados em lágrimas.

Será possível que nele não falasse a voz do sangue? Estará, então, o seu coração tão endurecido a ponto de não te conhecer, sendo como és seu filho?!

— Seu filho?! Que dizes? Eu, seu filho?! Oh! mãe, estás delirando...

— Seu filho, sim. Ouve-me, Armando; presta bem atenção.

O rapaz aproximou o ouvido dos lábios da agonizante, cuja voz se ia extingindo gradualmente, e ouviu toda aquela triste história de dores, amarguras e sofrimentos.

Terminado o fúnebro depoimento, ele explodiu:

— Ah! Não era à toa que eu sentia por ele aquela misteriosa atração. Agora se explica o sofrimento que me causavam o desprezo e a indiferença que ele sempre me demonstrava. Meu pai! E' meu pai...

— E logo, abraçando-a, continuou:

— E tu és uma santa, um arcanjo do paraíso, descido do Alto para, justamente, recolher-me no mesmo instante em que eu ia ficar sem arrimo, só, abandonado no mundo! Tu que por minha causa passaste uma existência inteira de sacrifícios, escrava dos meus caprichos, envolvendo-me sempre na benéfica influência do teu amor celestial. Tu, só tu, és digna do meu respeito; para ti serão, sempre, meus beijos, meus suaves afagos, toda aquela afeição capaz de se conter no meu coração. E pensar que acabo de fazer-me réu dessa grande comoção pela qual estás passando!... Ah! como sou culpado! Tu, porém, hás-de restabelecer-te para constituir doravante o objeto de toda a minha adoração.

A agonizante ouvia aquelas palavras, embevecida, deixando transparecer no semblante a felicidade que lhe ia nalma.

Mas, eis que tênue véu lhe sombreou o rosto formoso, e disse com melancolia:

— Ah! meu Armando querido... sòmente pelos fios invisíveis do pensamento é que tu poderás transmitir-me os eflúvios do teu amor, pois a minha hora já é chegada e não posso desobedecer aos desígnios imperscrutáveis do Criador, que me convida a deixar este mundo de expiação. Já vejo descer do Infinito aqueles seres queridos que devem acompanhar-me nas minhas evoluções por essas regiões etéreas, onde o amor se manifesta na plenitude do seu resplendor. Sim, meu filho, já minhalma toda estremece, ávida de abandonar este mísero corpo e projetar-se no espaço. Sinto-me atraída pela força misteriosa que dirige os nossos destinos, e que neste

instante supremo me convida a retemperar o espírito cansado de tanta luta, de tanta provação e, ao mesmo tempo, fortalecer minhas forças perdidas, banhando-me naquelas auréolas de luz que emergem constantemente da imensa catarata dos mundos que rolam na imensidade.

Armando, incapaz de conter as lágrimas, deixava-as correr livremente.

Ao notá-lo, Marta lhe disse:

— Não chores, pois eu jamais te abandonarei.

Agarrando-se fortemente nos braços do mancebo e fazendo sobre-humano esforço, conseguiu ainda sentar-se no leito e dizer:

— Quando meus olhos se fecharem para sempre, que tencionas fazer, meu filho?

Armando, enxugando as lágrimas, depois de um suspiro, respondeu:

— Retirar-me-ei para um convento.

— Não, filho. Aquela vida é triste. Ouço, neste momento, angélica voz que assim me sugere:

"Revela-lhe, Armando, revela-lhe toda a verdade e ele certamente reconhecerá a tua inocência e talvez possas ainda unir-te a Branca e serem felizes".

— Branca? Ah! pressinto que a perdi para sempre! Irei para o convento, mamãe, e rezarei constantemente por ti e pela outra mãezinha que, na minha inocência, perdi. Lá, na solidão do claustro, minhalma estará mais próxima das almas...

Marta passou a destra nos cabelos do mancebo e, elevando os olhos ao céu, exclamou:

— Seja feita a vossa vontade, meu Deus; e, com voz quase ininteligível, ajuntou:

— Apiedai-vos, Senhor, do meu filho! Dignai-vos abençoá-lo, conforme o faço neste momento.

Adeus!... Armando adorado, Adeus!... Vamos... Helena... querida... Vamos...

Sua voz extinguiu-se por completo. Fecharam-se-lhe os belos olhos e aquela formosa cabeça, após levíssimo suspiro, pendeu inerte nos ombros de Armando, qual delicada e frágil açucena tristemente derrubada pelas fúrias do aquilão.

— Meu Deus! — morta! — foi o grito que reboou no ambiente.

A porta do quarto abriu-se e Moraima chorando em altos gritos entrou, seguida de Hilário, que correu a amparar o mancebo na iminência de tombar.

O doutor entrou, também, indo ajoelhar-se junto da criada e murmurando algumas preces.

Depois, levantou-se e, depositando respeitoso beijo na fronte da morta, deteve-se a contemplar, extasiado, aquele formoso semblante iluminado por um sorriso celestial, ao mesmo tempo que dizia:

— Descansai em paz alma generosa, flor delicada e pulcra, que neste vale de lágrimas espalhastes pròdigamente os perfumes do mais santo amor. Ide gozar no meio dos anjos. Dormi na paz do Senhor!

No dia seguinte, às dez horas no relógio da *Giralda,* os sinos dessa formosa catedral principiavam a dobrar, tangendo dolorosamente, enquanto o fúnebre cortejo parava em frente à porta.

Após as cerimônias do estilo, o carro fúnebre que transportava os despojos de Marta, seguido de longo cortejo, movimentou-se tomando o caminho do Campo-Santo.

Na cauda do séquito, ia Armando a pé, vestido de luto, apoiado ao braço do velho médico, que não quis abandoná-lo, sentindo-se sensibilizado pelo duplo infortúnio que acabava de feri-lo.

Instantes depois de Marta haver falecido, Carlos apresentou-se na câmara mortuária, dizendo:

— Armando, conforme deves saber, a tua presença torna-se desnecessária nesta casa. Não obstante, atendendo ao nobre desejo da morta, de te adotar como filho, posso oferecer-te em doação uma parte da fortuna de minha cunhada, e com isso poderás viver onde melhor te aprouver.

Armando sentiu impulsos de precipitar-se-lhe aos braços e gritar: — Pai! — sois meu pai!

Uma força misteriosa o impediu de fazê-lo e, baixando a cabeça, respondeu:

— Ah! pode guardar para si toda essa fortuna, pois não me interessa a posse dos bens deste mundo. Contento-me em possuir o amor daquela alma pura, amor que jamais alguém conseguirá tirar-me. Uma única coisa tenho a pedir-lhe: é que me permita ficar ainda aqui, até o momento de transportar minha mãe ao Campo-Santo.

— Sim! — disse Carlos, saindo imediatamente do aposento, pois, sem saber porque, sentia-se mal na presença do rapaz.

Este ali ficou velando o cadáver da baronesa, e, quando o séquito se organizou, seguiu na retaguarda, ao lado do médico.

O caminho do cemitério era rente a uma das esquinas do suntuoso castelo do Conde.

No mesmo instante em que Armando passava, uma das janelas da parte alta do edifício abriu-se, e apareceu o formoso vulto de Branca, toda envolta em negros crepes. Agitando no ar alvíssimo lenço tarjado de preto, gritou, chorando copiosamente: — Adeus! mãezinha adorada!... Espera-me lá no céu... sabes? — pois eu não me demorarei.

Armando, comprimindo o coração com ambas as mãos, dirigiu-lhe um triste sorriso.

Naquele momento, aqueles dois seres entreolharam-se e a vida lhes ficou toda concentrada naquele último olhar, no qual se poderia ver um mundo de amarguras, de dores e desespero.

De repente, ouviu-se uma voz colérica gritar:

— Branca!

E por trás da donzela apareceu o rosto irado do conde, que, afastando-a brandamente para um lado, fechou a janela com estrondo.

Ela ainda teve tempo de dizer:

— Adeus, meu Armando querido, para ti serão sempre todos os meus pensamentos!... Para ti, eternamente, todo o meu amor!...

O rapaz inclinou a cabeça e prosseguiu no caminho, apoiado ao braço do nobre velho, que, tristemente impressionado, enxugava furtivas lágrimas.

Chegando ao Campo-Santo, detiveram-se à sombra de um cipreste, contemplando o triste ato da inumação do corpo.

Terminada a cerimônia e logo depois de se haverem retirado todos os convidados, os dois se aproximaram do sepulcro e, deixando-se cair de joelhos, puseram-se a orar.

Depois, levantaram-se e, silenciosos, demandaram o caminho da abadia de São Domingos de Gusmão.

Em lá chegando, mesmo à porta, Armando foi abraçado pelo seu fiel amigo, que lhe disse, comovido:

— Reflete bem, meu filho, já que estás em tempo... Pensa que é preferível viveres comigo a findar tristemente a tua existência na solidão do claustro. És tão novo ainda!

Armando, deixando vagar pelos lábios um amargo sorriso, respondeu:

— Ah! O senhor não pode imaginar quanto

lhe agradeço pelo seu generoso oferecimento; mas, creia, minha decisão é irrevogável.

E, adiantando-se, bateu na porta. Esta se abriu e o rapaz, abraçando novamente o velho médico, beijou-o na fronte, exclamando:

— Adeus, doutor, seja feliz.

—Adeus, meu filho —, respondeu o nobre velho.

Armando entrou no convento e a porta se fechou atrás dele, enquanto o médico, cruzando os braços e elevando ao céu os olhos em que brilhavam lágrimas, murmurou:

— Tristes, bem tristes são os destinos de certas almas, que, parece, foram criadas para um eterno sofrimento; justos porém, sempre justos, são os desígnios inexcrutáveis de Deus. Bendito sois, mil vezes, Senhor, já que iluminais constantemente a noite tormentosa da nossa triste existência com os suaves reflexos da mais fagueira das esperanças! Sim, esperanças de que talvez, algum dia, noutros ambientes, possamos continuar novas e progressivas evoluções.

No Convento

O abade Jerônimo, em sua cela, meditava profundamente nas máximas e sentenças contidas num livro sacro que tinha à sua frente, e cujas páginas percorria detidamente.

Súbito, alvíssima névoa lhe passou pela vista, e o bom do frade, atribuindo-a ao cansaço, deixou o livro e, rescostando-se na poltrona, fechou os olhos.

Acudiu-lhe a lembrança de Armando e... sentiu-se impressionado, pois, naquele mesmo instante, pareceu vê-lo entre ciprestes, ajoelhado sobre uma campa.

— Meu Deus! — exclamou, abrindo os olhos e pervagando-os assustado, em todas as direções. Será real a visão que acabo de ter? Há alguns dias que ele por aqui não aparece... De certo, aconteceu-lhe algum infortúnio!

Já se dispunha a chamar o leigo frei Antão para que fôsse verificar, quando bateram à porta da cela.

— Pode entrar, disse.

A porta abriu-se e Armando apareceu.

— Meu filho! — exclamou o padre ao vê-lo — e, levantando-se, correu a abraçá-lo, enquanto continuava: — Até que afinal te lembraste de mim!

O ar sombrio do mancebo surpreendeu-o.

— Que é isso, filho? Choras? Sim, lágrimas vejo em teus olhos... Conta-me quanto te aconteceu, pois jamais te vi assim tão consternado.

Armando, deixando-se cair numa cadeira, exclamou, em amaríssimo pranto:

— Mamãe! Mamãe foi-se...

— Como?! Deixou-te?

— Sim! Morreu!

— Meu Deus! e tu nada me avisaste?

— Ah! A morte foi tão repentina que nem me deu tempo para isso. Agora mesmo venho de acompanhá-la ao Campo-Santo.

— Jesus! Então, foi certa a visão que acabo de ter! Estive a ver-te ajoelhando junto à lousa de um sepulcro!

— De lá venho. Ah! pai Jerônimo, nestes dias aconteceram-me coisas tão espantosas, que frequentemente pergunto a mim mesmo se não estarei embrenhado nalgum mundo de sonhos! Fiquei sòzinho no mundo! Abandonado de todos!

— Como sòzinho e abandonado? Ah! tu me ofendes, filho! Acaso não resto eu, que, como sabes, amo-te como a um filho?

— Sim, é verdade, respondeu o mancebo, sem deixar de chorar. Justamente por isso, aqui estou neste momento, pois venho pedir-vos a graça de me deixar fazer parte da comunidade deste querido convento.

— Que dizes?! Queres retirar-te do mundo, entrar no claustro, só pelo fato de tua mãe ter morrido? Estás louco! E Branca? Que fizeste, então, do nobre sentimento que vinhas dedicando àquele anjo do céu?

— Branca?... Oh! Perdi-a também... e para sempre!

O abade aproximou-se de uma mesinha a um canto, repleta de garrafas.

Tomou uma e, depois de ler atentamente o rótulo, despejou o conteúdo num copo de cristal e ofereceu ao mancebo.

— Toma, filho. Bebe este licor que te fará muito bem, pois é um poderoso calmante que tonificará teus nervos e fortalecerá as tuas forças combalidas.

O rapaz obedeceu, sentindo, logo após, que o seu excelente organismo readquiria vigor.

O velho tomou de uma cadeira, sentou-se junto dele e, pousando-lhe paternalmente a mão no ombro, prosseguiu:

— Agora, canta-me o que te aflige; refere-me tudo sem omitir coisa alguma. Faze-o calmamente, sem lágrimas, pois bem sabes que em certas ocasiões nossas lágrimas são ofensivas ao Criador, oferecendo-lhe o fruto da nossas fraquezas, quando devemos demonstrar-lhe que sabemos ser fortes, corajosos e resignados em todas as provações.

Vamos, começa. Desde já te declaro que, se teu desejo de professar é irrevogável, saberei receber-te, como sempre, de braços abertos.

Encorajado com essas afetuosas palavras, o rapaz enxugou as lágrimas e mais calmo desabafou:

— Pai Jerônimo, saiba que ontem à tarde, quando palestrávamos eu e Branca no jardim, fui chamado desabridamente pelo Conde e, ao defrontá-lo, declarou-me, com grande desprezo, que jamais cederia sua filha a um filho do pecado.

"Ao pedir-lhe explicação de tal afronta, atirou-me às faces um documento pelo qual se comprova, perfeitamente, não ser eu filho do barão de Calatrava, conforme todos julgávamos, e sim filho de pais incógnitos... originário da Casa dos Expostos, da qual me tirou, quando criança, minha saudosa protetora.

— Deus do céu! — exclamou o frade com espanto; mas será verídico esse documento?

— Sim, pois é assinado pela própria baronesa, que eu julgava ser de fato minha mãe.

— Naturalmente... E depois?

— Depois? — Ah! O Conde pôs-me na rua! Ao relatar a minha mãe tudo quanto acabava de suceder, ela foi acometida de fortíssimo choque cardíaco, do qual só voltou para despedir-se e morrer, mas, não sem haver podido desvendar-me o mistério do meu nascimento.

— Jesus! Quanta tribulação! Mas como?... De que forma chegou ao poder de D. Rodrigo esse documento fatal?

— Minha mãe disse-me desconfiar que Dom Carlos o tivesse furtado do lugar em que ela o guardava.

— Compreendo!... Desta maneira, conseguiu apossar-se, finalmente, dos bens e pergaminhos do

irmão, pelos quais esteve a suspirar durante tantos anos... Mas, o que não posso atinar é com a necessidade de descobrir o segredo a D. Rodrigo...

— Ah! Pai Jerônimo... Tenho motivos ponderosos para pensar que D. Carlos andava apaixonado por Branca.

— Meu Deus! Até que, finalmente, acabo de compreender tudo... Sim! Desse modo, ele conseguia tudo de um só golpe, e bem certeiro: — nobreza, fortuna e posse daquele anjo. Oh! Sempre essa condenada criatura a transviar almas inocentes e puras!

Levantou os punhos fechados, num gesto de ameaça.

— Tu cairás, Caim, para te não levantares mais, vencido completamente pela minha maldição, pois a maldição de um pai é sempre terrível e jamais deixa de produzir seus efeitos.

— Senhor, implorou Armando assustado, ter-vos-ia ele acaso ferido nalgum afeto familiar?

— E' verdade... Tu nada sabes. Deixemos isso para mais tarde... Talvez algum dia venhas a saber toda a malvadez encerrada naquele tigrino coração.

Vendo novamente lágrimas nos olhos do rapaz, perguntou:

— Porque choras?

— Por ele!

— Por ele?!

— Sim; pois embora seja a causa do meu infortúnio, não posso aborrecê-lo e muito menos odiá-lo. Ao contrário, sinto que o amo com todas as forças do meu coração.

— Como?! Ainda o amas, sendo ele como é o teu maior algoz?

— Esse o meu maior tormento... Ver o quanto

me aborrece, quanto me odeia, e saber ao mesmo tempo que é... meu legítimo pai!

— Que dizes? D. Carlos... teu pai?! Que ouço, meu Deus?!

— Sim!

O abade ficou mudo de assombro e, contemplando-o fixamente, monologava consigo mesmo:

— Esse rosto... A expressão deste olhar... O timbre da voz... sempre me causaram profundíssima impressão, despertando-me dolorosas reminiscências...

Súbito, levantou-se, olhando-o com olhos fosforescentes, e, como que tomado por um acesso de loucura, perguntou:

— Armando, como se chamava tua mãe?

— Helena!

— Helena... Deus do céu! Helena de quê?

— Mendoza.

— Meu filho! — gritou o abade, precipitando-se para ele e beijando-o nos olhos, na face e na boca, ao mesmo tempo que derramava abundantes lágrimas de verdadeira alegria. Ah! não era à toa que o teu olhar me causava tanta impressão! Se tinhas o poder de cativar-me e atrair toda a minha simpatia, é que corria em tuas veias o sangue honrado dos Mendozas... Oh! meu Armando querido, Helena, tua mãe... era minha filha!...

— Santo Deus! — exclamou o mancebo no auge da admiração. Então, o senhor seria Dom Ernesto, o antigo administrador da baronesa, o qual ela pranteava como morto?

Meu querido avô, exclamou o mancebo abraçando-o e devolvendo-lhe beijo por beijo.

— Evidentemente, sim.

Logo após se haverem acalmado um pouco, o abade disse:

— Escuta, Armando:

— Senhor, animou-se a dizer o rapaz, Armando já morreu... Eu sou Adriano de Mendoza, pois este é o nome com que minha mãe me batizou, e, por conseguinte, só assim desejo ser chamado.

— Está bem, meu filho, tu jamais serás um plebeu, visto correr-te nas veias, também, o nobre sangue dos Calatravas. Por conseguinte não deverias renunciar aos teus sonhos amorosos. Embora não sejas o barão, és seu filho.

— Ah! Filho natural!... Bastardo!...

— E que importa?! Serás, por acaso, responsável pelos pecados de teu pai? Escuta, filho!... D. Carlos não possui outro filho, que eu saiba; por conseguinte, tu serás sempre o herdeiro do título! Queres, pois, que mande chamar o Conde? Eu lhe revelaria toda a verdade e, sabendo, como já sabe, que Branca te ama com delírio, talvez conseguisse abrandá-lo.

E animado por esta ideia, exclamou:

— Sim, vou já mandar chamá-lo. Buscarei, no arsenal da minha oratória, aquelas frases mais convincentes, e como possuo grande ascendente sobre ele, estou certíssimo de que conseguiremos vencer a resistência que lhe oferece o seu orgulho de raça.

— Jamais, atalhou o mancebo, pois eu, pai Jerônimo, estou-me convencendo cada vez mais de que D. Carlos se apaixonou por Branca e talvez já tenha pedido a sua mão.

— Ah! Se ele a isso se atreveu, pode estar certo de que D. Rodrigo o aceitou... conheço-o bastante para saber que seria capaz de imolar a própria filha ao seu orgulho, juntando um novo brasão à sua coroa de conde.

— Então, conforme o senhor compreenderá, a minha intervenção causaria um novo escândalo, que sempre viria recair sobre meu pai.

— Certo, pois D. Rodrigo o afastaria com desprezo, sabendo que ele manchou a nobreza do seu nome, atirando ao mundo um filho natural, que mais tarde poderia disputar direitos de filhos legítimos, que ele pudesse ainda ter.

— Jamais! prosseguiu Adriano, jamais me permitiria causar o mais leve desgosto a meu pai. Não. Que ele seja feliz, embora à custa da minha própria infelicidade.

O abade contemplou-o com admiração.

— Ele — continuou o mancebo —, diante do cadáver de minha mãe adotiva, ofereceu-me uma parte da fortuna dela, mas eu a tudo renunciei, pois quero ùnicamente acompanhar-vos, para compartilhar convosco da existência pacífica deste convento.

— Abençoado sejas, filho, exclamou o abade levantando-se e impondo solenemente as mãos sobre a cabeça do rapaz. Queira Deus recompensar-te divinamente por teu ato de abnegação e sacrifício. Permita, ao mesmo tempo, possas encontrar neste recinto aquela paz e tranquilidade de que a tua alma tanto precisa.

— Encontrá-la-ei, exclamou Adriano com firmeza, pois já me julgo feliz com a inspiração que tive de vir ao vosso encontro.

— Sim. Mùtuamente nos consolaremos e havemos de conseguir esquecer esse mundo que tão ingrato se nos fêz a ambos.

Agora necessitas repousar, disse o frade, para assim te poderes refazer da fortíssima comoção por que vens de passar. Vamos à tua cela, que será esta da qual estás próximo, pois quero ter-te bem perto de mim.

Saíram da sala, desaparecendo na cela contígua, já preparada para receber um novo cenobita.

Obedecendo aos rogos do velho, Adriano, mesmo vestido, deitou-se.

O abade saiu, fechando a porta, e, já no corredor, deteve-se, murmurando:

— Infeliz! Iludes-te a ti próprio querendo iludir-me também, ao fazeres ostentação de uma fictícia tranquilidade, quando o teu pobre coração chora amargamente. Coitado!

Por experiência própria, sei muito bem que aqui, na solidão do claustro, não poderás encontrar a paz tão almejada pela tua pobre alma, que deixaste presa no mundo pelos fios etéreos e inquebrantáveis de um amor sem esperanças.

Passaram-se dois meses e frei Jerônimo não reparava que Adriano ia perdendo cada vez mais aquela bela cor rosada, que outrora conservava nas faces.

Raras vezes sorria, e, quando o fazia, era um sorriso forçado, profundamente amargo, triste enfim.

Frequentemente se via acometido de acessos de tosse seca e cavernosa, que se intensificava dia a dia.

O nobre velho procurava rodeá-lo de todos os cuidados possíveis, envolvendo-o sempre na benéfica atmosfera de um amor verdadeiramente paternal.

Manipulava tônicos poderosos, próprios a fortalecer-lhe o peito e os pulmões, e ao mesmo tempo enriquecer o sangue depauperado. Tudo inútil, porém. Aquele ser, tão querido, definhava lentamente, como se fora uma flor a que faltasse a seiva.

Isso desesperava o pobre frade, que via com

espanto o declinar daquele coração ferido mortalmente por um amor sem esperanças.

Constantemente o vigiava, pois sabia que ele, para afastar da mente dolorosas recordações, entregava-se sem descanso ao estudo, passando horas e horas debruçado sobre os livros. Procurava então arredá-lo, já suplicando se entregasse ao descanso, já o forçando a tomar algum alimento.

Às vezes, alta noite, levantava-se e ia cautelosamente abrir a porta da cela do mancebo. Sentando-se à cabeceira da cama, orava e suspirava, passando por esta forma a velar-lhe o sono durante a noite inteira.

Outras vezes, achando a cela deserta, subia penosamente a escada que conduzia ao alto do Observatório, indo encontrá-lo de olhos pregados ao telescópio, atento, a contemplar a esplêndida e brilhante miragem celeste.

— Meu filho — clamava o abade —, sempre a mesma coisa! Porque estudas tanto assim? Não sabes que isso te faz mal? Vamos descansar, pois o relento da noite muito te prejudica.

Adriano tirava os olhos da lente e, vendo-se alvo de tanto afeto e ternura por parte do velho, mimoseava-o com um olhar de gratidão e reconhecimento; e, esboçando nos descorados lábios um sorriso, respondia:

— Ah! pai Jerônimo, sinto-me bem. Não me dói coisa alguma... Só um pouco de tosse, mas isto não tem importância. Vereis como dentro de poucos dias a tosse desaparece, cedendo ao novo reconstituinte que estou tomando. E, depois, eu gosto tanto de contemplar as maravilhas celestes que, com imenso prazer, passaria todo o tempo a apreciá-las. Vinde ver, vinde ver que esplêndidas,

que formosas se ostentam hoje as paisagens lunares!

A irradiação do Tico (píncaro elevado de uma montanha lunar) quase nos ofusca a vista. Como se percebem nítidas as celestes ranhuras, canais, o Mare Imbrium, o Mare Serenitátis e as formidáveis crateras dos vulcões já extintos! Ah! como é bela a lua! Que resplandecentes e maravilhosas perspectivas ela oferece às nossas vistas!

Um acesso de tosse interrompeu-lhe os arroubos...

— Estás vendo? Eu não te disse que este sereno te prejudicava? Vamos, já estudaste bastante. Agora, toca a descansar.

Adriano obedeceu, e, apoiado ao braço do ancião, desceu a íngreme escadaria do Observatório, entrando na cela e atirando-se no leito, onde foi agasalhado pelo nobre abade.

Esta cena se repetia quase que diàriamente, com pequenas variantes.

Certo dia, quando saíam do refeitório, o leigo Antão aproximou-se do abade e, apresentando-lhe um envelope onde se via um escudo encimado por uma coroa condal, disse-lhe:

— Pai Jerônimo, um dos servos do senhor conde de Navarra acaba de trazer esta carta.

O abade tomou-a e, abrindo-a, leu o seguinte:

Abade Jerônimo.

Suplico-lhe preparar a capela da Abadia para o enlace de minha filha com o nobre barão de Calatrava, cuja cerimônia deve efetuar-se amanhã, às 10 horas da noite.

Seu afeiçoado.

Rodrigo de Navarra.

O pobre velho empalideceu.

Adriano, que se achava ao seu lado, observou-o e perguntou tìmidamente:

— Será alguma notícia desagradável?

— Porque mo perguntas, Adriano?

— O senhor empalideceu...

— Toma e lê... mas, tem coragem.

Tomou o papel, passou-lhe um rápido olhar e deixou-se ficar silencioso.

— Então, que me diz a isso, Adriano?

— Já o previra, respondeu com um amargo sorriso.

— Meu Deus! E serei eu quem terei de abençoar esta malfadada união?

— Cumpra-se a vontade do Senhor, adiantou Adriano, com resignação.

— Oh! não! Jamais abençoarei uma união que representa o sacrifício de dois pobres seres, dignos de melhor sorte. Agora mesmo, vou escrever ao senhor conde, declarando-lhe que, conhecendo os pormenores desse casamento e sabendo ser contrário à vontade de sua filha, recuso-me a abençoá-lo.

— Não! meu avôzinho, não fareis tal; ao contrário, preparemos tudo para que a cerimônia possa revestir-se do máximo esplendor, pois o senhor conde tem todo o direito de ser atendido. Lembrai-vos de que ele é um dos melhores protetores da abadia...

— Mas... meu filho... eu... justamente eu, que uma vez lhe lancei a minha maldição, ver-me forçado amanhã a abençoá-lo em nome do Todo-Poderoso?! Impossível! Então, terei que retomar meu cálice de amargura e bebê-lo até a última gota. Ah!... Não! não tenho forças para tanto.

Adriano, tomando-lhe as mãos e apertando-as entre as suas, suplicou-lhe novamente:

— Meu querido avô, em nome de Deus... mais um esforço... Eu vos acompanharei, para dar-vos coragem e resistência. Lembrai-vos daquela triste e dolorosa cena que se passou no cimo do Calvário. Jesus, pendente da cruz, prestes a exalar o último suspiro, elevou olhos ao céu e exorou súplice: "Perdoai-lhes, Pai, pois não sabem o que fazem".

— Basta ! —exclamou o abade — estreitando-o nos braços. Cumpra-se a vontade do Senhor e queira Ele amparar-nos. Tu, porém, meu filho, não podes apresentar-te, pois serias logo reconhecido...

— Procurarei disfarçar-me no burel e no capuz...

— Mas... terás ânimo de contemplá-la apoiada ao braço do outro?

— Sim... pois esse outro é... meu pai.

— Deus de misericórdia! amparai-nos, deprecou o pobre velho, enxugando as lágrimas e beijando amorosamente a pálida fronte do rapaz.

No dia seguinte, logo de manhã, na capela da Abadia notava-se grande azáfama.

Os leigos procediam a uma limpeza geral, sacudindo tapetes, ornamentando altares com alfaias de ouro e colocando avultado número de círios em artísticos castiçais de prata e bronze.

À noite, o santuário apresentava deslumbrante aspecto.

Vistoso tapete da Pérsia desdobrava-se do vestíbulo até ao supedâneo do altar de flores, entre as quais cintilavam as vivas chamas dos círios.

O ambiente saturava-se do perfume de incenso misturado aos eflúvios das flores.

Dez horas no relógio da *Giralda* e os sinos da antiga abadia principiaram a repicar festivamente,

enquanto as portas da capela se abriam de par em par.

A multidão que acorrera, ávida de curiosidade para assistir à cerimônia, cuja notícia se divulgara fartamente, logo se precipitou em avalanche impetuosa.

Na ânsia de ocupar os primeiros lugares, aquela onda de curiosos se precipitou tumultuàriamente no templo que, num instante, ficou repleto.

Dez minutos depois, parou à porta elegante liteira, seguida de muitas outras, todas ostentando as armas e os brasões de seus donos.

Dela desceu o conde Navarra dando o braço à filha, que ostentava riquíssimo vestido cuja alvura se confundia com a delicada cor dos seus braços nus, do pescoço escultural e do belo rosto de linhas perfeitas e puras.

Arrastando a comprida cauda e apoiada ao braço do pai, Branca atravessou por entre a imensa multidão, qual insensível esfinge, sem que as exclamações que a sua beleza arrancava, a quantos enchiam o sagrado recinto, conseguissem alterar a impassibilidade do seu semblante.

— Que formosa criatura! diziam uns; — mas, como está pálida... parece triste, exclamavam outros.

Ela permanecia indiferente a tudo. Até parecia que seu pensamento flutuava bem longe dali.

Chegou junto do altar e, abandonando o braço de D. Rodrigo, deixou-se cair de joelhos.

Carlos de Calatrava dava o braço à velha marquesa de Guadalquivir, madrinha das bodas, seguido dos numerosos convidados, que logo ocuparam o recinto separado do resto da nave por uma grande grade de ferro.

Ajoelhou-se ao lado de Branca, sem que ela parecesse dar por isso.

Fêz-se profundo silêncio.

Sùbitamente, aos acordes de uma marcha nupcial de Mendelson, que o órgão deixava ouvir, a porta da sacristia se abriu e o abade, rodeado de toda a comunidade, apresentou-se no altar.

A cerimônia principiou. O abade abriu o livro. Detrás dele achavam-se enfileirados leigos e frades.

Chamou pelos noivos. Carlos levantou-se prontamente, vindo colocar-se à sua frente.

Branca fêz outro tanto, deixando-se ficar ao lado do barão. Seu rosto formoso nada exprimia, nada dizia. Os olhos estavam fixos nos desenhos do tapete. Parecia uma estátua de mármore.

O abade desenvolvia-se na ligeira alocução a respeito do casamento. Sua voz era monótona, arrastada... Parecia cumprir naquele ato um penoso dever.

De repente, quantos contemplavam a formosa noiva, puderam ver-lhe o peito altear-se ao impulso de profundo suspiro, enquanto uma onda de sangue lhe refluía ao rosto, animando-o. Seus olhos levantaram-se e foram fixar-se, como que atraídos por força misteriosa, num frade que permanecia detrás do abade, e cujo rosto ficava quase oculto pela sombra do capuz.

Como se os olhos dela possuíssem força magnética, o frade levantou a vista e aqueles dois seres embeberam-se num íntimo olhar.

Um raio de alegria se desprendeu da vista do frade, raio que incidiu nas pupilas de Branca, que também sorriram. E após aquela breve porém afetuosa manifestação, que de sofrimentos, que de amarguras, que de calvário angustioso de prantos e lágrimas não se refletiam naqueles olhos.

O abade perguntou, em tom de voz solene:

— D. Carlos, barão de Calatrava, aceita por esposa a dona Branca, condessa de Navarra?

— Sim! — respondeu ele prontamente.

— E dona Branca, condessa de Navarra, aceita por esposo a D. Carlos, barão de Calatrava?

Respondeu-lhe um profundo silêncio.

O abade esperou pela resposta.

A noiva permanecia alheia a quanto se passava em volta dela.

Seu olhar fundia-se no olhar do ente querido.

Todos estavam ansiosos, estupefatos.

No mesmo instante em que o abade repetia a pergunta, os olhos do frade fizeram um sinal quase imperceptível de assentimento, fechando-se logo.

Os olhos de Branca inclinaram-se novamente para o chão.

Seu rosto, perdendo aquela vivacidade momentânea, tornou-se impassível.

Dos lábios, qual triste lamento saiu-lhe o tão esperado — Sim!

O abade principiou a ler, à pressa, a epístola de São Paulo, olhando ansiosamento para o frade, que parecia oscilar nos pés.

Terminada a cerimônia, tomou-o pelo braço e desapareceu com ele pela porta da sacristia, seguido por toda a comunidade.

Carlos inclinou-se perante aquela que já vinha considerando como sua mulher, pois acabava de jurar-lhe eterna fidelidade, ante o altar de Deus, e ofereceu-lhe o braço.

Branca anuiu com indiferença, deixando-se arrastar para fora do templo, entre a compacta multidão de curiosos que se acotovelavam para vê-los passar.

Chegaram ao adro e subiram na sua liteira.

Esta se pôs em marcha, seguida de todas as outras em que iam os convidados, a caminho do castelo do barão de Calatrava.

Nem bem os frades acabavam de entrar na sacristia, quando Adriano foi acometido de violento acesso de tosse, seguida de hemoptise.

— Deus do céu — exclamou o abade erguendo os braços ao alto.

— Não se assuste, disse Adriano com tristeza. — Já passou...

Um frade deu-lhe um calmante.

Logo, acompanhado de toda a confraria e apoiado ao braço do pobre velho, entrou na cela e deixou-se cair no leito.

Como prova de imensa afeição que todos lhe votavam, frades e leigos foram-se revezando de hora em hora, para lhe velarem o sono durante a noite.

Trágico desfecho

O castelo do barão de Calatrava oferecia deslumbrante aspecto em meio às trevas da noite.

Das janelas do grande salão, abertas de par em par, jorravam ondas de luz confundidas com os harpejos e prelúdios dos músicos, que afinavam os instrumentos para, logo que os noivos chegassem, principiar as contradanças que, conforme os costumes, deveriam prolongar-se até ao amanhecer.

Chegaram as liteiras. Carlos desceu oferecendo o braço à noiva. Esta, apoiou-se nele levemente, e subiram a escadaria.

Quando chegaram ao vestíbulo, foram recebidos pelos criados, que os acolheram com uma verdadeira chuva de perfumosas pétalas de flores.

Dirigiram-se ao interior e entraram na antecâmara destinada à nova baronesa. Ela soltou-se do braço do barão e deixou-se cair sentada num sofá, dizendo:

— Peço-lhe que me deixe só, pois sinto-me muito fatigada.

Ele empalideceu, porém, refazendo-se logo, respondeu com benevolência:

— Sim, minha bela, mas lembra-te de que devo apresentar-te a todos os convidados. Por conseguinte, após meia hora de descanso, estarei de volta para acompanhar-te ao salão.

Branca nem se dignou responder.

Uma vez só, levantou-se e, percorrendo com a vista e de relance o local, aproximou-se de uma mesinha primorosamente trabalhada, sobre a qual podiam ver-se algumas folhas de papel em branco e um tinteiro de prata com as respectivas canetas.

Tomou de uma, e, molhando a pena, escreveu, precipitadamente, algumas palavras numa daquelas folhas. Dobrou-a, depois, introduzindo-a entre o corpete e o seio.

Apenas acabara de completar esta rápida operação, ouviu baterem suavemente à porta. Julgando fôsse o barão que estivesse de volta, distanciou-se da mesinha, dizendo:

— Pode entrar!

O reposteiro afastou-se e entraram duas camaristas, trazendo cada qual a sua bandeja de prata e depositando-as no sofá.

Em uma se ostentava riquíssimo vestido de baile, de cetim branco recamado de finíssimas pérolas do Oriente. Noutra, no meio de uma profusão de valiosíssimas jóias, destacava-se preciosa coroa de baronesa, cravejada de esmeraldas e brilhantes.

As servas inclinaram-se respeitosamente, enquanto uma delas declarava:

— Senhora baronesa, eis aí o presente de vosso marido, o nobre Barão, que lhe suplica para acompanhar-vos ao salão.

Branca, lançando um olhar de sumo desprezo àquelas riquezas, respondeu:

— Podem retirar tudo daí! Nada disso me serve! Nem trocarei meu vestido, pois este será o que deve acompanhar-me ao próprio sepulcro.

Ouvindo tais palavras, as raparigas se entreolharam surpresas.

Uma delas atreveu-se a dizer:

— Oh! minha senhora, talvez não me tivesse explicado bem...

— Sim, respondeu Branca, com indiferença; levem tudo e podem retirar-se; sinto-me cansada e desejo repousar.

Tomaram novamente as bandejas e, com profunda reverência, logo se retiraram.

Branca sentou-se no sofá e, introduzindo a mão no corpete, dali retirou alguma coisa que escondeu ràpidamente no punho bem fechado. Apoiando o outro braço no encosto do sofá e a cabeça na palma da mão, absorveu-se em tristes reflexões.

— Meu Deus, perdoai-me! Virgem puríssima, auxiliai-me — murmurou em voz muito baixa.

Fecharam-se-lhe os olhos, enquanto os lábios se moviam como que em prece fervorosa.

Súbito o reposteiro se abriu e apareceu Carlos, que se deteve a fitá-la com o rosto um tanto conturbado.

Ela não podia vê-lo, por estar de costas voltadas.

O barão permaneceu contemplando-a por algum tempo.

— Estará pensando no outro? — disse consigo.

Diante daquela cândida figura, meio envolta no vaporoso e finíssimo véu, sentiu atear-se-lhe no peito a chama da paixão.

Avançando, em ponta de pés, aproximou-se e, inclinando-se, depositou apaixonado beijo no seu alvíssimo pescoço.

Branca, como que impelida por oculta mola, levantou-se rápida, encarou-o, dizendo com insultante desprezo:

— Jamais imaginaria que o nobre barão de Calatrava se dignasse, apesar do seu orgulho e altivez, portar-se como ínfimo plebeu.

— Branca! — exclamou, empalidecido; é porventura esta a maneira delicada com que pretendes tratar teu marido?

— Marido? Sim, marido perante os homens, jamais perante Deus!

— Como?! Tão depressa esqueceste o juramento que acabaste de fazer?

— Senhor, há muito tempo eu vos disse que entregava ùnicamente minha mão e nunca o meu coração, que já pertence a outro...

— Branca, repetiu novamente, com o rosto incendiado pela ira e pelo ciúme; estás casada comigo e não tens o direito de pensar naquele infame. E ai de ti se não o esqueces!

— Ameaçais? retorquiu, com indiferença e desdém: pois bem, quero demonstrar-vos como Branca de Navarra não vos teme.

E dirigindo-se para a porta, desapareceu no corredor.

Desesperado, dispôs-se a segui-la e, com gesto nervoso e rápido, levantou o reposteiro, porém ali lhe apareceu Hilário que, com rosto compungido e voz hesitante, disse-lhe:

— Senhor barão, desde que acabais de alcan-

çar todos os vossos desejos... venho... relembrar-vos o vosso compromisso.

Deixa-me passar. Agora não posso perder tempo. Vem amanhã.

— Amanhã, vou-me embora, senhor... E' preciso que liquidemos nossas contas hoje mesmo, retorquiu o criado, sem mover-se e barrando-lhe a passagem.

— Sempre hás-de ser importuno, gritou-lhe, exasperado. Espera, então!

E retirou-se por uma porta secreta, que dava acesso ao gabinete.

Em seguida voltou, vindo atirar nas mãos do sicofanta uma bolsa através de cujas malhas o ouro reluzia.

— Toma, disse, eis aí o resto, conforme foi combinado.

Naquele momento, ouviram-se gritos de espanto, exclamações e lamentos, que partiam do grande salão.

Carlos desapareceu naquela direção.

Nesse ínterim, Hilário exclamava, satisfeito:

— Ah!... Agora, sim, serei feliz, levarei vida independente naquela linda casinha que acabo de adquirir. Convém que me retire quanto antes, pois a comédia vem apresentando sintomas de tragédia.

Quando Carlos chegou ao grande salão, deteve-se à porta, pálido de espanto diante da trágica cena que se desenrolava a seus olhos.

Quando Branca o deixara, encaminhou-se ao salão. Num relancear de olhos, viu o pai no meio de um grupo de fidalgos que o felicitavam. Todos voltaram-se estupefatos, ao contemplá-la sòzinha, quando era de rigor que fôsse apresentada pelo esposo.

Branca, altiva e formosa, ostentando uma calma verdadeiramente pasmosa, dirigiu-se ao encontro de D. Rodrigo.

— Meu pai, disse-lhe com glacial frieza e sem o abraçar: possuído de um orgulho insensato, acabais de sacrificar-me. Não vos acuso, porque... vos amo. Perdoo-vos, — quero, porém, saibais que a flor de Navarra jamais venderá os seus encantos por um título nobiliárquico!

Em seguida, levou a mão à boca. O vidrinho faiscou e ela o sorveu de um trago. Um grito de dor e ei-la tombada a contorcer-se em espasmos e convulsões.

Alguns braços levantaram-na, ràpidamente, e depositaram-na num sofá, entre gritos e desmaios de muitas senhoras.

D. Rodrigo logo se apressou em apanhar o frasco e, ao examiná-lo, deu um grito terrível. Era cicuta! E, por sua vez, tombou fulminado para não mais se erguer.

Carlos aproximou-se, aterrado, do grupo que rodeava Branca, a qual, sem um queixume, sem um lamento, acabou por exalar o último suspiro.

Horas depois, o salão estava transformado em câmara-ardente, a cujo centro, em grande catafalco, podiam ver-se os cadáveres de Branca e de seu pai, rodeados de círios e flores em profusão.

Os convidados que, apressadamente, foram trocar os trajes de baile por outros de funeral, velavam cochichando entre si e fazendo comentários de tão lamentável quão imprevisto desfecho.

Carlos retirara-se ao seu gabinete. Sentia-se como que esmagado ao peso daquela nova e tremenda desgraça.

Sentado à escrivaninha e com o rosto oculto nas mãos, meditava e dizia monologando:

— Oh! quantas vítimas da minha insânia! Pri-

meiro, Helena, que se suicida em consequência do meu repúdio; depois, Armando, vitimado pelo desgosto que, certo, lhe causou o esbulho e, igualmente, Marta. Agora Branca, o Conde...

Branca! — Ah! quanto a amo, mesmo morta! Pressinto que seu amor teria podido regenerar-me, tornar-me um homem novo, suscetível de virtudes. Ela não o quis; matou-se para não me pertencer, mergulhando-me num abismo de torturas e... porque não dizê-lo — de remorsos, pois agora, que acabo de presenciar o triste sacrifício dessa criatura, sinto o coração oprimir-me e tremo à ideia de ter de sobrecarregar a consciência com este novo delito, pois reconheço ter sido meu egoísmo que acabou por destruir o paraíso desse anjo.

E, como pretendendo desculpar-se, ajuntou:

— Jamais, porém, pudera imaginar fôsse ela tão enérgica! E depois... amava-a tanto!... Sim, foi a única criatura que teve o poder de acender em meu peito a chama avassaladora de um amor verdadeiro. Sinto que, ainda depois de morta, sua lembrança há-de acompanhar-me como a própria sombra.

Com lágrimas nos olhos continuou:

— Se eu acreditasse na sobrevivência da alma, matar-me-ia para, embora caminhando sobre espinhos, poder aproximar-me dela.

No dia seguinte, ao darem onze horas no relógio da *Giralda,* ainda permanecia no escritório, mergulhado em amaríssimas reflexões.

Verdadeiramente, os remorsos principiavam a tratar aquele coração dantes tão endurecido e agora sensibilizado ao choque fulminante daquele amor que abrira nele um vulcão, cuja cratera ia expelir as lavas de impureza que durante tanto tempo albergara em seu bojo.

— Senhor! — disse um dos criados, aparecendo à porta do gabinete.

— Já te disse que não queria ser incomodado...

— Desculpai-me, senhor, mas é que da Abadia acaba de chegar um mensageiro trazendo esta carta.

— Ah! exclamou, tomando a carta e abrindo-a. E leu:

"Ilmo. sr. Barão de Calatrava. Inteirado do choque terrível que o destino acaba de desfechar sobre vós, apresento-lhe minhas condolências e peço-lhe, ao mesmo tempo, trazer-nos os restos dos desditosos condes, para que possam ser sepultados conforme merecem, na cripta do mausoléu tradicionalmente destinado aos benfeitores desta Abadia. Vosso dedicado,

Frei Jerônimo

Tomou uma folha de papel, escrevendo ràpidmaente:

"Rev. Abade Jerônimo: agradecendo as condolências e atendendo ao vosso nobre desejo, tenho a honra de comunicar-lhe que os cadáveres de minha esposa e do senhor Conde vos serão entregues hoje mesmo.

Carlos de Calatrava."

Fechando a carta, entregou-a ao criado, ordenando:

— Toma, vai levar a resposta ao senhor Abade.

Em seguida, entrou no salão, declarando a quantos ali se achavam presentes que, às quatro

horas da tarde, os corpos seriam transportados à Abadia, para serem inumados na cripta da mesma.

À hora marcada, os despojos de Branca e Dom Rodrigo, seguidos de numeroso cortejo, saíram do castelo, dirigindo-se ao convento de São Domingos.

Carlos retirou-se novamente ao seu escritório e, apoiando os braços à mesa, ocultou o rosto nas mãos.

Dentro em pouco, o silêncio ambiente era quebrado por soluços, enquanto por entre os dedos lhe escorriam algumas lágrimas.

Realmente, aquela alma principiava a ser tocada pelo arrependimento.

Naquela mesma hora, Hilário, com uma grande valise debaixo do braço, encaminhava-se à sua casinha, cuja posse o enchia de orgulho e satisfação.

Quis a divina providência que a tal casinha fôsse a mesma em que Adriano nasceu, e que, após tantos anos de abandono e já meio arruinada, seu proprietário mandou reconstruir, vendendo-a logo. Hilário viu-a e, seduzido por seu risonho aspecto, comprou-a.

Num das voltas do caminho, viu ao longe o préstito fúnebre que se dirigia ao convento, e, sem saber porque, sentiu-se envolvido numa nuvem sombria.

Ao mesmo tempo, ouviu uma voz interior dizer-lhe:

— És o único culpado dessa lamentável ocorrência.

— Oh! não, exclamou, procurando exculpar-se. O culpado foi o senhor Barão, por haver contraído um matrimônio contra a vontade da noiva.

— Não, repetiu a voz. Foste tu, sòmente tu, por haveres roubado o documento fatal! Usaste dele na ânsia de enriqueceres, sabendo que não

podias fazê-lo, pois beneficiavas o pai, sacrificando o filho. Bem sabias que Adriano é filho de Carlos.

— Mas... retorquiu o criado: — o barão andava apaixonado pela menina.

— Certo, mas, sem a tua infame delação, jamais teria podido apresentar-se ao conde. A causa de tudo foi o teu egoísmo. Treme, insensato! Não poderás gozar essas riquezas, adquiridas de maneira tão vil.

Neste momento a voz soava tão terrível que Hilário, atemorizado, olhou desconfiadamente em volta de si, e como já se achava bem perto da casa, entrou precípite, fechando logo a porta e soltando um suspiro de alívio. Depois, monologava ainda:

— Serão remorsos? Mas... que tolice. Teria graça... No fim de contas, ninguém jamais virá a saber de nada. Não é possível que, neste retiro, venha alguém pedir-me contas das minhas ações.

Infeliz, como se enganava!

A casa era rodeada de uma horta bem cultivada, da qual esperava tirar bons lucros. Durante o dia todo, esteve ocupadíssimo nos arranjos caseiros.

Ao escurecer, acendeu uma vela e entrou na varanda. Pôs o castiçal em cima da mesa e fêz sua refeição com verdadeiro apetite, pois sentia-se feliz naquela nova vida. Senhor independente, com o porvir garantido! Finalmente, conseguia ver satisfeitos os seus sonhos e aspirações!

Terminado o repasto, acomodou-se na cadeira e, abrindo um romance em voga, principiou a ler.

Quando deram nove horas, fechou o livro e já se dispunha a retirar para deitar-se, quando, sùbitamente, lhe acudiu uma ideia que o fêz sorrir.

Sentou-se novamente, e, abrindo a gaveta da mesa, tirou uma caixa de madeira, cobriu-a com as

mãos trêmulas e começou a remexer as moedas, ao mesmo passo que exclamava:

— Oh! E' um modesto capitalzinho que, junto aos rendimentos da horta, dará o bastante para...

Deteve-se num gesto brusco e, guardando a caixinha na gaveta, voltou-se a olhar espantado para trás de si... Parecia-lhe ter ouvido, mesmo por trás das costas, uma risada sarcástica!

Nada viu. Levantando-se e pegando o castiçal, exclamou:

— É melhor deitar-me, pois meus nervos estão excitados e com um pouco de sono talvez...

Ainda uma vez se deteve, deixando-se cair na cadeira, com os cabelos eriçados pelo terror e largando o castiçal, que rolou pelo chão.

A vela apagou-se, deixando o aposento imerso em profunda escuridão.

Ouviam-se distintamente os passos de alguém, invisível, que percorria a varanda, acompanhados do roçagar de um vestido de seda, cuja cauda se arrastasse pelo soalho.

O homem, atônito, olhos desmesuradamente abertos, fitava as trevas, mas não distinguia coisa alguma.

Gélido suor lhe manava da fronte pálida. Tremia-lhe o corpo convulsivamente. E murmurava:

— Que significa tudo isto? Estará, porventura assombrada esta casa?

E foi tal o desejo de ver qualquer coisa que lhe justificasse os receios, que acabou vendo a um canto da sala, onde a treva era mais densa, aparecer-lhe claríssimo nevoeiro, que foi progressivamente tomando a forma de uma encantadora donzela, toda envolta por um véu longo e flutuante, e ao mesmo tempo tão transparente, que deixava entrever um rosto formoso, embora austero.

— Meu Deus! — exclamou Hilário, deixando-se cair de joelhos diante da vaporosa aparição.

Qual leve aragem, chegou-lhe aos ouvidos uma voz suavíssima:

— Como? Temes agora a Deus? Porque não o temias antes de praticar a falta?

— Perdão...

— E' tarde! Agora, só te resta sofrer as consequências do mal que praticaste.

— Então, não haverá perdão para mim? — suplicou, com lágrimas nos olhos.

— Sim, pois Deus perdoa sempre aos seus filhos. Tão grande é a sua misericórdia, tão grande sua bondade! mas não basta! Deves demonstrar-lhe o teu arrependimento, procurando remediar todo o mal que ocasionaste.

— Dizei-me: que devo fazer?

— Não penses em gozar de uma fortuna tão mal adquirida. Esse é um dinheiro maldito, pois é o preço de infame traição. Restitui-o e procura, no trabalho honesto, os meios de viver com a consciência tranquila!

— Sim! fá-lo-ei, pois começo a sentir no coração o acerado espículo dos remorsos. Mas... dizei-me: — sois um anjo?

— Não. Sou apenas uma alma que há tempos viveu na Terra e que não pôde elevar-se por se achar ligada a seres que daí ainda a atraem. Não te esqueças dos meus conselhos! Adeus!

Hilário levantou-se e, acendendo a vela, sentou-se na cadeira, fincando os cotovelos na mesa.

Sentia-se aniquilado!

Os passos cessaram, porém ele continuava tremendo de medo. Se nada ouvia, continuava, no entanto, divisando nebulosas flutuantes, por toda a casa.

— Sim — disse, monologando —, devolverei o dinheiro, venderei a casinha e logo me empregarei, embora para mim seja isto assaz penoso, depois de alimentar tanto tempo a ideia de liberdade.

Mais um instante de reflexões, ajuntou:

— Não! — A casinha não a vendo. Trabalharei na horta e viverei do produto do meu trabalho. Embora viva um tanto apertado, quero ser independente. Vou já restituir o dinheiro. Talvez, assim, possa ver-me livre destas macabras visões.

— Imbecil — respondeu-lhe uma voz misteriosa —, e pensas, assim, escapar à punição que te espera? E a morte daquele anjo? E a morte da pobre Marta? E o desespero em que mergulhaste o infeliz Adriano?

— Basta! — gritou Hilário, arrancando desesperadamente os cabelos. Saberei fazer-me justiça para tudo!

E como que acometido de um acesso de loucura, abriu a gaveta da mesa e, tirando uma bolsa de seda, principiou a enchê-la de moedas de ouro. Foi enchendo, sem contar, até deixar a caixinha completamente vazia.

Logo, com a bolsa na mão e sem reparar no intempestivo da hora, deitou a correr em direção à cidade, qual alma que fugisse à perseguição de mil duendes.

Último adeus!

Onze horas da noite. Carlos continuava no escritório, sempre mergulhado em profunda meditação.

No palácio reinava um silêncio sepulcral. Súbito, o reposteiro entreabriu-se e apareceu Hilário de bolsa na mão. Seu rosto cadavérico tinha uma

expressão sinistra. Os olhos coruscavam, a rolar desordenadamente dentro das órbitas. Era um perfeito possesso. Todos os músculos do corpo agitavam-se em violentas contrações.

— Senhor! — disse com voz estrangulada.

O barão voltou-se, a encará-lo com olhos humedecidos.

— Ah! És tu ainda? Então, que me queres? Porventura não te foi tudo pago?

O outro respondeu, mostrando-lhe a bolsa.

— Sim. Tudo... Aproximando-se, continuou: Venho justamente devolver este dinheiro tinto de sangue, pois não o quero mais. Por sua culpa os remorsos apoderaram-se de mim... Minha vida transformou-se em verdadeiro inferno. Aí tem, pois, o seu dinheiro.

Fazia menção de largar a bolsa em cima da escrivaninha, mas foi obstado por Carlos, que se levantou segurando-o pelo braço e gritando-lhe enfurecido:

— Que estás dizendo? Eu, culpado? Eu? O culpado és tu, pois sempre foste um ambicioso! Roubaste o documento para tirares bom proveito e impeliste-me a comprá-lo na ânsia de enriqueceres... Tu sempre foste o meu demônio tentador!

— Ah! exclamou Hilário, fora de si e com olhos abrasados de cólera: também o senhor me acusa?

— Sim, maldito! Afasta-te da minha presença, leva esse dinheiro, que é bem teu!... Tu o ganhaste vendendo, qual novo Judas, o teu antigo senhor.

— Não, não quero; é um dinheiro maldito!

— Tão maldito como tu mesmo, que não és mais que um indigno traidor.

— Pois aí o tem, gritou Hilário desvencilhando-se e atirando com a bolsa no meio do aposento.

O barão revidou, no auge da cólera:

— Leva-o. Deu um violento ponta-pé na bolsa, que rebentou espalhando as moedas no tapete.

Depois, deixou-se cair desalentado na cadeira e prosseguiu:

— Infame! Queres eximir-te de toda a responsabilidade, quando todo o mal que pratiquei deve ser forçosamente atribuído a ti, que sempre me instigaste a toda a sorte de desvarios, impelido pelo teu egoísmo e pelo indigno desejo de auferir pingues gorgetas.

Hilário, junto da porta, agarrando-se fortemente ao reposteiro, disse com uma calma terrível, ao mesmo tempo que nos olhos fulgurava um raio de insultante sarcasmo:

— Então, sempre sou eu o único culpado de quanto acaba de passar-se?!

— Retira-te já da minha frente, nem quero mais ver-te, pois não passas de um malvado salafrário.

— Sim. Retiro-me. Nem almejo outra coisa, mas, não o farei sem primeiro dizer-lhe que o senhor ainda me ultrapassa em malvadez, visto que eu, com o meu egoísmo, prejudiquei e feri a outros seres, completamente estranhos, ao passo que o senhor sacrificou a carne da sua carne!...

— Como?!

— Sim, porque Adriano é filho de Helena Mendoza, ou seja, seu próprio filho!

— Que estás dizendo? — exclamou Carlos no auge da estupefação. E tu sabias e nada me disseste?

— Sim... sabia... Pode ver, agora, como a sua malvadez foi bem mais longe que a minha, pois não sòmente lhe tirou um título e riquezas, que no fim das contas lhe pertenciam, como também lhe arrebatou o amor dos seus amores.

E finalizou com uma estrepitosa gargalhada.

— Ah! maldito, vais pagar-me, agora mesmo, disse Carlos num grito terrível.

Levantou-se, precipitadamente, atirando-se qual tigre, sobre o criado. Este, porém, escapou-se lesto das suas mãos, e, soltando estridente risada, desapareceu na penumbra do corredor.

O barão, vendo que ele lhe fugia, deteve-se e encostou-se ao batente da porta, para não cair, tão grande fora o choque que a revelação lhe causara.

— Adriano, meu filho! — disse com voz quase ininteligível. Será possível fôsse eu tão insensível, a ponto de não pressenti-lo? Adriano, meu próprio filho?! repetiu. Se eu o soubera! Ah! como sou culpado! Eu te engrandeço, ó Marta, aos meus próprios olhos, pois, enquanto eu te aborrecia e te tornava objetivo de todos os meus ódios e rancores, tu, celeste criatura, tiravas meu filho da Casa dos Expostos, restituindo-lhe o lugar que lhe pertencia... Sacrificaste por ele o teu viver, envolvendo-o no mais puro e santo dos amores! Bendita sejas para sempre, ó anjo de raras virtudes!

Tomando uma vela, dirigiu-se ao cômodo que Adriano ocupara e que ele, sem poder compreender a razão, fechara à chave, no dia em que tomou posse do palácio.

Abriu a porta. Tudo estava nos seus lugares, conforme Adriano deixara. Deteve-se como se não tivesse forças para entrar. Finalmente, entrou e dirigiu-se a um canto, onde, em artística moldura de ouro, se destacava a efígie do mancebo. Tirou-a da parede e apertou-a de encontro ao coração.

Logo, olhando receoso em torno de si, como se fora um criminoso que temesse ser apanhado em

flagrante, saiu do quarto e, entrando novamente no escritório, sentou-se colocando o retrato à sua frente, a contemplá-lo atento e repetindo à surdina:

— Pois é verdade... Como não reparara, antes... Este rosto, com estes olhos, trazem-me agora a lembrança da pobre Helena. Se Branca vivesse, eu te procuraria, filho querido, para depositá-la em teus braços. Mas, ai de mim, que já não há mais remédio. Ela matou-se e tu talvez tenhas feito outro tanto, meu Adriano. E que outro recurso me resta, senão morrer também?! Assim, acabaria de uma vez com estes remorsos, que vêm amargurando minha existência, tão cheia de infâmias e iniquidades. Sinto horror de mim mesmo... Tenho receio de enfrentar meu negro porvir. E' preferível precipitar-me nesse sombrio e medonho abismo, onde eu talvez possa tudo esquecer...

Sem afastar a vista do retrato de Adriano, abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou dali uma pistola, que aproximou do ouvido, dizendo com enlevo:

— Adriano! tu, meu filho! Ah!... e pensar que naquela noite tormentosa eu ia acabar com a tua existência, se não mo tivesse impedido aquela mão sepulcral, sem dúvida a mão de Helena! Miserável que sou. Perdoa, filho querido. Perdoai-me também vós, meu Deus! Amo-te, Adriano, amo-te...

Inclinou-se para o retrato e, no mesmo instante em que os lábios nele pousavam, ouviu-se o eco de um beijo confundido com o estampido da arma.

Naquela mesma hora, a capela do convento achava-se solitária. Os frades, que durante a tarde toda velaram os cadáveres, a uma ordem do abade entoavam o "De profundis", retirando-se logo.

Luzes apagadas, acesos ùnicamente seis círios em volta dos féretros, que ficaram bem iluminados.

Sùbitamente, a porta da sacristia foi aberta, aparecendo o abade, em cujo braço se apoiava um frade, que mal podia caminhar.

Aproximaram-se dos esquifes. A luz dos círios iluminou o semblante do frade. Era Adriano.

O abade disse-lhe ao ouvido: — Coragem, meu filho.

Tal dizendo, abriu o esquife da adorável Branca.

Que formosa estava!... Era um anjo adormecido. A cor marmórea da epiderme confundia-se com as alvuras do seu vestido de noiva.

O sorriso triste, mas de uma tristeza suave, animava-lhe o imóvel semblante.

Adriano, ao vê-lo, envelou-se na sua contemplação.

O abade, para deixá-lo mais livre, ajoelhou-se aos pés do caixão do conde, murmurando uma prece.

Adriano permanecia imóvel.

De repente, penoso suspiro escapou-se-lhe dos lábios, enquanto pelos olhos desciam lágrimas peroladas. Deixou-se cair de joelhos, orando fervorosamente.

Depois, inclinou-se e depositou respeitoso beijo nos pés da morta.

O nobre velho, sem deixar de rezar, dirigia-lhe furtivos e angustiosos olhares.

Adriano levantou-se depois e deixou-se ficar de pé a contemplar o ser que tão caro lhe fora na vida, quanto na morte.

Depois, aproximou-se, esticou o pescoço para ver melhor. Sem dúvida, algo lhe atraíra a atenção. Entre o seio e o corpete, a ponta de um papelinho dobrado. Adiantou a mão para retirá-lo... mas deteve-se... Parecia-lhe uma profanação!

Pela segunda vez estendeu o braço e recuou novamente. O abade, percebendo que alguma coisa de anormal se passava, acercou-se, perguntando, carinhoso:

— Que é filho? Queres, talvez, alguma coisa para conservar como lembrança?

— Sim, respondeu Adriano; e apontando com o dedo continuou: — aquele papelinho que ali está no corpete! Não me atrevo, porém.

— Nada de mal vai nisso, disse o velho inclinando-se respeitosamente, e com a ponta dos dedos, mesmo sem tocar o vestido, retirou-o e entregou ao mancebo. Este tomou-o, desdobrando-o.

Ao inteirar-se do conteúdo, soltou pequeno grito e oscilou nos pés.

O abade sustentou-o nos braços, exclamando assustado:

— Que é isso, Adriano?

Por única resposta, passou-lhe o papel, cobrindo o rosto com as mãos. Soluçava.

Frei Jerônimo, sem deixar de o cingor estreitamente, aproximou o papel dos olhos e leu:

"Adorado Adriano, conforme te jurei um dia — preferi morrer a oferecer-te uma flor sem perfume. Adeus! Branca".

O velho emudeceu ante a pureza daquele amor.

Contemplando o formoso rosto da morta, dizia mentalmente:

— Pobre anjo! Abandonaste a vida humana para não quebrar o juramento que aos pés da Virgem fizeste ao escolhido do teu coração! Bem se reflete nesse belíssimo semblante a pureza da tua alma. Que Deus te perdoe e não leve em conta o ato repreensível de cortares o fio da existência.

Ao chegar a este ponto, foi sùbitamente interrompido por um acesso de tosse de Adriano, seguido de um vômito de sangue.

Algumas gotas do licor da vida foram cair no alvíssimo vestido da defunta, ali se destacando fortemente como se fôssem rubis de fogo.

— Ah! disse o rapaz com voz debilíssima — meu sangue acompanha o teu corpo... Em breve, minha alma seguirá a tua.

— Cala-te, filho, exclamou o bom do frade, com lágrimas nos olhos, ao ouvir aquelas palavras. — Eu bem sabia que isso havia de fazer-te mal, mas tanto mo pediste que não pude deixar de conceder-te este último adeus!

— Não te digo adeus, não! — continuou o jovem, dirigindo-se à pobre morta — pois meu pensamento e minha alma inteira te seguirão na eternidade.

O abade fechou o esquife, e logo, tomando-lhe do braço, disse:

— Vamos, vamos para a cela. Resigna-te, pois bem sabes que há uma outra vida isenta de dores e amarguras, na qual um dia nos encontraremos, para, livres de sofrimentos humanos, consolidar os laços do amor que, já da Terra, aproxima nossas almas. Vamos; não te deixes vencer pelo desânimo.

Armando, após ligeira resistência, inclinou a cabeça sobre o peito, e, apoiando-se ao braço do velho frade, dirigiu-se lentamente à sacristia, cuja porta foi fechada.

No dia seguinte, às sete horas, a portinha de serviço, situada na parte posterior do convento, abriu-se, aparecendo o leigo frei Antônio com a cesta debaixo do braço. Já tinha ido ao mercado, prover-se do que não havia no convento. Já de

volta, com a cesta bem fornida, não precisava transitar pela grande Praça, na qual se erguia o palácio do barão; entretanto, impelido por estranha fôrça, para lá se encaminhou. Viu de longe avultado grupo de pessoas que estacionavam em frente da cancela de ferro do solar.

Todos gesticulavam, falando animadamente e dando mostras de intenso pânico.

As mulheres persignavam-se repetidamente.

O leigo, vendo aquilo, exclamou altamente surpreendido:

— Que terá acontecido? Vou sabê-lo. Estugando o passo, num instante chegou junto do grupo. Aproximou-se de duas mulheres do povo e perguntou-lhes:

— Que foi que aconteceu?

— Ah! frei Antônio, respondeu uma delas, pois o senhor não o está vendo lá no fundo do jardim?

O bom do leigo olhou na direção que a mulher lhe indicava e viu que, por entre as frondosas ramagens de uma árvore pendia um corpo humano.

Logo fêz o sinal da cruz, exclamando horrorizado:

— Jesus, um homem enforcado! Quem é?

— Pois o senhor não o conhece? E' Hilário, um dos criados do senhor barão.

— E porque seria que se enforcou?

— Sei lá, respondeu a mulher. se fôsse só isso!... Mas...

— Como?! Aconteceu, porventura, mais alguma coisa?

— Ah! frei Antônio, disse a mulher, que até então permanecera calada; certo, sobre esta gente pesa alguma maldição. Anteontem era o suicídio daquele anjo de bondade, a formosa Branca de Navarra, seguido imediatamente da morte repentina

de seu pai, o senhor conde... Hoje, de madrugada, os criados foram acordados por um disparo de arma de fogo. Correram sobressaltados ao quarto do senhor barão, indo encontrá-lo sentado em frente da sua escrivaninha com o crânio atravessado por uma bala. O pobre senhor suicidara-se, pois ainda conservava a arma na mão. Os criados correram pelo jardim para darem aviso às autoridades, mas aí recuaram aterrorizados ante o sinistro espetáculo do criado pendente daquela árvore.

— Deus do céu! quanta calamidade, exclamou o frade, juntando as mãos, estupefato.

Naquele momento, observou que muitas pessoas entravam no solar, certamente com a ideia de ver D. Carlos.

Teve desejos de vê-lo e, deixando a cesta no chão, disse:

— Minhas senhoras, se tivessem a bondade de tomar conta da minha cesta, por um instante só, eu iria rezar algumas preces em favor daquela pobre alma, que em vida se chamou D. Carlos.

— Pois não! responderam as duas senhoras ao mesmo tempo. Pode ir descansado a cumprir esse ato de caridade, que nós tomaremos conta da cesta até que volte.

Frei Antônio subiu a escadaria e, seguindo a onda de curiosos, dificilmente chegou ao gabinete: Aí, porém, se viu forçado a parar ao pé da porta, impedido pela multidão que invadira o quarto, enchendo-o literalmente.

Instantes depois chegavam as autoridades; e o leigo, confundindo-se com os funcionários, conseguiu entrar e aproximar-se do morto. Imediatamente, seus lábios principiaram a mover-se em piedosa prece.

D. Carlos conservava-se na mesma posição em que a morte o colhera.

O juiz ordenou que levantassem a cabeça do suicida, cujo rosto não se via, por achar-se colado à escrivaninha.

Quando dois funcionários, um de cada lado, levantaram a cabeça, o leigo afogou no peito uma exclamação de estupor, vendo aparecer, justo em baixo do rosto de D. Carlos, um retrato.

— Meu Deus! exclamou, consigo mesmo... E' frei Adriano! Que mistério se oculta aí?

Já não quis saber mais nada. Com muito esforço abriu passagem por entre a apinhada multidão de curiosos, igualmente estupefatos à vista do retrato.

Desceu e aproximou-se das duas mulheres.

— Obrigado! disse; e, tomando a cesta, dirigiu-se apressado ao convento, ansioso por comunicar a fatal ocorrência ao abade.

Entrou pela portinha e, deixando a cesta na cozinha, correu a bater na porta da cela de pai Jerônimo.

— Pode entrar, disse este.

Entrou, encostando a porta e aproximando-se do abade, que estava sentado.

— Meu Deus, pai Jerônimo, sinto-me tão horrorizado pelos fatos que acabo de presenciar, que não sei como principiar a contar-lhos.

— Vamos, senta nessa cadeira e dize-me com calma o que aconteceu.

— E' horrível, senhor abade, é também preciso que o saiba! Quando voltava do mercado, não sei como me acudiu a ideia de passar pela Praça da Giralda, onde nunca costumo ir. O certo é que hoje passei por ali. Já de longe, vi multidão imensa,

que estacionava em frente do solar do barão de Calatrava.

Todos davam mostras de intenso pânico. Senti desejos de saber o que havia sucedido e, sem meditar... fui até lá. Virgem Santa! que horror! Em primeiro lugar, ao fundo do jardim, vi Hilário, o criado de confiança do barão, pendente de uma árvore... Enforcara-se!

— Como?! — exclamou o abade, sobressaltado.

— Sim, é o que lhe digo, lá estava pendente do galho de uma árvore. Depois...

— Depois o quê?

— Vendo que muitas pessoas entravam no interior do palácio, para instantes depois saírem consternadas, quis ver com os próprios olhos o que se passava. Entrei e vi D. Carlos, sentado mesmo em frente à sua escrivaninha, caído sobre seu rosto e conservando na mão direita a pistola com que se matara.

E o mais assombroso é, continuou frei Antônio, que, quando lhe levantaram a cabeça, apareceu, mesmo em baixo do seu rosto, um retrato sobre o qual seus lábios se apoiavam, como que num último beijo de despedida.

— De quem era esse retrato?

— Adivinhe, pai Jerônimo.

— Que hei-de adivinhar? Dize logo, disse o velho já empalidecendo.

— Pois era... de frei Adriano!

— Jesus!!

Naquele momento, ouviu-se fora, no corredor e junto a porta, um gemido doloroso, acompanhado do baque de um corpo.

Ambos se precipitaram e, ao abrirem a porta,

depararam com Adriano estendido, inanimado no assoalho.

Levantaram-no prestemente e, transportando-o à sua cela, o deitaram no leito.

Enquanto frei Antônio abria a janela para que entrasse o ar da manhã, frei Jerônimo saiu correndo quanto lhe permitiam as fracas forças, para logo regressar e fazer o mancebo aspirar a essência do éter de um vidrinho que trazia consigo.

Adriano abriu os olhos e, soltando um suspiro, contemplou admirado o abade que, inclinando-se para ele, perguntou solícito.

— Como te sentes, filho?

— Bem, respondeu, mas, que foi que aconteceu?... Ah! sim... agora me lembro... Ele matou-se; morreu beijando o meu retrato. De certo já me amava. E não poder eu estar ali para confortá-lo e animá-lo, para afastar da sua mente o tenebroso pensamento e animá-lo a prosseguir na vida...

— Sossega, meu filho, Deus assim o quis.

— Morreu sòzinho! Abandonado! Sem ninguém que o confortasse.

— Ah! filho querido! Quem semeia espinhos, jamais colherá flores. Morreu sòzinho, é verdade, porém não poderia ser de outra maneira. Lembra-te de que, durante a vida toda, ela não fêz outra coisa senão criar o vácuo em redor de si, isolar-se de todo sentimento digno e sincero. Jamais seu coração vibrou ao impulso de um amor verdadeiro. Sim! de algum daqueles sentimentos santos e profundos que elevam a alma acima das coisas terrenas. Além da matéria, ele nada mais via. Da sua mente não se elevava a menor cintila de fé, e uma alma sem fé é nave sem bússola, abandonada às fúrias de um mar tempestuoso. Morreu confor-

me viveu! Sòzinho com a sua dor, sem que a lembrança de qualquer ação generosa ou de algum nobre sentimento viesse suavizar-lhe o amargar dos remorsos, sem que nenhum ente amado acudisse a confortá-lo, a tirá-lo do seu desespero. Quem com ferro mata com ferro morre! Eis a lei. Mas que digo, santo Deus de bondade! Esquecia-me de que jamais devemos julgar a quem quer que seja, máxime tratando-se de um ser que talvez já se encontre dando conta das suas ações à suprema justiça divina! A única coisa que devemos fazer, meu filho, é orar a Deus, pedindo-lhe se digne perdoar-lhe, conforme neste momento o fazemos, também do fundo de nosso coração.

— Assim seja, murmurou Adriano.

E sentando-se no leito, e descansando a cabeça no peito do abade, juntou suas preces à oração do nobre velho, que, sustentando-o em seus braços, enxugava piedosamente aquelas lágrimas que lhe rolavam pelo lívido semblante.

Miragens celestes

Passou-se mais um ano e, durante esse tempo, Adriano experimentou várias alternativas. Havia dias que passava muito bem, reanimando as esperanças do pobre abade e de toda a confraria, que o amava sinceramente.

Logo após, decaía visìvelmente, forçado a permanecer no leito, pois os acessos de tosse eram tão frequentes, e o deixavam tão abatido, que já não podia sustentar-se de pé.

Então, leigos e frades desvelavam-se, multiplicavam-se, movendo-se silenciosamente em volta dele, uns rezando e pedindo ao Todo Poderoso a saúde

do irmão querido; outros preparando medicamentos e prodigalizando-lhe toda a sorte de cuidados.

Adriano, vendo-se objeto de tanta estima da parte de todos, sorria tristemente, dizendo-lhes:

— Não se amofinem tanto por minha causa. Isso está por pouco... Porque se cansarem tanto assim, querendo conservar uma vida que se extingue lentamente?

— Calai-vos, irmão Adriano — exclamavam os frades. Não deveis falar assim, pelo contrário, deveis pensar ùnicamente em viver bastante, pois assim o desejamos todos nós que, bem sabeis, vos estimamos profundamente.

— Obrigado, irmãos queridos, repetia o mancebo. — Bem sei que todos me estimais. Deus de misericórdia, como sois bom, pois, no meio dos maiores infortúnios, me encaminhais sempre corações generosos, cujo doce afeto suaviza todas as tristezas e aflições.

De todos, quem mais sofria era o pobre velho, que, com imenso pesar, via escapar-se-lhe aquele ente tão querido.

Nomeara um outro frade para que o substituísse na direção do convento e assim pudesse estar sempre junto do enfermo, empenhado em disputá-lo à morte traiçoeira.

Baldado intento! Adriano definhava... Seus dias estavam contados. O rosto bem mostrava que, no relógio da eternidade, prestes ia bater a hora do desprendimento daquela alma, para evolar-se no espaço infinito.

Chegou o outono e com ele os dias tristes, nublados, em que as folhas secas, impelidas pela fortíssima ventania, se desprendiam para, no meio de angustiosos gemidos e queixumes, irem rolando vertiginosamente ao longo dos poeirentos e solitários caminhos.

Adriano há bastantes dias não podia levantar-se, tão grande a fraqueza que o dominava.

Todos os frades estavam convencidos de que aquela vida não iria além de alguns dias. Apesar dessa convicção, redobraram de esforços, esperando algum milagre da Divina Providência.

Frei Jerônimo, desconsolado, orava constantemente, pedindo com fervor a graça de, quando Adriano partisse, morrer também ele.

Pobre velho! Sentia invencível horror à soledade, entre aqueles lôbregos muros, acompanhado ùnicamente das suas tão tristes e dolorosas recordações.

Só, sim, pois já sabia que nem podia expandir-se com os outros frades, conforme o fazia com o seu querido Adriano.

E, depois, amava-o tanto, que, embora estivesse convencido de que na eternidade havia de encontrá-lo, o pensamento de uma separação, mais ou menos longa, fazia-o sofrer.

Certa manhã, Adriano abriu os olhos e fixou-os melancólicos no rosto do abade, que se achava sentado à cabeceira do leito.

Duas lágrimas lhe rolaram pelas desbotadas faces.

— Porque choras? perguntou-lhe com voz aflita.

Respondeu-lhe fitando o espaço, que se divisava através das vidraças:

— Queria levantar-me.

— E' possível? — exclamou o abade, sentindo no coração um choque de alegria, ante a ideia de um restabelecimento.

— Sim! Queria passear um pouco...

— Pois sim! Já que assim o queres, seja!

E encarando a comunidade que se achava quase toda reunida no corredor, frente à porta da cela, ordenou:

— Vistam-lhe o hábito.

Dois frades se adiantaram e, tomando a túnica, vestiram-no.

Logo apoiado ao braço do velho, saiu pelo corredor, dirigindo-se, embora lentamente, à porta que dava acesso ao claustro.

— Não filho, exclamou prontamente o abade, ao perceber-lhe a intenção: ali fora, não, pois venta muito e poderia fazer-te mal.

— Há tanto tempo que não vejo tudo aquilo... Como me sentiria feliz se pudesse passear, mais uma vez, debaixo das colunatas e abóbadas.

— Mas, não, Adriano. Justamente hoje, que pareces melhor, não devemos abusar; poderás recair.

O substituto do abade, que contemplava entristecido o rosto do enfermo, apromixou-se, dizendo:

— Deixai-o, pai Jerônimo. Fazei-lhe a vontade; todos nós o acompanharemos no seu passeio. Lá fora venta muito, é verdade, mas nada lhe pode ser prejudicial.

— Ao contrário, ajuntou Adriano; até deve fazer-me bem, talvez o ar me venha refrescar um pouco a fronte, pois sinto abrasar-me nesta febre que não me abandona.

Apoiando-se nos braços do abade e do seu substituto, saiu do claustro.

Deram uma volta por baixo das colunatas, sempre seguidos por toda a confraria.

Frades e leigos, em voz baixa, falavam entre si, estranhando sobremaneira aquela melhora inesperada. Depois de o terem visto prostrado tantos dias no leito, não sabiam que pensar daquela reação repentina.

Ao passarem defronte de um banco, o enfermo mostrou desejos de sentar-se para descansar um pouco. Seus dois sustentáculos sentaram-se ao lado. Os frades fizeram outro tanto, nos diversos bancos que ali havia espalhados.

Passado um instante, no qual Adriano vagava os olhos pelo claustro, como se quisesse despedir-se para sempre daquele aprazível lugar, levantou-se.

— Vamos para a cela, disse — com voz quase imperceptível.

Pela mesma forma por que saíram, assim entraram, e, sempre acompanhados da comunidade, entraram na cela.

Adriano sentou-se numa poltrona junto da janela.

— Sentai-vos — disse — todos em volta de mim; não me abandoneis...

— Não, filho, não te abandonaremos — exclamou o abade, com acento de voz entrecortada pela emoção, pois percebia que o desenlace estava iminente.

No meio de profundo silêncio, frades e leigos sentaram-se no chão, em torno do rapaz.

As lágrimas rebentavam de todos os olhos. Acabavam de compreender que aquela reação era a última e que Adriano morreria.

Ah! Quisera despedir-se de todos aqueles lugares, onde tantas horas passara absorvido em suas tristíssimas reflexões. Aquele esforço acabara de esgotá-lo.

Chegara o momento decisivo, e ele, em plena lucidez espiritual, queria despedir-se de todos.

Frei Jerônimo, que lhe percebera o intuito, a

custo retinha os soluços que lhe desgarravam do peito.

Ajoelhou-se-lhe aos pés e, tomando-lhe as mãos, principiou a beijá-las com ardor, como se pretendesse tirar-lhes a algidez da morte, comunicar-lhes novas forças, nova vida, com o calor dos seus beijos.

Adriano levantou o olhar e fitou o espaço totalmente encoberto.

Depois de tênue suspiro, disse com voz apenas presumível:

— Que dia tão triste!... Como gostaria de ver novamente o Sol, embora por um momento, antes de partir.

— Partir?! — tu não podes fazê-lo, disse o velho desatando em pranto; tu não podes deixar-me sòzinho, abandonado neste mundo de misérias, velho como estou... Não partas ainda, filho. Não estás vendo como todos aqui te amam e sentem a tua partida?!

Passou o olhar pelos frades, e, ao vê-los todos ajoelhados em volta dele, chorando silenciosos, Adriano sentiu-se sensibilizado no âmago do coração, dizendo com um triste sorriso:

— Sim! Bem sei que todos me estimais... conforme vos estimo a todos. Ainda é bom quando amamos e nos sentimos amados pelos seres que envolvemos em nossa afeição. Ah!... Se possível fôsse, neste instante pediria a Deus me prolongasse a existência por algum tempo, pois sou bem feliz no meio de todos vós... Já não é possível, contudo. Este pobre corpo já não responde às necessidades do espírito. Só por um poderoso esforço de vontade posso resistir aos impulsos de atirar-me à imensidade, atraído pelo Infinito. Ùnicamente, o imenso amor, que por mim sentis, me prende ainda junto

de vós. Sinto deixar-vos... entretanto, conforta-me o pensamento de, na eternidade, nos reunirmos para jamais nos separarmos.

No mesmo instante, o Sol abriu uma fenda no toldo de nuvens cinzentas que sombreavam o firmamento, e seus raios, coando-se através daquela abertura, foram iluminar o moribundo.

Um sorriso de alegria lhe aflorou nos lábios e seus olhos absorviam, com deleite, aquele áureo nimbo. Então, falou:

— Quanta beleza, meu Deus! E' o Sol que vem alegrar os últimos momentos do meu estágio na Terra e vivificar minhas esperanças, desenvolvendo à minha vista a perspectiva brilhante de um futuro luminoso! Bela que é a luz!

Pai Jerônimo, incapaz de resistir por mais tempo à imensidade de sua dor, exclamou, num grito lancinante:

— Oh! Deus de misericórdia, amparai-me. Na minha triste solidão, quem virá confortar-me e ajudar a beber o meu cálice de amargura? E quando a tétrica Parca vier envolver-me no seu mistério, quem suavizará minha dolorosa agonia?

O rapaz inclinou-se e, depositando um beijo na fronte do nobre velho que chorava desconsoladamente, respondeu:

— Sossegai, meu avôzinho querido, pois eu não vos deixo absolutamente, não; a afeição que sinto por vós todos é bastante intensa para que minha pobre alma deixe de ser frequentemente atraída pela vossa saudade.

Sim, eu descerei a fortalecer-vos e alegrar-vos a triste solidão. Suavizarei a vossa agonia e vos ajudarei a desligar-vos dos laços que vos prendem à matéria. Não deveis atormentar-vos, meu avôzinho, pois longe não está o dia da vossa libertação.

Escutai-me todos, irmãos, pois a hora se aproxima e, pelo última vez, aqui na Terra, quero dirigir--vos a palavra.

Descansou um momento. Logo, enxugando com a palma da mão o suor da agonia, que pela fronte escorria em bagas, continuou em meio de profundo silêncio:

O Universo é uma corrente suspensa na imensidade, cujas pontas são presas pelas mãos do Criador. Corrente indestrutível, eterna! Nem poderá ser de outra forma, pois sendo, como é, obra sua, deve ser tão eterno e infinito quanto Ele mesmo.

Nessa corrente, tudo vibra em harmonia, igualdade e perfeição. E poderia Deus criar obra imperfeita? Jamais! Pois se tal fizesse, já não seria Deus! Sê-lo-ia ùnicamente aquele que criasse obra mais perfeita que a obra excelsa da Criação. Os elos dessa corrente, que misteriosamente se estendem pelo infinito além, são formados por todos nós.

Deus, na sua imensa bondade, criou-nos a todos absolutamente iguais, e, dando-nos prova da sua incorruptível justiça, dotou-nos das mesmas faculdades e idênticas aptidões.

No "mare-magnum" das existências, a que somos atirados para desenvolver nossas múltiplas faculdades, deparamos, constantemente, com o redemoinho das mais desencontradas paixões, no qual nos deixamos envolver, apesar de muitas vezes procurarmos evitá-lo.

Se não andarmos precavidos, acabamos por cair, vítimas da própria matéria que escolhêramos, e que nos devia servir para pôr em execução aqueles projetos formulados no plano espiritual.

Ai de nós, se, em nossa queda, arrastarmos conosco algum dos elos dessa corrente, perturbando dessa forma a harmonia que deve reinar no Universo! Então, coisa alguma poderá liebrtar-nos da punição que sobre nós atraímos. Somos, então, forçados a sofrer tanto quanto os outros vêm sofrendo por nossa causa... Devemos passar pelo intrincado labirinto de novas e amargas existências, até reconstituir, novamente, aquilo que destruímos, até restabelecermos a harmonia por nós perturbada... E, felizes, poderemos considerar-nos, quando, bebendo no manancial das nossas próprias crenças, haurirmos a força necessária para resistir à punição, auxiliados por alguma convicção firme e bem consolidada, de vez que, em novos e profundos abismos, muitos séculos se passarão, antes que possamos ganhar quanto perdemos.

Interrompeu-se, novamente, pois principiava a faltar-lhe o ar.

O Sol, meio encoberto pelas nuvens, continuava com os seus mortiços raios a iluminar-lhe o semblante, mais mortiço ainda.

Os olhos empanados pelos tênues véus da morte, aprofundavam-se-lhe notàvelmente dentro das órbitas.

Após breve pausa, continuou:

— A esperança, aurora suave, é sempre o conforto de uma alma grande, que, em seu próximo raio, percebe nìtidamente a realização mais ou menos longínqua das suas santas aspirações.

Como é formosa a luz da esperança!

Procurai, irmãos meus, que jamais se apague em vossa mente essa luz refrigerante, que vem derramando celestes consolações sobre os amargurados e aflitos corações!

Aproximai-vos, caros irmãos, pois quero apertar-vos em meus braços pela última vez, neste planeta de expiações, já que na eternidade nos deve-

remos encontrar novamente, para nos unir-nos num amplexo de indissolúvel amor.

Todos se levantaram, e um, após outro, o abraçaram, indo de novo ocupar o seu lugar.

Adriano teve para todos uma frase de conforto. Frei Jerônimo foi o último e, permanecendo ajoelhado a seus pés, disse enquanto lhe beijava as mãos já frias:

— Vai então, filho querido; vai descansar e gozar da paz sideral, já que é da vontade de Deus.

E derramando abundantes lágrimas, acrescentou:

— A única coisa que te peço é que venhas buscar-me o mais breve possível, pois os meus dias serão bem tristes sem a tua doce companhia!

— Sim!... eu o farei, e, se nalguma coisa vos melindrei, perdoai-me Vós também, ó Santo Deus!

Seu olhar procurou, mais uma vez, o espaço infinito, parecendo embeber-se na sua contemplação. Logo, os olhos fecharam-se; o peito, que momentos antes arfava ansiosamente, quedou e a cabeça inclinou-se, acabando por ficar imóvel, apoiada no ombro do frade que o amparava.

Este, dirigindo-se à comunidade, disse solenemente:

— Meus irmãos! Oremos pela alma, que, neste instante, deixa a Terra para subir ao reino de Deus!

Frei Jerônimo, ouvindo estas palavras, levantou-se, e, soltando um grito de angústia, caiu exânime nos braços de frei Antão. Os leigos o transportaram à sua cela, e, depositando-o no leito, procuraram reanimar-lhe os sentidos, o que se dava instantes depois.

Passadas algumas horas, o corpo de Adriano foi colocado no centro da capela, sobre singelo catafalco rodeado de muitos círios. Frades e leigos, ajoelhados em volta dele, entoavam o "De profundis".

Os sinos tangiam, lentamente, e os seus ecos, neniosos e tristes, anunciavam aos fiéis o fim de uma existência humana.

No espaço

Subia!!... subia sempre! Não podia definir bem o lugar em que me encontrava, embora mal adormecidas reminiscências me deixassem perceber que aquele lugar não me era totalmente desconhecido.

Sucediam-se as atmosferas, que por um efeito de óptica, naturalíssimo, pareciam cair sobre minha cabeça e, no entanto, era eu quem as atravessava, subindo sempre. Essas atmosferas eram bem diversas.

Eu, que me achava aturdido, perturbado, como quando se desperta de um sonho profundo, via tudo confusamente, sem poder compreender a razão daquele passar e repassar de atmosferas e nevoeiros.

Conservando ainda a ilusão dos sentidos materiais, tão recente era o meu desprendimento, tinha perfeitamente a sensação de que o estado daquelas atmosferas me cansariam como se eu revestisse ainda o corpo humano.

Havia atmosferas quentes, abrasadoras; outras gèlidíssimas; outras, neutras; puras e transparentes algumas, outras densas e persistentes.

Quanto mais me elevava, mais puro sentia o ambiente, mais agradável e empolgante.

Chegou o momento em que pensei que, talvez, parando e observando bem os detalhes, poderia, fi-

nalmente, chegar ao conhecimento do lugar onde me encontrava.

Logo que assim pensei, efetivou-se o meu desejo, isto é, parei.

Senti, sob os pés, o contacto de uma superfície sólida.

Admirado, olhei em volta de mim.

Meu Deus! que soberbo espetáculo!

Achava-me numa vasta planície, cercada de montes elevadíssimos.

Eram, estes, espumosos, alvíssimos, quais grandes flocos de algodão. Os raios do Sol, que esplêndidamente brilhava, puro como jamais o contemplara na superfície da Terra, ao incindirem naqueles flocos, arrancavam-lhes diamantinos reflexos.

No intuito de analisar a natureza daquelas massas, aproximei-me de uma. Com surpresa observei serem tão transparentes que, através da sua composição, divisavam-se perfeitamente as particularidades todas daquele lugar, verdadeiro oásis onde a vida parecia transcorrer no meio de uma paz e calma perfeitas.

Avancei o braço para tocar e experimentar a resistência daquela matéria tão transparente e cristalina e... ó Deus do céu!... era impalpável!

Dei então, um passo... outro... mais outro... e encontrei-me do outro lado! Era uma mole nevoenta! Um simples nevoeiro através do qual acabava de passar, sem a menor dificuldade.

— Ah! — disse então comigo mesmo, se ao menos encontrasse alguém, por aí, que pudesse elucidar-me!...

Nem bem acabava de formular este pensamento, quando vi destacar-se ao longe, naquele brilhante horizonte, um ponto mais brilhante ainda, que ràpidamente se vinha aproximando.

Enquanto ia avançando, tomava a forma de criatura celestial. Era um verdadeiro anjo de rara beleza, em cuja fronte brilhava cintilante estrela. Ao chegar junto de mim, deixei-me cair de joelhos, exclamando com alegria, pois acabava de reconhecê-la.

— Meus Deus, És tu, mãe querida?!

Era Marta, que, com divinal sorriso, estendeu os braços, e, levantando-me, cingiu-me com amor, enquanto dizia:

— Meu filho, até que finalmente podemos reencontrar-nos, mas, desta vez, para não mais nos separarmos.

— Mãe, quanto te amo! A tua presença neste lugar acaba de desvendar-me o mistério... Acho-me no espaço, não é?

— Sim, meu filho. Morreste já, para a vida humana. Teu pobre corpo descansa exânime sob a fria lousa do triste sepulcro, enquanto a tua alma, já livre da matéria, vem expandir-se alegremente nesta imensidade indefinível.

Ao proferir tão doces palavras, a voz lhe vibrava suavemente, quais acordes harmoniosos de uma lira celeste, divinal!

Eu, seduzido pelo encanto que se desprendia daquele arcanjo, perguntei:

— Será, pois, este lugar algum recanto do paraíso?

Ela, apertando-me amorosamente em seus braços e deixando vagar pelos lábios um seráfico sorriso, respondeu:

— Que me estás tu dizendo, filho? Um recanto do paraíso? Assim, tu pões limites à grandiosa obra da criação! Bem se vê, Adriano, que acabas de sair da perturbação em que a morte nos envolve!

Soltando-se e voltando-se à direita, estendeu

o braço e, indicando-me aquela parte do espaço, disse:

— Olha!

Deus do céu! que vi?

Do braço lhe emergiu vivíssimo raio de luz, que se estendeu pela imensidade além, e ali dentro pude perceber, perfeitamente, milhares e milhares de sóis, em volta dos quais evolucionavam planetas e satélites, em cujas rugosas superfícies minha vista descobria humanidades e mais humanidades, florescendo em artes e ciências.

Logo, voltando-se para a esquerda, estendeu o outro braço, do qual escapou novo raio, que apresentou a meus olhos maravilhosos anéis de mundos, mais esplêndidos, ainda, que os primeiros.

Foi-se voltando em todas as direções e a cada novo raio, que se desprendia dos seus braços, eu ficava deslumbrado pelas esplêndidas miragens que se me apresentavam, cada vez mais divinamente portentosas!

Admirado pela manifestação de tantas maravilhas, exclamei, entusiasmado:

— Oh! mãe querida, como é grandiosa a obra de Deus! Bem vejo, agora, que ela ultrapassa os limites a que pode chegar a humana inteligência mais ativa e desenvolvida.

— E não penses, Adriano, que aqui acaba essa obra, pois quanto mais a inteligência dilata o raio das suas percepções, tanto mais grandiosa e brilhante percebe a obra da criação. E' inconcebível, meu filho, infinita como Deus !

— Deus!... Ah! se eu pudesse vê-lo...

— Vê-lo!... não o podes ainda, porém, poderás concebê-lo, formar uma ideia, embora pálida, da sua grandeza e onipotência.

— Seria possível?!

— Sim! Prepara a tua alma e admira a glória de Deus! Devemos descer, disse Marta, até às atmosferas inferiores, onde se acha Carlos, mergulhado em sofrimentos e torturas.

— Meu Deus! exclamei, com espanto. Ele sofre?!

— Sim, é natural que assim seja: ele deve sofrer, tanto quanto os outros sofreram por sua causa: — essa é a lei da justiça suprema que impera no Universo. Colhemos aquilo que semeámos! Eis tudo...

— E' verdade, assim deve ser; mas... ele é meu pai...

— Era, meu filho; agora já não é mais que uma alma tão digna do teu amor, como qualquer outra. Ele deve reencarnar novamente para, em outra existência de dores e sofrimentos, reparar todo o mal que fêz e arrancar do livro do seu destino a página negra dessa última e tão negregada existência. Acha-se arrependido de todas as suas faltas passadas, disposto a retomar um corpo, mas não poderá fazê-lo sem primeiro ouvir dos teus próprios lábios o tão desejado perdão.

— Meu Deus! Vamos, pois, depressa. Ah! espera! E Branca? E Helena? Que foi feito delas que não as vejo aqui?

— Estão com ele.

— Como?! Aqueles dois anjos de bondade no orco dos sofrimentos?

— Filho, elas cometeram uma falta, já que não podemos cortar voluntàriamente o fio da existência material — depósito sagrado que Deus nos concede. Branca é menos culpada, pois que o fêz para não contaminar a flor de sua pureza.

As duas encontram-se no mesmo grau, pois

Helena depurou-se muito, bebendo o cálice amargo da dor.

Ela sofreu muito, Adriano, durante todo o tempo que permaneceu na erraticidade, convertida em teu protetor. Ambas já se poderiam elevar a melhores ambientes, mas, de comum acordo, preferem ficar perto de Carlos, para confortá-lo e suavizar-lhe o sofrimento com as suas consolações. A elas é que se deve o seu completo e sincero arrependimento e o desejo, que o anima, de regenerar-se e reparar todas as faltas.

— Nobre proceder!

— Vamos, pois, Adriano!

Assim dizendo, enlaçou-me o braço e principiámos a descer.

Atravessámos, novamente, porém em sentido contrário, aquelas atmosferas que eu já conhecia. Eu vinha percebendo que, quanto mais densas e compactas eram essas atmosferas, tanto mais a brilhante e formosa forma de Marta se desvanecia, isto é: tornava-se menos visível.

Chegou a um ponto em que quase desapareceu, apesar de sentir sempre o contacto do seu braço, enlaçado ao meu.

Senti como que um desfalecimento ao vê-la transformada num vago nevoeiro, que se perdia através daquela densidade ambiente.

— Mãe! — exclamei assustado, porque é que te não vejo?

— Isso te assusta? — perguntou-me com doçura. E' naturalíssimo; não é outra coisa que os efeitos da matéria de que se acha impregnado este ambiente. Queres tu ver-me tão perfeita como há pouco? Faze um poderoso esforço de vontade.

Obedeci, pus toda a força de vontade naquele desejo e... novamente a vi, bela e radiante, junto de mim. Mas... foi um só momento.

Essa visão durou tanto quanto o impulso de minha vontade.

— Para que vejas, disse Marta, que nesta vasta imensidade o que predomina é a vontade.

Por agora, ainda sentes as impressões da matéria, por ser muito recente o teu desprendimento. Quando tiveres aprendido a sustentar o impulso da tua vontade, já não haverá nada obscuro dentro dos limites a que tua percepção possa chegar, conforme o teu grau de perfeição.

Olhei em volta de mim, ao sentir uma certa impressão desagradável.

Achava-me como que oprimido por aquela densidade, que parecia dificultar-me os movimentos.

Parámos.

Encontrávamo-nos no meio de uma paisagem que oferecia aspecto tristonho e desolador. O solo, pantanoso, lamacento, era frequentemente recortado de abismos e precipícios, cujas bocas se escancaravam aos meus pés, que deslizavam sem tocar naquela acidentada superfície.

Daquelas tenebrosas aberturas saíam gritos e lamentos, que ecoavam sinistramente no meio de espantosa confusão.

— Meu Deus! — exclamei, que lugar horrível!

— Outros há mais espantosos ainda — respondeu Marta.

Seguindo-lhe o braço que me guiava entre aqueles horríveis desfiladeiros, cheguei junto de um monte que erguia a sua mole íngreme a grande altura.

Na base, rente ao solo, abria-se uma gruta, em cuja entrada havia dois seres conversando amistosamente.

Eram duas formosíssimas criaturas de cabeleira solta ao vento e túnicas flutuantes, cuja alvura se destacava naquele tétrico e sombrio lugar.

Pareciam dois anjos derramando suas consolações num sítio desolado. Mesmo de longe, senti-me ligado àqueles dois seres por uma poderosa atração.

Fixei o olhar e... Deus do céu! Reconheci-os no mesmo instante em que eles sorriam amorosos e felizes.

Mais veloz que o próprio pensamento, voei até junto deles.

— Helena! Branca! — exclamei com alegria.

Abraçámo-nos efusivamente os quatro.

— Quanto te demoraste, filho! — disse Helena.

— Esperava-te com ansiedade! ajuntou Branca.

— Ai de mim! — gemeu uma voz triste, que ecoou dolorosamente no interior da caverna.

— Meu pai! disse eu, sentindo uma dor a penetrar-me todo o ser.

— Sim! — respondeu Branca, enlaçando o braço no meu.

Logo, continuou:

— Coitado! Como ele sofre!

Os remorsos mais pungentes não o deixam, apesar do nosso conforto.

Vem! pois ele espera, ardentemente, o teu perdão!

Internámo-nos na gruta, enquanto que Helena e Marta ficaram ali, entretidas em amistosa conversa.

Num dos cantos, onde a escuridão era mais compacta, achava-se prostrada uma sombra, mais escura ainda que a treva ali reinante.

Antes de vê-lo, pressenti-o, adivinhei-o: — era meu pai, ou, seja, Carlos de Calatrava!

Oferecia o mais triste dos aspectos. Gemia constantemente, acabrunhado de remorsos.

Carlos ajoelhou-se, ràpidamente, exclamando num êxtase de felicidade que se estendeu por todo ele, deixando entrever-se menos sombrio.

— Ah! és tu, anjo consolador?

— Sim, respondeu Branca, afetuosamente. Sou eu, que, finalmente, venho trazer-vos o bálsamo que deve cicatrizar as feridas abertas pelos remorsos no vosso pobre coração.

O Todo Poderoso jamais se esquece daqueles que sinceramente se arrependem.

Preparai-vos, Carlos de Calatrava, preparai-vos para receber o perdão daquele que na Terra foi vosso filho.

— Como? Adriano? Ah!... não posso vê-lo!...

— Faze-te visível, Adriano — ordenou Branca.

Fiz um poderoso esforço mental e tornei-me todo luminoso.

Carlos abraçou-se-me aos pés e, beijando-os, debulhado em lágrimas, exclamou, com acento desesperador:

— Em nome de Deus, Todo Poderoso, perdoa, meu filho... perdoa a teu pai!

Inclinei-me e, beijando-lhe a fronte abrasada pela febre, que nele produziam sofrimentos morais, respondi, sem poder conter as lágrimas:

— Em nome desse Deus que acabais de invocar... eu vos perdoo!

E levantando-o, abracei-o. Depois, continuei:

— Aqui em meus braços, quero ver-vos e não a meus pés, pois só devemos prostrar-nos perante a majestade excelsa de Deus.

— Graças! Que Deus te abençoe, filho, pelo

bem que acabas de fazer-me — disse, apertando-me em seus braços e beijando-me nas faces e na fronte, louco de alegria.

Durante muito tempo confundimos nossos beijos e lágrimas. De pronto, Branca aproximou-se, dizendo:

— Basta! A felicidade tem também seus limites. Chegou a hora de aprontar-vos para o sacrifício. Deveis principiar novas lutas e...

— Sim... é verdade! ajuntou Carlos. Acho-me já disposto e, se não me faltar o vosso auxílio, Branca, creio vencer desta vez.

— O meu auxílio jamais vos faltará. Minha missão, a partir deste momento, é bem encaminhar-vos, e coisa alguma conseguirá desviar-me dos meus propósitos. Serei o vosso anjo protetor!

E, dirigindo-se a mim, ajuntou:

— Adriano, devemos separar-nos novamente, mas nossa separação será apenas momentânea, pois frequentemente nos havemos de encontrar.

Eu aproveitarei todos os instantes que a missão a desempenhar junto de Carlos me deixar livre, para voar ao teu encontro e trocarmos alegremente as nossas impressões. Até breve, pois, finalizou, abraçando-me.

Logo, dirigindo-se àquele que fora meu pai na Terra, disse-lhe, após haver recebido um casto beijo que depositei em sua puríssima fronte:

— Vamos, Carlos de Calatrava, pois a hora chegou.

Ambos, de mãos entrelaçadas, desapareceram na penumbra da caverna, não sem antes me envolverem num sorriso de amor e felicidade.

Não tendo mais nada a fazer lá dentro, saí da gruta. No limiar, encontrei Marta que, formosa e radiante, me aguardava.

— Marta, onde está Helena? que foi feito dela — perguntei, olhando em volta de mim.

— Ah! meu filho; ela foi reunir-se a eles, pois vai reencarnar no mesmo lar de Carlos, para, mais tarde, sob o mesmo teto, confortá-lo e suavizar as amarguras da triste e dolorosa existência que ele deve encontrar.

Branca, transformada em anjo protetor dos dois, continuará daqui, velando por eles; reanimando-os, quando a coragem lhes faltar, guiando-lhes sempre os passos pela senda do bem.

Finalmente, ela se esforçará para que esta existência lhes seja proveitosa e, uma vez terminada, possamos reencontrar-nos nesta imensidade e não mais nos separarmos.

— Nobres corações! — exclamei com enlevo. Que Deus nos abençoe!

Enquanto conversávamos, subíamos, até nos encontrarmos naquela brilhante região, onde, anteriormente, nos avistáramos.

Assim que ali chegámos, vi com grande assombro que aquela vastíssima imensidade se achava completamente povoada de seres angélicos, cuja irradiação, combinando-se, produzia luminosidades estranhas, de tonalidades indescritíveis.

Uns, parados, conversavam fraternalmente, outros passeavam tranquilamente e seus rostos contemplativos os revelavam inteiramente preocupados na decifração de algum elevado problema filosófico. Outros passavam céleres, como que no cumprimento de alguma importante missão: talvez levar conforto a algum coração aflito. Finalmente, outros davam expansão às suas faculdades artísticas, ferindo delicadamente cordas de instrumentos, cujas vibrações, combinadas, se ampliavam maravilhosamente naquela imensidade, em majestosa, divina harmonia!

— Ah! Como me sinto feliz neste ambiente de paz. Aqui, a alma pode descansar das suas fadigas e daquele esgotamento que sempre lhe acarreta uma jornada material.

— Sim — respondeu Marta —, a alma pode descansar, mas não penses, filho, que aqui reine a inatividade, pois quanto maior for o grau do seu desenvolvimento, tantos mais a alma dilata seu raio de ação.

Queres saber, Adriano, qual o nosso trabalho nestes espaços brilhantes? — E' beber, constantemente, na fonte universal, os vastos conhecimentos da mais alta sabedoria; alimentarmo-nos, uns aos outros, com os eflúvios vivificantes de um puro e santo amor; sustentarmos a harmonia que deve reinar, sempre, no Universo; isto é: impelindo as pobres almas na senda da evolução, quando elas, esquecendo sagrados deveres, ou talvez baldas de força, não o façam por si mesmas.

Naquele instante, veio ao nosso encontro imensa falange de seres resplendentes .

Imediatamente, reconheci boa porção deles, como identificados, de eras remotíssimas, por laços de amor ou de sincera amizade.

Abraçámo-nos fraternalmente, separando-nos de novo, após haver trocado nossas impressões.

Que singular contraste oferece este cenáculo brilhante, comparado àquelas tétricas paisagens a que há pouco descemos!

Jamais eu pudera presumir que nesta imensidade existissem lugares de tanta desolação!

— E muito piores ainda, filho. Nas atmosferas mais próximas da Terra, existem paragens horríveis, terrificantes, onde o ambiente que se respira é contaminado de tal maneira que nós mesmos já não podemos ali baixar.

— Será possível? exclamei horrorizado. E qual a razão da existência dessas atmosferas?

— E' fácil de compreender, e vou explicá-la: E' a alma que forma o seu próprio ambiente e uma aglomeração de almas constitui uma atmosfera.

Sendo aquelas atmosferas constituídas por almas atrasadas, votadas inteiramente ao mal, trazendo a consciência larvada de manchas, por crimes perpetrados e constantemente assediadas pelos remorsos, essas atmosferas devem ser, forçosamente, terríveis.

Os pensamentos, anseios, esperanças e ilusões dessas almas atrasadas, irradiando fora delas e confundindo-se com os fluidos materializados que delas se desprendem, formam esses báratros espantosos de desolação e morte, terror de todas as almas mais ou menos evoluídas.

Ao contrário, a reunião de número mais ou menos avultado de seres elevados e puros, forma o que estás vendo: esplêndidas e brilhantes miragens, que vêm constituir a realização das esperanças idealizadas pelos mais justos e santos desejos.

E Marta levantou os olhos súplices, ao mesmo tempo que alçava os braços dos quais se desprendiam dois raios potentes.

Logo os baixou lentamente, traçando no espaço um círculo completamente fechado.

A seguir, cruzou as mãos ao peito, absorvendo-se numa prece, enquanto o círculo se ia dilatando, até tomar uma amplitude inconcebível.

Descrever o que vi naquela imensidade, é quase impossível. No entanto, tentarei fazê-lo, embora vossa linguagem seja tão pobre de palavras e conceitos.

No centro do vasto círculo, formado por esplêndida luz de azul safira, destacava-se enorme

rosa de fogo, de contornos indefiníveis e da qual se desprendiam, constantemente, áureos raios a projetarem cintilações deslumbrantes.

Em volta da rosa e por ela atraídos, giravam, vertiginosamente, milhares de sistemas planetários, cujos sóis carreavam avultado número de planetas e satélites.

Em seu movimento de translação à volta da rosa maravilhosa, os sistemas aproximavam-se-lhe cada vez mais, atraídos por ela, acabando os mais próximos por se confundirem na sua magnífica irradiação.

Perante aquela divina apoteose de glória e poder, senti que a alma se me repletava de sensação até ali desconhecida, como se o infinito a inundasse e com ele me identificasse.

Bastou aquele pálido reflexo da glória imensa de Deus, para que eu O compreendesse!

Nós somos em Deus, como a gota d'água no imenso oceano!

Apesar de simples átomo, eu sentia a poderosa atração que a rosa divina em mim exercia.

Minha alma inebriou-se dos eflúvios que d'Ele se desprendiam e, deixando-me cair de joelhos, sem poder desviar os olhos, incapaz de resistir a tão poderosa sedução, exclamei:

— Adoro-vos, meu Deus! adoro-vos! Minha alma anseia fundir-se convosco!

— Adriano! — disse Marta, tocando-me no ombro: Esta fusão virá, não duvides; será, porém, mais tarde, quando atingirmos o máximo da Ciência e da Perfeição!

Precisamos conquistar a Ciência em sua mais elevada expressão, para podermos conhecer, e devidamente compreender, a Entidade divina.

Precisamos sensibilizar-nos ao ponto de o nosso ser transformar-se em vibração do próprio sentimento, cujo foco é Deus.

Finalmente, filho querido, torna-se necessária a perfeição, para nos fazermos dignos de Deus; para fundirmo-nos n'Ele; isto é: viver n'Ele e por Ele.

Em ouvindo estas palavras, levantei a cabeça para contemplar Marta, cuja figura irradiava.

A divina miragem evaporou-se... Estávamos sós no meio daquele brilhante horizonte.

— Vem a meus braços, concluiu ela com radiante sorriso.

Alcei-me e abraçámo-nos efusivamente. Sùbitamente, acudiu-me um pensamento...

— Ah!... perguntou Marta, de pronto. Queres vê-los?

— Sim.

Devo advertir que naquela vasta imensidade nós nos compreendíamos perfeitamente, sem necessidade da linguagem falada, sempre áspera e ingrata.

As ondas do pensamento irradiavam fora de nós, nítidas e brilhantes, sem que perdêssemos uma só daquelas vibrações luminosas. Eu nem dera por isso, como se aquela tivesse sido, sempre, a maneira habitual de expressar-me.

As almas ignorantes e transviadas formam o ambiente que lhes convém e, embora venham a sofrer horríveis torturas, de conformidade com as ações que na matéria praticaram, não podem elevar-se até esses planos, já por lhes não permitir a densidade dos seus fluidos, já porque ficariam deslumbradas por essa luz refulgente, que deixaria destacar fortemente os seus perispíritos contaminados.

Na obra da Criação, meu filho, tudo tende a progredir e transformar-se, constantemente.

Conforme estás vendo, este horizonte sofre inumeráveis variações.

Os cambiantes de luz vão passando pela filigrana de cores maravilhosas, cada vez mais formosas.

Mesmo aquelas atmosferas em que predominam a dor e o sofrimento, embora mais lentamente, vão passando por sensíveis transformações, depuradas pelo monótono decorrer dos séculos.

Chegará um dia em que serão tão diáfanas, puras e transparentes como estas. Terão o reflexo da evolução e progresso da humanidade, e, então, a Terra será elevada a categoria de mundo superior.

Eu ouvia extasiado aquelas palavras, seduzido pelo encanto que delas se desprendia, quando sùbitamente ocorreu um fato estranho, novo para mim, embora naturalíssimo.

As ondas etéreas, que nos rodeavam, sofreram uma perturbação. Foi uma espécie de choque determinado por delicadíssima vibração, que vinha de muito longe.

— Que é isto? — perguntei surpreendido.

— Ah! respondeu Marta. Já esperava por isso. E' um ente querido que se acha prestes a desprender-se da Terra e invoca o teu auxílio. Não conheces essa voz?

Naquele momento a vibração se repetiu, confundida com o eco suavíssimo.

— Adriano!... Meu filho! parecia dizer.

— Sim! exclamei prontamente. E' ele!... Eu lhe prometi.

— Vamos, pois... Corramos a suavizar a sua

agonia e ajudá-lo a desprender-se dos liames da matéria!

Descemos com a velocidade do pensamento.

— E' noite na Terra, exclamou Marta.

Efetivamente, naquele momento, a silenciosa Lucina envolvia o planeta no seu manto de prata.

Chegámos à abadia de São Domingos. A comunidade inteira rodeava o leito de frei Jerônimo, agonizante.

Seus olhos principiaram a empanar-se. Com voz apenas inteligível, confortava os frades...

Eu experimentei um sentimento de estranha felicidade ao rever todos aqueles seres que tanto afeto me demonstraram sempre; estendi o braço, colocando a mão na fronte álgida do pobre velho, e disse-lhe:

— Venha, avôzinho, venha conosco!

Ele calou-se... voltou os olhos e, ao ver-me, esboçou um sorriso de felicidade.

— Ah! és tu, filho querido? Bem que te esperava!

Marta, derramando-lhe na cabeça uma chuva de fluidos benéficos, acrescentou:

— Venha, meu nobre amigo, pois muito sofrestes nessa triste existência e chegou a hora de vos desprenderdes desse corpo.

Vencestes na luta em que vos empenhastes, e, como recompensa à resignação com que soubestes suportar vossas provações, vinde conosco àqueles páramos onde encontrareis a paz e o sossego que tanto procuráveis, e que a Terra não vos podia dar.

— Deus de bondade! Também vós, anjo de caridade! — exclamou no auge da admiração. Vou... sim... pois não desejo outra coisa.

Oh! eu abençoo os passados sofrimentos, que

avalio em bem pouca coisa, comparados à felicidade deste momento.

Dirigindo-se aos companheiros da Terra, disse-lhes:

— Adeus meus irmãos, adeus... Na eternidade nos encontraremos.

E enquanto aquele mísero corpo exalava o último suspiro, inerte no leito, seu espírito, sustentado por nós, se elevava a essa imensidade, para iniciar-se nos mistérios da vida eterna, vida que se estende através dos séculos, em sucessivas e brilhantes evoluções.

Mais tarde, Branca, que não deixava de conviver conosco, veio a se nos reunir definitivamente, e agora, junto de Helena, está fazendo parte de uma brilhante plêiade de almas que, sob a discreta direção de Marta, vai derramando nos corações aflitos e doloridos o bálsamo suave da consolação.

Considerações finais

Deus existe! Nós somos a prova incontestável da sua existência. Nós, pequenos átomos desprendidos da grande Alma criadora, Alma do Universo, cuja ação se manifesta por infinitas e maravilhosas criações, nós todos fazemos parte integrante da obra imensa da criação, obra que, para ser perfeita, não pode prescindir de um só de nós, pois para alguma coisa seria que, nos seus desígnios inexcrutáveis, Deus nos tirou do nada, agregando-nos a esse grande todo. Deus podia haver-nos criado puros e perfeitos, mas, na sua divina sabedoria, determinou conquistássemos nós mesmos essa perfeição, que permite aproximarmo-nos d'Ele para conhecê-lo, compreendê-lo e amá-lo, tornando-nos dessarte dignos do seu amor.

A alma edifica, por si mesma, o seu porvir. Por sua vontade, por seus esforços, emancipa-se da escravidão da matéria, elevando-se cada vez mais para a luz divina e tomando parte na elaboração do Universo. Muitas vezes acontece que, durante a nossa viagem através dos mundos que povoam a imensidade infinita, nos detemos atraídos pelas efêmeras seduções da matéria, demora essa que, quase sempre, pagamos com lágrimas e sofrimentos; ao passo que, avançando sempre, de fronte erguida para o Céu, sem voltarmos os olhos para trás e sem nos deixarmos seduzir pelo passado, chegaremos mais depressa, sem sofrimentos nem fadigas, ao ápice de todas as nossas aspirações.

A vida humana é transitória e a alma toma-a ùnicamente para adquirir e desenvolver faculdades necessárias à sua evolução.

O seu ponto de atração, alvo de toda aspiração, é Deus.

Deus, que jamais teve princípio nem fim, guardará sempre em relação a nós — que embora não tenhamos fim, já tivemos princípio — aquela superioridade que justamente deve ter o Criador sobre a criatura.

Ele, harpa divina que vem espalhando no Universo as vibrações do mais excelso sentimento; nós, que somos essas vibrações, que após percorrermos todas as gradações de harmonia, devemos regressar ao ponto de partida, puríssimas e perfeitíssimas.

Devemos, pois, vibrar todos uníssonos em ciência e amor, e, assim, não sòmente auxiliaremos com a nossa colaboração a obra imensa da Criação, senão também conseguiremos que essa obra maravilhosa venha a ser o que deve ser em si mesma — a obra perfeita de Deus.

AS MESAS GIRANTES E O ESPIRITISMO

ZÊUS WANTUIL

Condensação de tudo quanto de mais importante ocorreu de 1853 a 1857, referente ao assunto das mesas girantes e falantes, fenômeno que então dominou o mundo e despertou Allan Kardec para a missão que lhe estava reservada. "As Mesas Girantes e o Espiritismo" é obra de cultura histórica que convida o estudioso a profundas meditações. Ilustrada.

NO PAÍS DAS SOMBRAS

E. D'ESPÉRANCE

Nesse livro, a Autora descreve todo o desenrolar da sua mediunidade, inclusive as dores por que passou e as sessões a que assistiram os sábios da época. Dezenas de fotografias ilustram-lhe o texto.

ALLAN KARDEC

ZÊUS WANTUIL
FRANCISCO THIESEN

Publicada em 1979 e 1980, essa obra "veio enriquecer, sobremaneira, as letras espíritas e deu ao Codificador da Doutrina Espírita a sua real dimensão na história da Humanidade.

São *três volumes*, num total de 896 páginas, dezenas de ilustrações e numerosas e preciosas informações sobre a vida de Kardec e daqueles que constituíram o seu pequeno e valoroso contingente de colaboradores diretos no plano físico.

O *volume I* apresenta uma visão muito nítida da formação moral e intelectual de Hippolyte Léon Denizard Rivail, do Instituto Yverdon, do método pestalozziano e da obra de Rivail como educador emérito. Ao final há um apêndice que elucida a respeito do nome civil de Kardec, sobre a data de seu nascimento e sobre a controvertida questão de ele ter sido ou não formado em Medicina.

O *volume II* trata da missão de Kardec, traçando um panorama que se inicia em Hydesville até as primeiras perseguições contra o Movimento espírita nascente.

O *volume III* abrange as obras espíritas de Allan Kardec, os periódicos do seu tempo, a sua desencarnação, a continuidade do Movimento, as lutas e a abnegação dos seus continuadores, o Movimento espírita brasileiro e a destinação do nosso país como Pátria do Evangelho. O apêndice final traz uma série de elucidações sobre vários pontos importantes.

A perfeita concatenação dos fatos, a forma como são apresentados num estilo claro e objetivo tornam a leitura dos três volumes muito agradável, facilitando ao leitor a assimilação de um tão grande número de informações. A figura de Allan Kardec ressalta dessa magistral obra na grandiosidade de sua missão, o que sensibiliza e emociona a quem lê.

Com este alentado trabalho (. . .) temos agora nova e completa visão do Codificador (. . .). Todos os espíritas devem ler essa obra."

(Transcrito de "O Médium", de Juiz de Fora (MG), Ano 49 — N.º 486 — fevereiro de 1981.)